



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

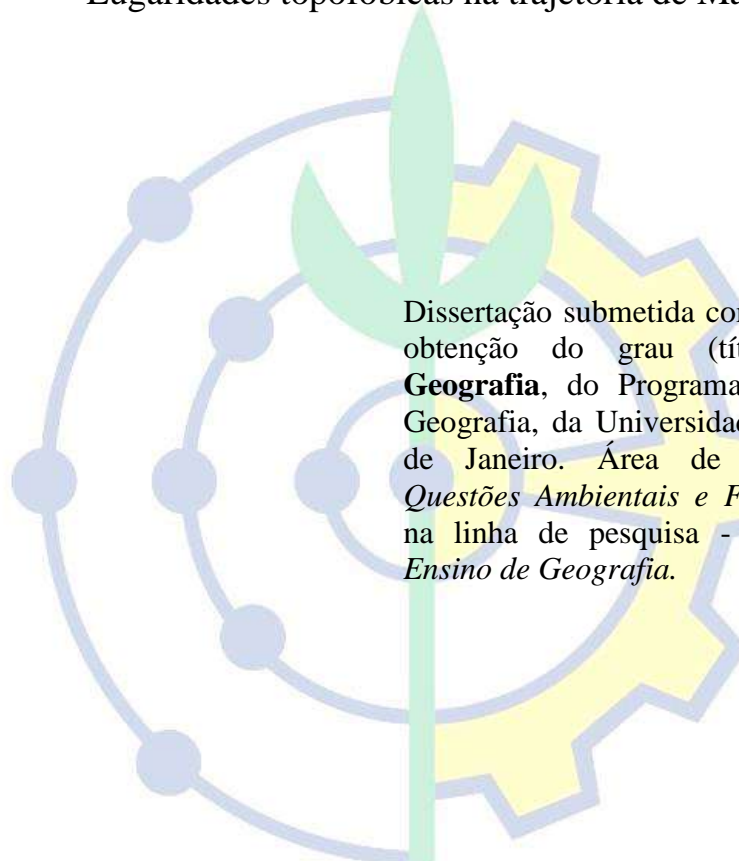
LUGARIDADES TOPOFÓBICAS
NA TRAJETÓRIA DE
MACABÉA

RAFAEL ALVES DE FREITAS

Nova Iguaçu, RJ
2022

Rafael Alves de Freitas

Lugaridades toposfóbicas na trajetória de Macabéa



Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau (título) de **Mestre em Geografia**, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Área de concentração: *Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia*, na linha de pesquisa - *Território, Ambiente e Ensino de Geografia*.

Sob orientação de: Profa. Dra. Cristiane Cardoso

Nova Iguaçu, RJ
2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo autor

F8621 Freitas, Rafael Alves de, 1987-
Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa /
Rafael Alves de Freitas. - Nova Iguaçu - RJ, 2022.
111 f.: il.

Orientadora: Cristiane Cardoso.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Geografia (PPGGeo-UFRJ), 2022.

1. A Hora da Estrela. 2. Geografia Humanista. 3.
Geografia Literária. 4. Geograficidade. 5. Lugar. I.
Cardoso, Cristiane, 1977-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Geografia (PPGGeo-UFRJ) III. Título.

<https://institucional.ufrj.br/biblioteca/produtos-e-servicos/ficha-catalografica/>

Esta dissertação pode ser reproduzida, parcial ou integralmente, para fins acadêmicos e/ou científicos, desde que citada a fonte, conforme referência a seguir:

FREITAS, Rafael Alves de. (FREITAS, R. A.). **Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa**. 2022. 111 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar. Nova Iguaçu, RJ, 2022.

RAFAEL ALVES DE FREITAS

LUGARIDADES TOPOFÓBICAS NA TRAJETÓRIA DE MACABÉA

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA PELA BANCA EM: 16/12/2022

Observações: A banca destaca o mérito e o ineditismo da pesquisa realizada. A banca recomenda a publicação do material em revistas especializadas e continuidade do trabalho num doutorado. Sem ressalvas, o aluno foi considerado **aprovado** por todos os membros da banca, descritos abaixo. A defesa ocorreu no Instituto Multidisciplinar, no laboratório – ClimaEnGEO no horário das 08:30 às 12:00.

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristiane Cardoso
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Edileuza Dias de Queiroz
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante
Universidade Federal do Ceará

(Assinado digitalmente em 21/12/2022 16:02)

ADRIANA CARVALHO SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: ###971#5

(Assinado digitalmente em 20/12/2022 10:41)

CRISTIANE CARDOSO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: ###135#6

(Assinado digitalmente em 23/12/2022 09:51)

EDILEUZA DIAS DE QUEIROZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROEXT (12.28.01.16)
Matrícula: ###65#1

(Assinado digitalmente em 20/12/2022 13:05)

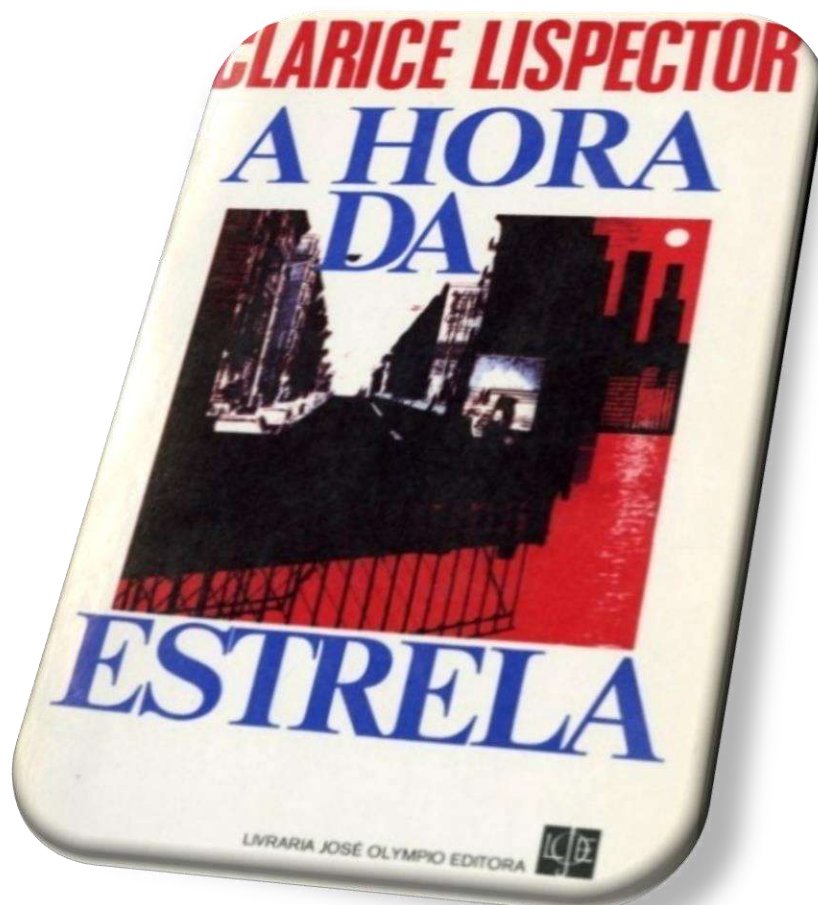
TIAGO VIEIRA CAVALCANTE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.863-##



Clarice Lispector

10 de dezembro de 1920 ☆
09 de dezembro de 1977 †

“Escrever implica em desnudar-se [...] com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto”
Clarice Lispector (2020, p. 20).



CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO ROMANCE

Fonte: Rafael A Freitas



Tanto estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grottesca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço.

Clarice Lispector
(A Hora da Estrela, 2020, p. 76).

No meu entender, a Geografia tem a função primordial de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Não importam suas variações e oscilações através dos tempos históricos. O que permanece – tal como o núcleo do átomo cercado das mais estranhas propriedades entre os constituintes e em relação à energia que o define – é o vínculo primordial, entre o homem e o lugar na terra, onde os mortais residem, junto com as “coisas”.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
(Travessias da Crise, 1988, p. 141).

*Dedico esta pesquisa ao eterno mestre e geógrafo
Yi-Fu Tuan, que nos deixou em agosto/2022.
Descanse em paz, em um bom LUGAR!*

*This research is dedicated to the eternal professor and geographer
Yi-Fu Tuan, who passed away in August 2022.
May he rest in peace, at a good PLACE!*



Primeiramente a **deus** (como força do bem que nos move e nos livra dos perigos cotidianos), por ser meu lar, minha casa, meu aconchego e, principalmente, meu lugar, para onde volto nos momentos em que me perco.

Aos meus pais – **Jorge e Guacira**, afinal, eles testemunharam o melhor e o pior de mim ao longo desses últimos meses de pesquisa, em que por vezes à oscilação de humor se fez presente na minha rotina. Em muitos momentos precisei me isolar, negligenciando problemas familiares e deixando a convivência com eles em segundo plano, mas tenho certeza que eles entenderam a necessidade de tal comportamento. Não teria conseguido sem o apoio de vocês, minha família, meu tudo! E por falar em família, não posso esquecer de minha irmã **Viviane** e meu sobrinho **Vinícius**. Amo muito vocês...

Ao meu Amorzão – **Rodolpho Galasso Mota**, pela (in)compreensão, pelos momentos em que estávamos juntos fisicamente, mas minha cabeça pensando na pesquisa, em outras questões do curso. Por isso, agradeço, inclusive pela paciência que teve comigo. Se eu tivesse que apontar todos os agradecimentos a você, escreveria dezenas de páginas, então vou apenas declarar que o amo e que você é imprescindível na minha vida. Obrigado também pela ajuda técnica na tradução do resumo desta pesquisa.

A doce professora - **Solange Terezinha de Lima Guimarães** pelo incentivo com a pesquisa, ajuda com textos, conselhos e carinho de sempre. A geografia que eu realizo só faz sentido porque você veio antes de mim, servindo de inspiração para toda uma geração e fazendo da Geografia essa ciência tão encantadora e pluralista.

Ao querido professor - **Marcos Alberto Torres**, pela linda disciplina – Abordagens Culturais em Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Paraná, em que tive o privilégio de ser aluno externo. Sua disciplina foi importantíssima para que eu pensasse em várias questões humanistas/culturais da minha pesquisa. Parafraseando os intelectuais das redes sociais – “Sua disciplina não prometeu nada e entregou tudo!”

Aos **professores** da **Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**. Continuem sendo resistência, ajudando a formar outros alunos, assim como eu, apaixonados pelo magistério e pela geografia. E que o nosso objetivo continue vivo e pulsante, que é o de defender sempre, a universidade pública, laica, de qualidade e que seja verdadeiramente para todos.

A minha orientadora/amiga – **Cristiane Cardoso (Cris)**, por ter acreditado em mim e abraçado uma pesquisa com tema distinto dentro do que ela pesquisa habitualmente. Sei que foi um desafio para ela, então, muito abrigado por não ter soltado minha mão. Pela presteza, carinho, atenção e cuidado comigo ao longo da minha formação/pesquisa. Esses dois anos de mestrado foram muito difíceis, mas tê-la como orientadora tornou o caminho mais leve.

Ao amigo professor – **Tiago Vieira Cavalcante**, por me sensibilizar com seus textos geográficos permeados de literatura, pela sua escrita poética e pela parceria na escrita de um dos capítulos, intitulado de – *Entre o lugar e a paisagem: geografia literária no ensino*, do livro - *Experiências inovadoras em Geografia: ensino e formação docente*, publicado pela editora Autografia, idealizado pelo grupo de estudo/pesquisa - (GEIA/UFRRJ). Ainda pela atenção despendida em participar da minha banca de qualificação (ocorrida em: 16 dez.

2021), pelos apontamentos e dicas cirúrgicas que elevou o nível da minha pesquisa. E agora, novamente, por ter estado comigo na banca de defesa, exatamente um ano depois da qualificação.

Agradeço também as professoras **Edileuza Dias de Queiroz**, pelo carinho e ajuda até aqui, principalmente com seu olhar metodológico. E a **Adriana Carvalho Silva**, por ter aceito o convite de participar da banca conosco, nos agraciando com sua presença, análise e somando com a pesquisa. E onde quer que eu esteja, levarei vocês no meu coração! Foi uma honra ter compartilhado esse momento tão especial na presença de vocês, e ter ouvido tantas coisas boas sobre minha pesquisa só reforçou o quanto estou no caminho certo. Obrigado, **Lucas Gabriel Lourenço Borges** pela ajuda técnica, permitindo que o professor Tiago estivesse participando remotamente. Sucesso no seu mestrado!

Agradeço por ter podido participar do **I Encontro Luso-Brasileiro de Geografias Emocionais**, promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso, na figura da professora **Márcia Alves Soares da Silva**, coordenadora do evento e quem me inspirou com suas geografias emocionais. E ao **Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM-UFF)**, por ter me proporcionado momentos de reflexão pelos encontros em que tive o prazer de participar.

Aos **amigos ruralinos** - **Victor Pereira de Sousa** (carioca que parece mineiro, taurino, “*terrabolista*” e inteligente demais!), **Beatriz do Nascimento Sant’anna** (que compartilhou comigo os dilemas da vida e a representação discente) e **Mariana dos Santos Nesimi** (minha concorrente de concursos públicos) que tive o privilégio de conhecer ao longo desses 2 anos de mestrado. E a tantos outros que não foram citados nominalmente, mas que indiretamente passaram por mim e deixaram rastros de ajuda, como os **amigos da graduação** e **professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, em especial às professoras **Marcela do Nascimento Padilha** e **Marina Aires (CEDERJ/UERJ)**, pelos incentivos e encorajamentos.

Agradeço também a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)** - Código de Financiamento 001, pela bolsa de estudo, o que contribuiu muito para que eu pudesse pesquisar com calma, qualidade e tornar esta pesquisa uma realidade.



E por fim, e não menos importante, a **Clarice Lispector**, que se estivesse viva, estaria comemorando seu centenário de vida, data essa que coincide com o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, que abriu portas para a literatura se consolidar aqui no Brasil, servindo de inspiração inclusive para Clarice e diversos outros escritores. Clarice - ucraniana, brasileira, mulher guerreira - obrigado por ter revelado Macabéa a mim. Por essa personagem tão simples e tão cheia de mistério, que guarda um pouquinho de cada um de nós.

A vocês, muito obrigado! ☺

Ao povo ucraniano, meu respeito e solidariedade!

Memorial ucraniano / Curitiba – PR
Fonte: Rafael A Freitas – 22/11/2022

Rafael A Freitas
Rafael A Freitas

RESUMO

FREITAS, Rafael Alves de. (FREITAS, R. A.). **Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa**. 2022. 111 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar. Nova Iguaçu, RJ, 2022.

A pesquisa aqui desenvolvida nasce do diálogo da **Geografia Humanista** com o romance “**A Hora da Estrela**”, da escritora Clarice Lispector. Romance que apresenta a protagonista Macabéa, uma jovem nordestina de 19 anos, que sai do sertão alagoano em busca de uma nova vida na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, a história dessa personagem, conforme defendemos nesta pesquisa, é marcada por um forte sentimento topofóbico (RELPH, 1979), uma vez que ela não se sente pertencente a nenhum lugar, uma verdadeira vida de miséria anônima. O romance denuncia a invisibilidade/alienação social de Macabéa, o que perpassa pelas questões de migração, habitação, trabalho, cultura e das relações humanas permeadas de conflitos, e são por essas questões que a topofobia vai sendo construída na trajetória da personagem. Assim, dizemos que Macabéa faz geografia encarnada pelo próprio movimento que realiza pelos lugares, em meio aos seus medos e conflitos existenciais, indo em direção ao que Dardel (2011) coloca como **geograficidade**. Nessa perspectiva, como consta do título – Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa – trata-se de uma pesquisa humanista/fenomenológica, afinal, a existência humana é a condição basilar para a geografia, visto que não existe **lugar** sem pessoas e pessoas são movidas por emoções, pela subjetividade de seus corpos e pela conformação de seus lugares, conforme Yi-Fu Tuan (1980; 1983; 1985) discute por meio de suas obras. Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa é analisar as percepções do lugar a partir das experiências geográficas vividas pela personagem, demarcando a trajetória topofóbica de Macabéa no contexto em que ela se situa, tanto espacial quanto temporalmente no romance. Para tanto, a metodologia segue os preceitos da Geografia Humanista de cunho fenomenológico, assim como por meio da Análise Textual Discursiva - ATD (MORAES; GALIAZZI, 2016), para o processo de quebra e desconstrução do romance, em fragmentos, para a reconstrução de um outro texto, aqui pelo olhar da Geografia. E para esse processo metodológico, dividimos o romance em três partes, sendo – a primeira, momento em que Macabéa se encontra no sertão alagoano; segunda – momento em que Macabéa migra para a cidade do Rio de Janeiro e, a terceira parte – momento em que a nordestina procura a cartomante em seu desfecho. E assim, de posse da referida metodologia, o intuito é inferir do romance a intersubjetividade necessária para o entendimento das experiências geográficas vividas por Macabéa. Logo, esta pesquisa oferece como resultado, a partir da leitura do romance, o lugar topofóbico que foi sendo percebido, vivido e construído pela personagem, o que mostra um exemplo de uma obra literária, que embora não tenha compromisso com o real, pode nos auxiliar pela sua verossimilhança, visto que a literatura é uma forma do (a) autor (a) descrever o mundo. E aqui, pela Geografia, nos ajuda na investigação das lugaridades em que Macabéa transita, sendo marcadas pelo medo - de si, do desconhecido e do Rio de Janeiro. É um romance atemporal quanto às questões sociais, no tocante à migração de nordestinos, oportunidades de trabalho e exclusão social, o que justifica esta pesquisa aqui proposta, nos trilhos de uma **Geografia Literária**. Geografia essa que é um convite a todos que gostam de ler e que fazem da leitura uma prática investigativa para pensar e refletir sobre a realidade geográfica.

Palavras-chave: A Hora da Estrela. Geografia Humanista. Geografia Literária. Geograficidade. Lugar.

ABSTRACT

FREITAS, Rafael Alves de. (FREITAS, R. A.). **Topophobic places on Macabéa's trajectory**. 2022. 111 p. Dissertation (Master in Geography) - Federal Rural University of Rio de Janeiro - Multidisciplinary Institute. Nova Iguaçu, RJ, 2022.

The research developed here stems from the dialogue between **Humanist Geography** and the novel “**The Hour of The Star**”, by writer Clarice Lispector. A novel that features Macabéa as the protagonist, she is a 19-year-old Northeastern woman who leaves the Alagoas backlands pursuing a new life in the city of Rio de Janeiro. However, the history of this character, as we defend in this research, is marked by a strong topophobic feeling (RELPH, 1979), because she feels like not belonging to anywhere, a true life of anonymous misery. The novel denounces Macabéa's invisibility/social alienation, which goes through the issues of migration, housing, work, culture and human relations permeated by conflicts, and due to these issues topophobia is built in the character's trajectory. Thus, we say that Macabéa makes geography incarnated by her own movements throughout places, in the midst of her fears and existential conflicts, moving towards what Dardel (2011) calls as "geographicity" (*géographicité*). From this perspective, as stated in the title – Topophobic places on Macabéa's trajectory – it is a humanistic/phenomenological research, after all, human existence is the basic condition for geography, since there is no **place** without people and people are moved by emotions, by the subjectivity of their bodies and by the conformation of their places, as Yi-Fu Tuan (1980; 1983; 1985) discusses through his works. Thus, the main objective of this research is to analyze the perceptions of the place from the geographical experiences lived by the character, demarcating the topophobic trajectory of Macabéa in the context in which she is situated, both spatially and temporally in the novel. Therefore, the methodology follows the phenomenological precepts of Humanist Geography, as well as through "Discursive Textual Analysis" [Análise Textual Discursiva - ATD (MORAES; GALIAZZI, 2016)], for the process of breaking and deconstructing the novel, in fragments, for the reconstruction of another text, here through the gaze of Geography. And for this methodological process, we divided the novel into three parts, being – the first moment in which Macabéa finds herself in the Alagoas backlands; second moment – when Macabéa migrates to the city of Rio de Janeiro and, the third moment / novel outcome – when the northeastern woman goes visit a fortune teller. In possession of the aforementioned methodology, the aim is to infer from the novel the necessary intersubjectivity for understanding all geographical experiences lived by Macabéa. Upon reading the novel, this research offers as a result, the topophobic place that was perceived, lived, and built by the character, which shows an example of a literary work, which although not committed to reality, it can help us due to its verisimilitude, since literature is a way for the author to describe the world. Through Geography, it helps us with the investigation of the places in which Macabéa transits, being marked by fear - of herself, of the unknown and of Rio de Janeiro. It is a timeless novel in terms of social issues, regarding the migration of northeasterners, work opportunities and social exclusion, which justifies the research proposed here, on the tracks of a **Literary Geography**. This geography is an invitation to everyone who appreciates reading and who turns that into an investigative practice to think and reflect on the geographic reality.

Keywords: The Hour of the Star. Humanist Geography. Literary Geography. *Géographicité*. Place.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPEGE	/	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
ATD	/	Análise Textual Discursiva
CAPES	/	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDERJ	/	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
Covid-19	/	Coronavírus – 19 (SARS-COV-2)
GEIA	/	Grupo de Estudos Integrados em Ambiente: Geografia e Ensino
GHUM	/	Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural
IBGE	/	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NeghaRIO	/	Núcleo de Estudos - Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio
NEPEC	/	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
PPGGEO	/	Programa de Pós-Graduação em Geografia
UERJ	/	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMT	/	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPR	/	Universidade Federal do Paraná
UFRRJ	/	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



LISTA DE FIGURAS



Página

Figura 01 – Síntese da Análise Textual Discursiva.....	28
Figura 02 – Etapas da Análise Textual Discursiva.....	30
Figura 03 – Síntese da metodologia.....	31
Figura 04 – Interseção – Geografia e Literatura: Geografia Literária.....	34
Figura 05 – Mapa Literário.....	36
Figura 06 – Geograficidade encarnada em Macabéa.....	49
Figura 07 – Relação – espaço e lugar.....	55
Figura 08 – Lugar e seus elementos constituintes.....	59
Figura 09 – Termos (elementos) usados por autores em suas obras.....	60
Figura 10 – Manuscritos de Clarice Lispector – “A Hora da Estrela”	63
Figura 11 – Síntese – A culpa é minha.....	71
Figura 12 – Rua do Lavradio (Lapa – RJ) – 1970.....	74
Figura 13 – Porto do Rio (Praça Mauá) - 1970.....	77
Figura 14 – Síntese – .Quanto ao futuro.	88
Figura 15 – Tirinha da Mafalda.....	90
Figura 16 – Síntese – Saída discreta pela porta dos fundos.....	94
Figura 17 – Relação - espaço e lugar na perspectiva humanista.....	95
Figura 18 – Mapa mental: A trajetória de Macabéa.....	96
Figura 19 – Foto da banca examinadora / dia da defesa.....	109



SUMÁRIO



	Página
Caminhos que me conduziram até aqui...	15
Introdução	17
Metodologia da pesquisa.....	20
• Fenomenologia.....	22
• Análise Textual Discursiva.....	26
Capítulo 01	
Iniciando a prosa geográfica...	
1.1 Por uma Geografia Literária.....	33
Capítulo 02	
Geografia Humanista	
2.1 Por uma experiência geográfica: Geograficidade.....	44
2.2 Lugar: conceito, reflexões e desdobramentos.....	50
Capítulo 03	
Geografia de um nome, sem sobrenome: Macabéa	
3.1 A culpa é minha.....	62
3.2 .Quanto ao futuro.	72
3.3 Saída discreta pela porta dos fundos.....	89
Para (não)concluir	98
Referências	101
Apêndice ...e agora sou Mestre!.....	109
Anexo – Uma carta da orientadora para o seu orientando.....	110



Caminhos que me conduziram até aqui...

As artes (mais enquanto processo e menos enquanto produto) sempre tiveram um cantinho especial no meu coração, e a literatura em especial me acompanha há tempos. Ainda durante o Ensino Médio (CIEP 313 RUBEM BRAGA), pensei em fazer vestibular para o curso de Letras/Literatura, mas pela minha relutância em “não querer ser professor”, acabei seguindo por outros caminhos. Mas no fundo mesmo, sempre soube que o magistério era o meu lugar. Seria uma questão de tempo para eu ter certeza disso...e tive!

Após algum tempo de muita tristeza (e uma certa depressão), fora uma graduação (bacharelado) bem frustrada na área de tecnologia, resolvi encarar pela primeira vez uma licenciatura, mas não em Letras como pensava antes, e sim em Geografia. Com o avançar da idade e aquela maturidade que só vem com o tempo, com as experiências de vida, percebi que era o momento de cursar Geografia. A escolha dessa ciência veio por meio das minhas indagações, meu olhar crítico para uma sociedade recheada de mazelas das mais diversas. E eu sabia que a Geografia não iria responder a todas as minhas perguntas, mas faria de mim um ser humano mais consciente do meu espaço, do meu lugar nesse mundo, por vezes tão injusto!

Durante o curso na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Maracanã, conheci o grupo de estudos – Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro, liderado pelo professor Dr. João Baptista Ferreira de Mello (*in memoriam*), carinhosamente chamado de “JBFM”, que tanto me inspirou, e nesse momento tive plena certeza que estava no curso certo, e que a geografia me possibilitava discutir aquilo que a palavra escrita da literatura já me revelava há tempos. Eu queria fazer uma geografia literária!

Na minha monografia, intitulada de *Geografia e Literatura: descortinando o conceito de lugar, por entre as janelas de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo*, comecei a escrever meus primeiros textos nessa direção, ainda de forma bem tímida. E tive o prazer de ter um orientador que podia chamar de amigo, e que nas nossas conversas informais, era o momento das melhores orientações, embora nem ele soubesse disso (e talvez ainda não saiba). Obrigado, José Silvan Borborema Araújo!

Colei grau no dia 09 de março de 2020, poucos dias antes do primeiro decreto de isolamento social aqui no Rio de Janeiro. Estava oficialmente formado, agora professor, cheio de expectativas e “preso” dentro de casa por causa da Covid-19. Foi um momento tenso, que de certa forma continua, visto que ainda estamos com a pandemia em curso, ora com momentos mais tranquilos, ora mais preocupantes, por conta do número de infectados que volta e meia cresce na cidade e no Estado, além do próprio Brasil que figura como um dos países mais emblemáticos nesse sentido, com quase 600 mil vidas perdidas¹, neste momento em que escrevo este texto – 10 de outubro de 2021, às 10:24.

Chego então no mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com muitos medos e incertezas. E fui de cara abraçado pela professora Cristiane Cardoso, minha orientadora. Conheci a Cris durante uma das várias *lives* do *YouTube*, realizadas pelo Grupo de Estudos Integrados em Ambiente: Geografia e Ensino, do qual ela é líder, e que hoje sou membro/pesquisador.

Posso dizer que se não fosse pelas *lives* realizadas durante a pandemia, não teria conhecido tão bem o Programa da Rural, a linha 02 e muito menos a Cris. As *lives* de toda terça se tornaram um bálsamo (e um encontro quase que sagrado) em meio ao “caos do mundo lá de fora”. E orgulhosamente fui aprovado e classificado em 3º lugar, eu que nunca tinha me imaginado no mestrado. Assim, dedico boa parte do meu ingresso no mestrado pela influência daquelas palestras das terças, em que percebi que eu poderia fazer mais pela

¹ Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de saúde. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 10 out. 2021.

geografia e por mim enquanto professor do ensino básico. Aliás, não posso deixar de lembrar de minha eterna professora de Geografia – Mônica Sanjuan, quem me apresentou uma geografia que até então eu desconhecia, e de alguma forma cuidou de plantar a sementinha geográfica em mim, ainda durante o Ensino Médio, e que essa viria brotar tempos depois.

E agora estou aqui, compartilhando com vocês um pouco da minha trajetória até este exato momento. Escrever um trabalho de dissertação em meio a uma pandemia, com tantas dúvidas e desafios, fez de mim uma pessoa mais forte e resiliente. Todos nós tivemos que nos reinventar – discentes e docentes, afinal, a pandemia serviu para descobrirmos (forçosamente) outras possibilidades de comunicação e interação graças à tecnologia, ainda que às críticas ao modelo remoto emergencial de ensino sejam válidas e pertinentes. Tive que lidar com muitas emoções que me atravessaram, em um momento em que a casa se tornou lugar de trabalho, estudo, lazer, de família, de convivência. Logo, foi impossível não ser influenciado por todas essas mudanças impostas pela pandemia, e isso se fará perceber nessa pesquisa, na minha escrita. Aliás, as emoções estão por todo lado, nos fazem agir e conformar nosso mundo. Nossa existência e nossas relações são permeadas e preenchidas por elas, pelas emoções das mais diversas.

Quanto ao tema do meu projeto, mudei algumas vezes, até que vi que trabalhar no romance de Jorge Amado – “Capitães da Areia” seria uma grande oportunidade para discutir algumas questões geográficas, mas aos “45 minutos do segundo tempo”, após a disciplina de Seminário de Pesquisa, resolvi mudar o rumo da pesquisa em busca de algo mais “inédito”. Foi um momento de amadurecimento, em que por meio de um levantamento bibliográfico, vi que tal romance baiano já tinha sido trabalhado (geograficamente) algumas vezes, e eu não queria reiterar certas discussões de uma obra canônica como essa. E depois de duas semanas de muita pesquisa e questionamentos, eis que reencontro guardadinho, dentro de umas das gavetas empoeiradas do armário velho do quartinho dos fundos, o romance - “A Hora da Estrela”, após mais de 15 anos da primeira leitura dele. Diga-se de passagem, o primeiro livro que eu comprei na Bienal do Rio foi esse! Acho que isso não foi coincidência...Não mesmo!



E foi nessa perspectiva então que li o romance – “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, um romance em que o grito não acontece, fica preso na garganta. Talvez seja essa a nossa vontade nesse momento turbulento do nosso país – DE GRITAR! Como escreveu Clarice – “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”, trecho do seu primeiro romance – *Perto do Coração Selvagem*, de 1943.

Assim, *Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa* é uma pesquisa humanista/fenomenológica que vai oferecer ao leitor uma nova abordagem do romance de Clarice: pelo olhar geográfico. Macabéa (personagem principal) faz geografia pelo movimento que realiza pelos lugares, ocupando espaços, por meio dos seus medos e conflitos existenciais. Suas experiências fazem do lugar um lugar topofóbico. A essência de Macabéa se traduz em uma vida sofrida, de dor, mas que se torna poesia para aqueles que entram em contato com a obra de Clarice Lispector.

E é por isso que te convido a trilhar comigo pelas páginas desta pesquisa, que levou exatamente 1 ano para ser finalizada (20 set. 2021 / 20 set. 2022), e que juntos, possamos desbravar o lugar dessa personagem, tão humilde, e ao mesmo tempo tão complexa, que encontra referências na atualidade, e neste que vos escreve! Orgulhosamente, um filho de pedreiro e mãe dona de casa! E que venha o doutorado!

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

*A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Manoel de Barros (1996, p. 75).*

Esta pesquisa busca dialogar com o romance – “A Hora da Estrela²”, de Clarice Lispector. Diálogo que se fará possível, graças à Geografia Humanista, que se coloca como uma vertente inclinada ao entendimento de que o espaço não é feito apenas de materialidade, mas também de pessoas - com emoções, ações, construções e etc.

Segundo Pádua (2003, p. 153, grifo nosso), “a Geografia Humanista é, em grande medida, o estudo da geografia dos sujeitos. Ou seja, busca compreender aquela geografia que é inerente a todos os seres humanos, a atividade que é condição e fundamento da vida, que emerge da relação homem-meio”.

Assim, ao jogarmos luz sobre o romance, tendo o cuidado de não fazer uma crítica à obra literária, mas com o olhar da Geografia, buscar analisar os aspectos, os símbolos, as emoções, os lugares vividos, ou seja, as experiências geográficas por meio das percepções da personagem do romance - Macabéa. Personagem fictícia, mas que perfeitamente representa várias personagens da vida real – de migrantes nordestinas, sem muitas expectativas de vida e carregadas de dor e sofrimento.

Dessa forma, a Literatura pode nos oferecer indícios de um dado momento do passado, mas que se faz presente pela atemporalidade no que tange às questões sociais, assim como acontece no romance de Clarice e que se verificam ainda nos dias de hoje. A questão social mais marcante do romance e que ainda se faz presente na nossa sociedade é o fato de Macabéa ser nordestina e sofrer por isso preconceito numa cidade (Rio de Janeiro), em que ela não parecia ser bem-vinda, e é a partir dessa situação – mulher e nordestina - que os conflitos decorrem, muito em virtude também do choque cultural da personagem vivendo em uma “cidade grande”.

Assim, o lugar (TUAN, 1980; 1983; 1985) será o conceito fundante para a análise do romance aqui proposta, nos revelando por meio de sua categoria de análise, certos elementos subjetivos que vão ao encontro de uma geografia mais sensível, mais humana. Não à toa, as emoções estão por todos os lados, nos motivando diariamente e são por elas que tomamos decisões das mais variadas, nos direcionando para as diferentes experiências de ser e estar no mundo. Experiências que podem ser boas ou ruins, a depender da situação em que o indivíduo se encontra, como é o caso de Macabéa, em que as emoções topofóbicas (RELPH, 1979; AMORIM FILHO, 1999) conformam a ela um lugar de estranhamento, de medo. A topofobia é um desdobramento do próprio lugar enquanto topofílico, e falaremos sobre ele no capítulo 02.

² Link para baixar o livro gratuitamente, em formato PDF. O livro – “A Hora da Estrela”, está sendo disponibilizado e pode ser usado para fins de pesquisas e/ou estudos acadêmicos, sendo proibido o uso comercial ou para outros fins que não se enquadrem nessas categorias. https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305284/mod_resource/content/2/Lispector_1999_Estrela.pdf Acesso em: 20 set. 2021.

Vale abrir um parêntese aqui a fim de esclarecer que a ideia de categoria (categorização) de análise vem como recurso racional que filósofos e cientistas utilizam para organizar o espectro do conhecimento da realidade. Como explicam Marandola Jr.; Holzer; Oliveira (2014), a categoria em Geografia incorre em generalização/universalização de um lado e a abstração de outro, e em ambos os casos, quando utilizamos as categorias clássicas geográficas, queremos primeiro usá-las, a respeito do lugar, como lente, a priori, para o entendimento de uma dada realidade (“a história é verdadeira embora inventada” LISPECTOR, 2020, p. 10), o que ocorre nesta pesquisa com o romance “A Hora da Estrela”, na figura de Macabéa. Assim, com o conceito de lugar bem definido, ele vai operar enquanto categoria, permitindo investigar determinados aspectos desse conceito por meio do romance em questão.

Segundo Nascimento; Costa (2016), a fenomenologia se apresenta como método capaz de oferecer caminhos para os debates envolvendo as questões subjetivas realizadas pela Geografia Humanista, e do ponto de vista teórico-conceitual, vem contribuindo com a renovação do conceito de lugar.

Geógrafos e geógrafas contemporâneas, como Pádua, fala em sua tese que,

O lugar tem espírito e personalidade. Espírito porque os lugares carregam emoções. Lugares nascem, por exemplo, do sagrado, do carinho da avó, do apoio da vizinhança [...]. As pessoas, por sua vez, têm um sentido de lugar. Sentir é conhecer. São os nossos cinco sentidos que nos permitem criar este sentido de lugar. A visão distancia e dá a dimensão estética, a audição, o tato, o olfato nos aproxima, envolvem-nos com o lugar (2013, p. 46-47).

Sendo assim, a pesquisa aqui desenvolvida tem como intersubjetividade de análise o romance de Clarice, cujo recorte contempla a década de 1970, ambientado no sertão de Alagoas e na cidade do Rio de Janeiro. Aliás, “a existência do outro como “outro eu” dá-nos acesso a um mundo que não é mais unicamente o da experiência particular, mas o mundo intersubjetivo que existe para todos” (LACOSTE, 1992, p. 13).

Logo, em Geografia Humanista, não é aconselhável falar em objeto de pesquisa, mas pontuar o caráter intersubjetivo da mesma. Macabéa é única enquanto indivíduo, mas ao se relacionar com outras pessoas, encontra outras subjetividades, afetando assim a sua própria. Grosso modo, a intersubjetividade pressupõe a não separação entre sujeito (o pesquisador) e objeto (o pesquisado), aqui, entre o autor (eu) desta pesquisa com a obra de Clarice, por isso falamos de fenomenologia, que é a base de interpretação para o fenômeno que estará sendo analisado. Os fenômenos que partem das percepções e vivências pela/na trajetória de Macabéa.

A fenomenologia se propõe a romper com algumas dicotomias, como interior e exterior, entre homem e natureza, entre mente e corpo. Fenomenólogos não duvidam da existência de todos os objetos existentes no mundo. Porém, afirmam que os objetos não podem ser conhecidos em si, enquanto números, mas sim a partir das condições biológicas e existenciais humanas, enquanto fenômenos. Isso significa que o fenômeno não está nem no sujeito, nem no objeto, mas na relação entre ambos, um está para o outro na mesma medida, e o fenômeno é justamente o tensionamento entre consciência e objeto (DARTIGUES, 2008).

Com isso, de posse desse romance, partimos então de uma pergunta principal (problemática) e que dialoga com o objetivo geral, que é: Como apreender as lugaridades topofóbicas a partir das experiências de vida de Macabéa?

Para compreender essa questão, temos como objetivo principal (geral) desta pesquisa - Analisar as percepções do lugar a partir das experiências geográficas vividas pela personagem, demarcando a trajetória topofóbica de Macabéa no contexto em que ela se situa, tanto espacial quanto temporalmente no romance.

Podemos dizer que as experiências vividas por Macabéa são na verdade experiências geográficas, o que Dardel (2011) chama de geograficidade, pois para o autor, toda vivência pressupõe uma experiência no lugar. No capítulo 02 retornamos ao conceito.

Assim, para se responder à pergunta central, faz-se necessário estabelecer os objetivos específicos. Dessa forma, têm-se:

- Estabelecer conexões entre geografia (lugar) e literatura (A Hora da Estrela) - (Geografia Literária) a partir de uma abordagem humanista fenomenológica; (Capítulos 01, 02 e 03)
- Identificar os lugares percorridos por Macabéa e as relações estabelecidas a partir dessa vivência/trajetória; (Capítulos 02 e 03)
- Refletir sobre o itinerário de Macabéa – de Alagoas ao Rio de Janeiro por meio da perspectiva topofóbica. (Capítulo 03)

Logo, a justificativa para esta pesquisa parte da necessidade, primeiro de se olhar a literatura para além dos aspectos literários, entendendo que geografia e literatura devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo. Afinal, tanto o geógrafo como o escritor/poeta são confrontados com a necessidade de imaginar conceitos que permitam pensar e, mais precisamente, traduzir a singularidade das situações comuns que iluminam a relação entre o homem e o mundo por meio dos lugares (BARON, 2011). E segundo, porque através da narrativa de Clarice Lispector é possível identificar elementos de interesse da ciência geográfica, pois se trata de um romance que denuncia aspectos sociais de uma migrante nordestina e de seus conflitos internos/existenciais.

Sem falar que acreditamos na possibilidade de construção de lugar - sentidos de lugar (Brum, 2016) através da mobilidade ou da trajetória feita por pessoas, aqui, por Macabéa. A trajetória de Macabéa não é banal, é carregada de sentidos e significados dentro do romance. Reconhecemos então que a palavra tem poder, e Clarice usa sua arte para nos confrontar com nós mesmos, nos possibilitando viagens poéticas.

Bachelard (1993, p. 203) nos fala sobre “o poder da palavra escrita, podendo ser uma porta para a abertura de um novo mundo”. E diz também que “a palavra nasce de imagens dos espaços, das paisagens, dos lugares, e são carregadas de força poética, que têm potência e reverbera nos elementos mais profundos, vindos do seio da existência humana”. E avançando, tem-se,

Mas que lentidão de meditação precisaríamos adquirir para viver a poesia interior da palavra, a imensidão interior de uma palavra. Todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana (BACHELARD, 1993, p. 203).

Nessa direção, esta pesquisa está dividida da seguinte forma – a primeira parte, ou seja, esta introdução, e onde apresentamos a metodologia da pesquisa: Fenomenologia e Análise Textual Discursiva (ATD). A Análise Textual Discursiva é uma metodologia que também pode ser considerada fenomenológica (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Capítulo 01, intitulado de - **Iniciando a prosa geográfica...**, com o tópico – *Por uma Geografia Literária*. Esse capítulo servirá como pontapé para iniciarmos as reflexões envolvendo a relação entre geografia e literatura. E alguns caminhos metodológicos possíveis.

Capítulo 02, intitulado de - **Geografia Humanista**, com os tópicos - *Por uma experiência geográfica: Geograficidade e; Lugar: conceito, reflexões e desdobramentos*. Esse capítulo por sua vez insere o conceito teórico desta pesquisa, em discussões e reflexões que nos conduzirá ao capítulo seguinte, em que a análise do romance estará presente.

E o capítulo 03, intitulado de - **Geografia de um nome, sem sobrenome: Macabéa**, com os tópicos referentes à análise do romance, dividido assim - *A culpa é minha* (do início do romance até a página 26, conforme a edição utilizada como referência) - *Quanto ao futuro*. (páginas 26 a 63) e, por último, - *Saída discreta pela porta dos fundos* (páginas 64 a 78). Sendo que em cada tópico se abordará uma parte do romance - na ordem da narrativa -, por isso a indicação das páginas. Juntos, eles darão conta de responder aos objetivos elencados nesta pesquisa.

Por fim, as considerações - para (não)concluir, visto que a pesquisa geográfica fenomenológica não se esgota por ela própria. Nessa direção, a pesquisa estará “aberta” para novos desdobramentos futuros, por meio de novas análises e interpretações. E a epígrafe de Manoel de Barros (1996) que abre esta introdução caminha nesse sentido, visto que transver o mundo requer um novo olhar, significa ver além do que os olhos conseguem captar. E a literatura, por meio das palavras do autor, nos leva para outros lugares, nos permitindo então embarcar em viagens poéticas, possibilitadas pela Geografia Literária. Geografia essa que é um convite a todos que gostam de ler e que fazem da leitura uma prática investigativa para pensar e refletir sobre a realidade geográfica.

No capítulo 01 discutiremos sobre tal relação, antes, vamos pontuar a respeito da metodologia proposta para esta pesquisa. Primeiro, falando sobre a metodologia de forma geral, e depois focando em cada uma delas de forma específica – Fenomenologia e Análise Textual Discursiva.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa fenomenológica em questão passou por algumas etapas fundamentais, sendo a leitura do romance de Clarice o momento inicial da pesquisa. Após a leitura, foi feito um levantamento teórico-metodológico pelo portal de periódicos da CAPES³, na base de dados referente ao “Catálogo de Teses e Dissertações CAPES”, sendo usadas as seguintes palavras-chave: “A Hora da Estrela” e “Macabéa” separadamente, e como recorte temporal, os anos de 2010 a 2021, e esse período foi escolhido por representar a última década anterior a esta pesquisa, e que por isso, sinalizaria para os trabalhos mais atuais dentro da temática pesquisada. Esse levantamento teve por objetivo verificar a presença (ou não) de pesquisas em Geografia, tendo o romance de Clarice como “objeto”.

O resultado desse levantamento foi fundamental para a delimitação da pesquisa, mostrando que não havia nenhuma dissertação ou tese dentro do período citado, em que a Geografia (por meio dos Programas de Pós-Graduação em Geografia) tivesse abordado o romance de Clarice, em que pese a consulta ao portal, analisando título, resumo e palavras-chave dentro da base de dados.

E quando se verificou as áreas em que tal romance tinha aparecido, não nos surpreendeu que fossem nos cursos de Letras e afins, como na dissertação de Manoel Messias Moraes da Costa, mestre em Teoria Literária, que defendeu uma pesquisa, intitulada de – *A influência do território na formação da identidade na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector*. Essa pesquisa citada, inclusive faz parte das referências desta pesquisa, o que mostra que não precisa necessariamente ser uma pesquisa de um curso de um programa de Geografia para que questões geográficas sejam analisadas. O contrário também é verdadeiro, uma pesquisa geográfica que tem na literatura o campo de investigação da pesquisa.

E quando olhamos precisamente para programas de pós-graduação em Geografia e não vemos esse romance sendo pesquisado/investigado, entendemos então que tal fato ajuda a

³ Fonte: Portal CAPES. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

justificar a necessidade de se trabalhar com essa obra nesta pesquisa, no sentido de oferecer um novo olhar a esse romance, mas dessa vez pela Geografia, nos direcionando para as lugaridades de Macabéa, e tudo aquilo que o lugar nos oferece enquanto análise geográfica.

Dessa forma, a fim de se atingir os objetivos propostos, a metodologia desta pesquisa parte, primeiro da Geografia Humanista que busca aportes na fenomenologia, e segundo, por meio da metodologia baseada na Análise Textual Discursiva (ATD), que também apresenta em seu bojo um caráter fenomenológico. Para tanto, foi realizado um levantamento referencial em fontes como livros, teses, dissertações e artigos de revistas científicas, assim reconhecidas pela CAPES.

Importante esclarecer também que além da pesquisa ao portal da CAPES, como já colocado, foi feita igualmente uma segunda pesquisa pelo mesmo portal, com o objetivo de verificar quantos e quais trabalhos (ou não) - Dissertações e Teses – apresentavam a Análise Textual Discursiva por meio de obras literárias. E o resultado mostrou, tendo o recorte/período de 2010 a 2021, que não havia resultados nesse sentido, e mais uma vez, de posse dessas pesquisas preliminares, justificamos também esta pesquisa, no sentido de apresentar, primeiro, uma análise geográfica de um romance, e segundo, utilizar uma metodologia (ATD) que originalmente trabalha com discursos orais e empregar aqui num texto literário.

Feito esse esclarecimento, a metodologia então seguirá pelo caminho fenomenológico, muito utilizado nos estudos de Geografia Humanista. Só que não existe uma única fenomenologia, visto que há autores que abordam outras vertentes, até porque não podemos esquecer que fenomenologia não é originalmente uma metodologia, mas um conceito filosófico. Geógrafos humanistas que passam a utilizar esse conceito (filosófico) como método para se investigar aspectos subjetivos, imaginativos, de percepção etc, envolvendo a relação do homem em suas experiências pelos lugares (ou mundo vivido, como preferem chamar os fenomenologistas) (SERPA, 2021).

Um filósofo muito utilizado na Geografia, Gaston Bachelard (1993), fala que através do espaço se pode estabelecer uma fenomenologia da imaginação. Essa imaginação é responsável pela imagem daquilo que não se vê, mas é perfeitamente perceptível pelo uso de outros sentidos. O autor (1993) mostra o quanto é possível associar a fenomenologia aos estudos interdisciplinares, envolvendo outras áreas, como a Literatura, por exemplo.

Por sua vez, considerada a maior obra da geografia fenomenológica, o francês Eric Dardel (2011) em seu livro – “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, publicado originalmente em 1952, consolida a fenomenologia nos estudos geográficos e ganha visibilidade ainda que de forma tardia, passando a ser um dos principais geógrafos humanistas do mundo, influenciando outros geógrafos como Yi-Fu Tuan (1980, 1983), Anne Buttimer (1982) e Edward Relph (1976, 1979). E para esta pesquisa, são as ideias dardelianas que nos guiarão metodologicamente ao longo da análise do romance. O autor abre seu livro já nos provocando, em que diz,

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 01).

Essa busca pelo desconhecido é o que motiva Dardel (2011) a traçar uma geografia que precede o científico, e busca na relação Homem-Terra as geograficidades, conceito que ele cria e defende para investigar uma fenomenologia geográfica, ou seja, uma experiência geográfica em sua totalidade.

Podemos dizer então que a fenomenologia nos permite captar os elementos mais

subjetivos presentes no espaço, e aqui, pelo romance de Clarice, nos ajuda a analisar os lugares percorridos por Macabéa, em que faremos uma interpretação geográfica do mesmo. As pistas deixadas por Clarice são fundamentais para inferirmos os aspectos da vida de Macabéa, caracterizando assim os lugares (topofóbicos) por onde percorre.

Ainda sobre a metodologia, utilizaremos também a Análise Textual Discursiva que é uma metodologia que surge nos moldes da própria fenomenologia. Utilizada em vários contextos, aqui servirá como apoio para o processo de “quebra do romance”, ou seja, quebra da narrativa de Clarice, a fim de o interpretarmos fenomenologicamente pelo viés do lugar. E embora sejam duas metodologias, não são distantes entre si, pois enquanto a ATD “quebra” o texto em partes menores, a fenomenologia resgata esses fragmentos para o processo de análise. Porém, usaremos esse método apenas pegando as ideias principais indo em direção a fenomenologia, uma vez que, como já pontuado, essa metodologia (ATD) é usada em discursos orais, e aqui, trabalhamos com o romance de Clarice Lispector, mas que não deixa também de fazer parte de um discurso, só que escrito, em forma de texto literário.

Após essa primeira explanação sobre a metodologia, vale pontuarmos separadamente cada uma delas.

- **FENOMENOLOGIA**

Em linhas gerais, podemos dizer que a Geografia Humanista surge do esforço da própria Geografia, por considerar a perspectiva da experiência nos seus estudos, levando em consideração o ponto de vista das pessoas que vivem os espaços, as paisagens e os lugares. Assim, para a Geografia Humanista é muito comum se utilizar de um caminho fenomenológico que dê conta de abarcar os temas (as preocupações) estudados por essa corrente geográfica (MARANDOLA JR; HOLZER; OLIVEIRA, 2014).

Etimologicamente, fenomenologia vem do grego, sendo - fenômeno = *phainesthai* (aquilo que se mostra, o que aparece, o que se manifesta) e logia = *logos* (pensamento, reflexão, palavra). Assim, fenomenologia é a reflexão filosófica que busca compreender o sentido daquilo que se apresenta aos sujeitos. Fenômenos são coisas físicas, assim como abstratas, como as ideias e situações. Logo, os fenômenos (ou coisas) que se mostram a nós, seres humanos, só serão assim considerados, ao darmos sentido a esses fenômenos por meio das nossas experiências (HUSSERL, 2000).

Fenomenologia é um método filosófico (e científico) capaz de compreender os fenômenos da realidade que se apresentam à consciência. É uma atitude reflexiva e compreensiva, que busca elucidar o sentido íntimo das coisas, isto é, suas essências. Nessa busca pelos sentidos e essências, não há um intermédio hierárquico entre sujeito e “objeto” – o fenômeno não é um objeto passivo, ele se apresenta, se doa à consciência. A essência não é uma construção exclusiva e unilateral de um sujeito (de uma mente) e sim uma revelação da consciência que vivencia uma relação profunda com o fenômeno. O fenômeno por sua vez, traz consigo (em sua multiplicidade) pistas de sua essência e de seus valores subjetivos (HUSSERL, 2000).

Segundo Marandola Jr; Holzer; Oliveira (2014), fenomenologia é originalmente um pensamento filosófico que surge no início do século XX, com o objetivo de entender a relação entre sujeito e “objeto”, ou seja, entre quem pesquisa com aqueles que experienciam as sensações. Assim, a fenomenologia ajuda o geógrafo humanista a pensar o espaço, a paisagem, o lugar, mas não como conceitos de um mundo exterior, mas para o entendimento subjetivo dos fenômenos em que as pessoas se veem neles – direta ou indiretamente.

Maurice Merleau-Ponty (2006), em “A Fenomenologia da Percepção” se mostra um dos expoentes filósofos a discutir a fenomenologia. Para Merleau-Ponty (2006, p. 01), o conceito de fenomenologia,

[...] é o estudo das essências: a essência da percepção, essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua “facticidade”. [...] É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência, tal como ela é e sem nenhuma referência à sua gênese psicológica e as suas explicações causais [...] que dela possam fornecer.

Ponty foi fortemente influenciado pela fenomenologia do matemático e filósofo alemão Edmund Husserl, considerado o “Pai da Fenomenologia”.

Para Husserl (2000), enquanto metodologia, a fenomenologia busca investigar os fenômenos, tendo o sujeito inserido dentro do mesmo contexto da análise, de forma conjunta, e não separadamente. Para a fenomenologia, o que importa são as intersubjetividades, e nenhum fenômeno se apresenta, portanto, de forma isolada.

Ainda para Husserl (2000), as ciências convencionais perderam a capacidade de compreender e conhecer a realidade, visto que a objetividade rígida se colocou acima e afastada do mundo vivido, deixando de lado os sentidos originários de seus fenômenos. Essa filosofia busca estudar a essência da percepção e a essência da consciência, sendo uma ambição filosófica de tornar-se uma “ciência exata”, relatando o espaço, o tempo e o mundo vivido. Dessa forma,

Discípulo de Husserl, Merleau-Ponty, em sua *Fenomenologia da Percepção*, distingue do espaço geométrico o espaço antropológico como espaço existencial, lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado e em relação intrínseca com o meio (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13).

É o espaço antropológico de que fala Ponty que aqui nos interessa, e na Geografia precisamente, além de Dardel, podemos citar também Edward Relph como geógrafo a buscar na fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty um suporte filosófico para uma aproximação “humanística” da Geografia. Relph defendeu a ideia de que os significados originais do mundo vivido estão constantemente sendo “obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais. Para Serpa (2021, p. 16), o mundo vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos”.

Relph (1979) foi buscar inspiração também na obra de Dardel, e para Dardel (2011), o espaço fenomenológico seria uma resultante de combinações entre direções e distâncias, que formariam, em um nível mais complexo de integração, as categorias espaciais do mundo vivido, como lugar e paisagem.

Na fenomenologia, o corpo é o primeiro elemento de reflexão do filósofo, mostrando como o homem – “indivíduo” percebe o mundo, assim como a si próprio. Na visão tradicional, a percepção era explicada pela abordagem intelectualista, contudo, na fenomenologia, considera-se que a percepção surge da relação que se estabelece entre homem com o meio em que esteja inserido (MERLEAU-PONTY, 2006). O autor (2006), diz que a consciência do indivíduo está sempre em acabamento, durante sua existência na Terra, ideia essa corroborada e defendida por Dardel (2011).

Portanto, a Geografia Humanista vai ao encontro da fenomenologia que tem se preocupado com uma concepção de mundo que seja distinta da cartesiana e do positivismo. Essa corrente geográfica tenta entender as diferentes problematizações que são postas no dia a

dia, que partem da subjetividade das pessoas, nos lugares em que elas vivem, nos direcionando para novas perspectivas de interpretação geográfica.

Um papel imprescindível da Geografia Humanista no debate sobre as questões subjetivas foi repensar as categorias espaciais. Assim, conceitos oriundos da fenomenologia, como *lebenswelt* (mundo vivido) e *dasein* ou *ser-aí* (ser situado), passam a integrar o conceito de lugar, fundamental para se entender a dimensão subjetiva da experiência espacial. O lugar enquanto conceito chave da Geografia é o que melhor se aproxima da experiência vivida das pessoas, porque são nos lugares que a vida acontece e ganha forma (MARANDOLA JR, 2013).

Porém, a abordagem fenomenológica não é conclusiva em si mesma, pois é possível afirmar que a fenomenologia como método de análise é um campo que permite diferentes discussões e que, embora esteja ganhando espaço cada vez mais em pesquisas na Geografia Humanista, permite novas (e outras) discussões não finalizadas. Nesse sentido, incorporar a análise fenomenológica tem sido importante para o pesquisador, não só metodologicamente, como também para subsidiar determinada investigação no campo da ciência geográfica, e nas ciências humanas como um todo. De acordo com Suess; Leite (2017, p. 152, grifo nosso),

[...] existe, de certa maneira, um exagero na afirmação que a fenomenologia consiste numa abordagem que, claramente, supervaloriza as coisas abstratas. Na verdade, ela surge como uma crítica ao fazer científico exacerbadamente concreto (enquanto material), bem como aquele exageradamente abstrato.

É importante dizer que no Brasil, os estudos envolvendo fenomenologia, ainda que indiretamente, estiveram ligados ao movimento da Geografia Humanista, principalmente pela tradução de alguns livros/textos que até hoje são referências e que ajudaram a consolidar essa corrente entre os geógrafos brasileiros. Como exemplo, temos o livro – “Perspectivas da Geografia” de Crhistoffoleti (1982), que contém artigos de Tuan (1980), Buttimer (1982) e Lowenthal (1982), além dos artigos traduzidos de Relph (1979) e Entrikin (1980). Não podemos deixar de dizer também quanto aos livros de Tuan (1980, 1983, 1985) traduzidos por Lívia de Oliveira na década de 1980, que embora não façam nenhuma menção direta ao termo “fenomenologia”, também são igualmente importantes para a Geografia Humanista.

Esses autores abriram caminhos para diversos geógrafos brasileiros a pensar numa geografia mais sensível, levando em consideração os aspectos humanos. Dessa forma, podemos contar hoje, com textos de Oswaldo Bueno Amorim Filho (1987, 1999), Werther Holzer (1998; 2016), Marandola Jr. (2013), Cavalcante (2016), Serpa (2021), dentre outros.

Marandola Jr. (2013, p. 49) explica que a fenomenologia despontava como algo pontual nos trabalhos dos geógrafos, não sendo, portanto, alvo de preocupações que buscasse uma relação entre geografia e fenomenologia no Brasil. No entanto, "a abordagem fenomenológica em geografia consolidou-se nos últimos anos na geografia brasileira, em especial a partir dos anos 2000, como uma das vertentes do horizonte humanista ou cultural". E as relações da geografia com a literatura nascem desse bojo, no entendimento de que é possível analisar aspectos geográficos por meio das artes em geral – música, pintura, dança, literatura etc.

Nesse sentido, podemos dizer que a renovação humanista/cultural na Geografia ocorre na década de 1990, liderada por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, quando os mesmos consolidam o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Segundo Marandola Jr (2013, p. 55), "neste espaço aberto, o projeto de uma geografia fenomenológica no Brasil é retomado e passa a ter visibilidade suficiente para atrair novos interessados".

Vale fazer um adendo sobre a relação entre Geografia e fenomenologia, pois,

Considerando alguns aspectos da relação fenomenologia/geografia, coloca-se em evidência a aproximação do pesquisador com o objeto estudado. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que a geografia assume um caráter fenomenológico desde sua episteme, pois os estudos embasados pelo positivismo tinham cunho intencional quando observava as paisagens e logo, as descreviam. Para a fenomenologia, esse termo “intencionalidade” é diferente do que se realmente entende, pois se expressa no sentido de intenção sobre alguma coisa: significa “consciência de” algo, ou seja, a consciência estaria direcionada para um determinado objeto. Pode expressar também, experiência de algo, o que poderia confirmar o lado fenomenológico da ciência geográfica (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 47).

Essa citação supõe que a relação entre Geografia e fenomenologia seja antiga, diferente do que dizem alguns autores, mas não adentraremos nessa discussão. O importante é reconhecermos que o objetivo geral do método fenomenológico (em Geografia por Dardel) é analisar a estrutura integral da experiência vivida, os significados que as experiências têm para os indivíduos que a vivenciam e os símbolos que constituem essa vivência pelos/nos/com os lugares.

Em outras palavras, a fenomenologia visa analisar/investigar as diferentes interações sociais e subjetivas atreladas à Geografia Humanista para as análises espaciais, aqui por meio do lugar e o que ele tem a nos dizer sobre a trajetória de Macabéa no contexto do romance. Assim, a trajetória de qualquer sujeito é contada a partir do lugar pelo qual esse sujeito vivenciou sensações e experiências, e pelas marcas deixadas no lugar e que igualmente carregamos (no corpo e na memória) mesmo que já não estejamos no lugar de antes.

No romance de Clarice Lispector, o fluxo de consciência de Macabéa, que muitas vezes se confunde com o do próprio narrador, mostra o quanto o lugar é responsável por contar a história dessa personagem, visto que a nordestina sente pelos lugares medos e inseguranças, não se permitindo aos sentimentos e sensações topofílicas e sim topofóbicas.

Buscamos então nas palavras de Guimarães (2002, p. 135, grifo nosso), sobre o que a mesma fala a respeito de topofobia,

[...] pessoas, paisagens e lugares encontram-se em uma fusão afetiva permanente, onde topofilia e topofobia implicam o reconhecimento de espaços e lugares muito além da realidade terrestre: de uma paisagem interna construída a partir da concretude dos laços com o exterior, pois são múltiplos os símbolos, as imagens, os sentimentos e expressões [...].

Assim, defendemos que analisar (fenomenologicamente) esse romance, é possibilitar caminhos que buscam entender a trajetória de Macabéa, e que o lugar geográfico nos ajuda nesse entendimento. Porém, interpretar (analisar) fenomenologicamente não significa dizer que exista um único caminho possível para o romance, mas ao contrário, defender ideias e deduzir situações, desde que exista um embasamento para tanto. Não à toa, temos Dardel e sua geograficidade, que nos ampara ao nos dizer que por meio dela (geograficidade), abstraímos do romance em questão, elementos que não estão em primeiro plano, em evidência, mas o conceito de lugar nos coloca diante deles – na cultura, no corpo, na memória, na identidade, nos valores de Macabéa, etc.

A fenomenologia como já mencionado tem crescido muito na Geografia e hoje, tem aparecido em diversas pesquisas, como aquelas voltadas às questões feministas e de gênero/sexualidade, assim como em outras, até mesmo em pesquisas dentro do que podemos chamar de Geografia Física.

[...] autores filosóficos que introduziram o conceito de fenomenologia na filosofia, já usavam termos geográficos (espaço, território, lugar e até mesmo escala...) na abordagem fenomenológica, porém nem se quer desconfiavam que essas fossem as categorias de análises geográficas e que os geógrafos utilizariam seus pressupostos para criar uma Geografia Humanista, e mais futuramente, atrelar esses estudos na Geografia Humana em geral, incluindo atualmente as temáticas Feministas e *Queer*, bem como em outros campos dentro da Geografia Física. As elucidações sobre tais termos já eram concretas antes mesmo de a ciência geográfica se apropriar do conceito de fenomenologia, o que permite que ela retorne aos filósofos contemporâneos para entender ainda mais o campo fenomenológico (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 49).

Isso mostra a potência da fenomenologia na Geografia e ratifica a importância dessa metodologia para as análises dentro das questões humanistas. Assim, analisar o romance de Clarice Lispector pelo viés fenomenológico é “abrir o texto” para novas possibilidades, novos entendimentos, para além daquilo que o texto comunica num primeiro momento. Aqui, a “preocupação” é captar as entrelinhas do romance. É captar a essência que só o olhar geográfico nos permite. Podemos dizer em outras palavras ainda, que a fenomenologia para a interpretação desse romance, funciona como lente, em busca das intenções de Macabéa. Assim, certas perguntas são suscitadas, como: Por que Macabéa sai do sertão? Por que a personagem escolhe o Rio para viver? Por que se permite a um namoro abusivo? Por que não se permite experienciar novas sensações? E além de outras.

Não existe uma resposta correta para essas perguntas, mas elegemos as possíveis respostas que vão ao encontro da fenomenologia - enquanto fenômenos da interação de Macabéa no lugar em que ela se desloca e se fixa.

Vamos imaginar que a obra de Clarice fosse uma pintura exposta em um museu, e que cada pessoa que olhasse para essa pintura, tivesse por ela uma sensação diferente, ou melhor, percebesse sensações diferentes. Isso acontece em virtude do olhar de quem olha (embora todos os sentidos façam parte da percepção), que diz muito das suas vivências, trajetórias, sensibilidades, cultura etc. E é esse olhar que trabalha a fenomenologia (aqui a da percepção), pois cada leitor do romance de Clarice, pode perceber determinados aspectos, defendendo ou não os caminhos escolhidos pela autora para contar a história de Macabéa.

Aqui, nesta pesquisa, não cabem críticas literárias, apenas aquilo que a Geografia nos possibilita, de acordo com os objetivos já traçados. E a fenomenologia funciona, nesse contexto, para mostrar que as escolhas feitas para analisar geograficamente o romance – “A Hora da Estrela” parte das percepções do autor desta pesquisa, ou seja, do meu olhar para os fenômenos que se apresentam no romance.

- **ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA (ATD)**

A Análise Textual Discursiva (conhecida também como ATD) é uma metodologia que tem sido usada em pesquisas qualitativas por meio de análises textuais, principalmente daquelas provenientes da oralidade.

A pesquisa qualitativa fundamenta-se no princípio de que as sociedades humanas existem num determinado espaço, cuja formação social é específica. Assim, os indivíduos, os grupos e as classes atribuem significados e intencionalidades a suas ações, concepções e construções históricas. Esta concepção de realidade coloca para o pesquisador a condição de uma identidade entre sujeito e objeto, distingue-se, portanto, do método positivista. A pesquisa qualitativa parte do pressuposto que existe uma

relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto é sob essa perspectiva, essencialmente, qualitativo (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 28).

Quanto a ATD, podemos dizer que essa metodologia visa compreender os fenômenos que estão sendo investigados pelo pesquisador no próprio momento da pesquisa, ou seja, a ATD “tem por objetivo a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os temas investigados pelo pesquisador” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 10). Muitas vezes o pesquisador não tem todas as categorias de análises/conceitos bem definidos no seu planejamento e nem sabe ao certo o que encontrará durante o percurso da pesquisa, por isso a utilização da ATD, embora não apenas por isso.

Nesta pesquisa, o lugar é o conceito teórico que conduz a análise do romance, e a partir dele, outras questões (elementos) geográficas surgem ao longo da leitura de Clarice e que estão intimamente ligados à ideia, ao sentido de lugar (enquanto topofobia).

Vale destacar que a metodologia aqui proposta – (Fenomenologia e Análise Textual Discursiva) tem o objetivo de facilitar o entendimento de como os fenômenos se manifestam nos lugares, nas trocas e nas interações interpessoais de Macabéa, porque se acredita que o fenômeno pode ser mais bem compreendido e observado no próprio contexto em que ocorre e do qual faz parte.

Segundo Moraes; Galiuzzi (2016, p.13), essa metodologia (ATD),

[...] corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre o fenômeno e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo e a análise de discurso, representando, diferentemente destas, um movimento interpretativo de caráter hermenêutico.

Sendo assim, seguiremos a proposta dos autores Moraes; Galiuzzi (2016) através dos três (03) momentos/etapas sugeridos por eles: Desmontagem dos Textos ou Unitarização - Estabelecimento de Relações ou Categorização e - Captação de um Novo Emergente ou Produção de um Metatexto. Sendo que nesta pesquisa, a Desmontagem dos Textos é a etapa que utilizaremos de forma mais evidente.

Antes, vale ponderarmos que, a análise do romance, como já pontuado, se dará pelo viés da Geografia Humanista, tendo o lugar, *a priori*, como conceito de que nos ajudará a compreender a trajetória de Macabéa, e pela leitura do romance, percebemos então os fenômenos, *a posteriori*. Esses fenômenos são percebidos no ato da própria leitura do romance, o que dá certa liberdade ao pesquisador, que parte de um conceito definido, e de posse dele, explora o campo de investigação, gerando assim a construção do metatexto.

Esses momentos sugeridos pelos autores se dão nesta pesquisa de forma concomitante, sendo divididos em etapas apenas para fins didáticos. Na figura 01 temos a síntese dessa metodologia.

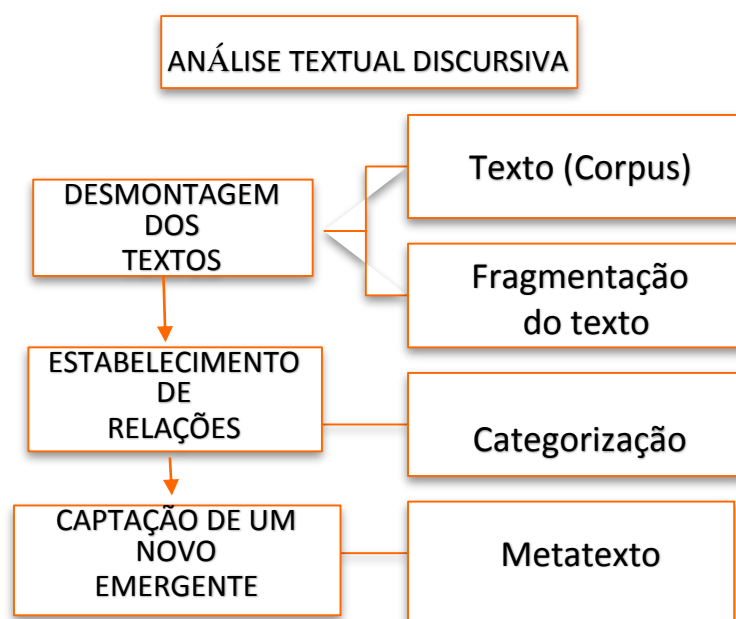


Figura 01: Síntese da Análise Textual Discursiva
 Fonte: Adaptado de Moraes; Galiazzi, (2016).

A Desmontagem dos Textos, também chamada de momento da Unitarização, implica em investigar de maneira minuciosa o texto (leitura do romance de Clarice), de forma a fragmentá-lo em partes menores, com objetivo de “atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados” – os tópicos do capítulo 03. O texto do romance será “desmontado”, o que chamamos de Corpus. No Corpus estão presentes as informações da pesquisa – os elementos constituintes do lugar/lugaridade (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 38).

Para ilustrar o processo de desmontagem, trazemos alguns exemplos de fragmentos do romance. Sendo que cada um reflete um momento importante da narrativa. A escolha dos fragmentos do romance que foram destacados nesta pesquisa foram realizados com base no conceito de lugar, ou seja, momentos da narrativa em que foi possível estabelecer uma relação entre o lugar da personagem com o conceito geográfico em questão.

Rosa; Dorneles (2021) dizem que “a desordem provocada pela ATD nos permite ao recortar fragmentos do livro, seguirmos para o próximo movimento dentro da análise textual, denominado então de categorização”. Nela, encontramos relações entre os fragmentos e buscamos categorias que permitam identificar essa junção de unidades (p. 352, grifo nosso). Destacamos três exemplos de fragmentos do romance. Cada um deles corresponde, respectivamente, aos tópicos do capítulo 03. Assim,

1 - Logo no início do romance, Clarice nos questiona sobre a felicidade, ao compartilhar com seus leitores que - “Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (LISPECTOR, 2020, p. 10). Essa passagem do romance já seria um prenúncio da narrativa, embora não possamos dizer que Macabéa compartilhasse dessa ideia de felicidade. Assim, já podemos inferir desse trecho, uma crítica social voltada às mulheres nordestinas, que como Macabéa, deixam suas cidades em busca de novas oportunidades, e o desenho topofóbico começa a ganhar seus primeiros contornos no romance. De tal forma que essa felicidade se concretizaria com oportunidades iguais para todos, a começar pelo trabalho e por condições de sobrevivência de Macabéa.

Tuan (1980) já revelava e enfatizado por Sarmento; Moura (2021), que há tanto o

apego quanto o horror no que tange à tríade seres humanos – lugar - natureza. Nesse sentido, as percepções topofílicas e topofóbicas podem ser encontradas também na arte literária, visto que, de acordo com Antônio Candido (2009), um importante crítico da Literatura brasileira, o objeto literário só existe pela presença de personagem e que esta possui vida traçada conforme certas condições de espaço que influenciam, diretamente, a sua trajetória na trama.

2 - Assim, Macabéa e a tia, “[...] – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjara emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (LISPECTOR, 2020, p. 26). Nesse fragmento, podemos depreender o lugar das novas possibilidades, o Rio. Agora, Macabéa passaria a ter novas experiências e sensações, vivendo no Rio de Janeiro, mas especificamente no Centro, considerado o coração financeiro da cidade, em que o ritmo era muito mais acelerado, marcado pelo vai e vem das pessoas, essas com outros costumes, numa paisagem, em que a estética arquitetônica era diferente daquela do sertão que Macabéa conhecia até então.

3 - Macabéa “[...] pela primeira vez na vida tomou um táxi e foi para Olaria. Desconfio que ousou tanto por desespero, embora não soubesse que estava desesperada, é que estava gasta até a última lona, a boca a se colar no chão” (LISPECTOR, 2020, p. 64). Esse momento destacado da narrativa, é quando a personagem busca ajuda para se livrar das suas angústias, e mais uma vez o medo se fazendo presente na sua trajetória.

O próximo passo é o Estabelecimento de Relações ou Categorização, que tem por objetivo como o próprio nome diz, criar relações entre as unidades fragmentadas no momento da desmontagem dos textos, “de forma a combinar e classificar no sentido de compreender como os elementos unitários podem ser reunidos na forma de categorias” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 44). Aqui a relação que se faz é entre a geografia e literatura, o que chamamos de geografia literária.

Por sua vez, a Captação de um Novo Emergente é a análise com base nos dois momentos anteriores, possibilitando uma nova compreensão do todo, aqui do romance em questão, por meio das experiências de vida de Macabéa, enquanto que as categorias podem ser lidas como aquelas ligadas ao lugar e aos desdobramentos desse conceito.

Assim, a ATD visa a construção de metatextos, que são “constituídos de descrições e interpretação fenomenológica, representando o conjunto, de um modo de teorização sobre os fenômenos investigados”, o próprio capítulo 03 como um todo representa essa etapa (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 55).

Portanto, para a realização da análise do romance dentro das etapas da ATD, se fez a divisão da obra de Clarice em três partes, sendo que cada uma constituirá um tópico do capítulo 03, a saber:

A primeira parte da análise, nomeada de - **A culpa é minha** – abordaremos o início do romance com Macabéa vivendo no sertão de Alagoas ao momento em que ela migra do Nordeste para a cidade do Rio de Janeiro.

A segunda parte, nomeada de - **.Quanto ao futuro.** – faremos a análise das representações do lugar seguindo então o momento em que Macabéa chega ao Rio de Janeiro até o término do namoro com Olímpico de Jesus. Sobre o título - **.Quanto ao futuro.**, Clarice deixa subentendido que o futuro de Macabéa talvez não fosse dos melhores, por isso a escolha do ponto final antes e depois do título (um dos) que ela atribui à obra,

História exterior e explícita, sim, mas que contém segredos – a começar por um dos títulos. “.Quanto ao futuro.”, que é precedido por um ponto final e seguido de outro ponto final. Não se trata de capricho meu – no fim talvez se

entenda a necessidade do delimitado. (Mal e mal vislumbro o final que, se minha pobreza permitir, quero que seja grandioso.) Se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas, porventura até malsãs e sem piedade. Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio (LISPECTOR, 2020, p. 11).

A terceira e última parte, nomeada de - **Saída discreta pela porta dos fundos**, - traçaremos uma análise pelos últimos momentos de Macabéa com o conseqüente clímax do romance. Os títulos dos tópicos do capítulo 03 foram inspirados nos títulos do próprio romance (além do título principal – “A Hora da Estrela”, são mais 12 o número de possíveis títulos, apresentados por Clarice na seguinte ordem: A hora da estrela OU A culpa é minha OU Ela que se arranje OU O direito ao grito OU .Quanto ao futuro. OU Lamento de um *blue* OU Ela não sabe gritar OU Uma sensação de perda OU Assovio no vento escuro OU Eu não posso fazer nada OU Registro dos fatos antecedentes OU História lacrimogênica de cordel OU Saída discreta pela porta dos fundos) e foram escolhidos aqui porque sintetizam as discussões propostas de cada tópico.

É importante reiterar que para cada tópico do capítulo 03, uma etapa específica da vida de Macabéa será abordada, sendo que para a referida análise, o conceito de lugar estará sendo discutido para o entendimento do romance à luz da Geografia Humanista.

Dessa forma, tendo o recorte, o campo de investigação, a problemática, a pergunta principal, os objetivos e a metodologia definidos, busca-se então no conceito de lugar e seus desdobramentos como topofobia, e na geograficidade, os referenciais teóricos para a análise do romance de Clarice.

A figura 02 mostra o processo da ATD a ser realizado nesta pesquisa, conforme as etapas descritas anteriormente.

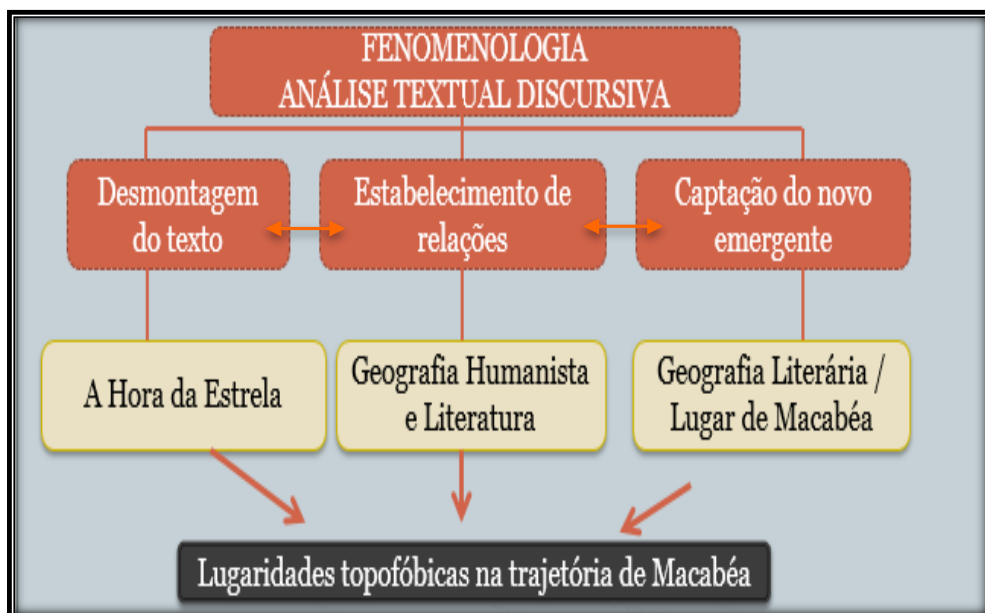


Figura 02: Etapas da Análise Textual Discursiva

Fonte: Adaptado de Moraes; Galiazzi, (2016).

Vale pontuar que as etapas da ATD (figura 02) estão diluídas na análise proposta do romance, referente ao capítulo 03, sem que necessariamente essas etapas sejam separadas. Essas etapas (desmontagem do texto, estabelecimento de relações e captação do novo emergente) são percebidas pela própria leitura global que o texto oferece. A figura 03

representa de forma esquemática, o caminho teórico-metodológico traçado para esta pesquisa.

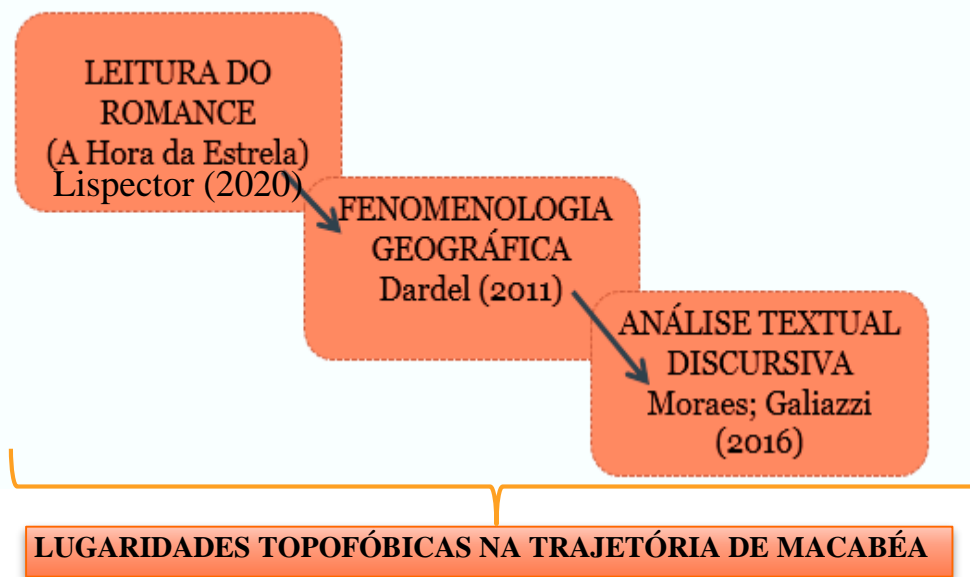


Figura 03: Síntese da metodologia

Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).

Assim, o caminho metodológico segue pela leitura atenta do romance, depreendendo dele os aspectos de interesse da geografia – aqui as lugaridades de Macabéa. A fenomenologia de Dardel (2011), por sua vez nos ajudará para o entendimento no que diz respeito ao lugar de Macabéa, enquanto geografidades, ou seja, as experiências geográficas nos lugares vividos pela personagem. Sendo assim, para a apresentação da análise, se faz necessária a fragmentação do romance em partes menores, como é proposto pela Análise Textual Discursiva.

O resultado da pesquisa é a própria interpretação fenomenológica. Ouso dizer que o processo fenomenológico seja mais importante que o produto final. O que significa dizer que outro pesquisador pode ler, interpretar e analisar o mesmo romance, mas depreendendo dele outras questões, outros aspectos diferentes daqueles propostos nesta pesquisa, mas isso não significa hierarquia das pesquisas, apenas ratifica a ideia de que a fenomenologia está aberta e comporta novos olhares, desde que embasados cientificamente.

A ideia de literatura, esse vasto e difuso *corpus* que inclui poemas, contos, romances, novelas sob o título também genérico de ficção, é, portanto, uma firme e bem-cuidada construção histórica, a partir da qual iluminamos o passado, criamos trilhas e inventamos ancestrais. E, no mesmo pacote, cultuamos alguma coisa mais ou menos etérea chamada literatura, mas com uma presença palpável no mundo real, em suas faixas de produção de prestígio, um cobiçado objeto de controle comercial, acadêmico, político, cultural e social (TEZZA, 2012, p. 29).

A citação acima, extraída do livro “O espírito da prosa: uma autobiografia literária”, do escritor Cristóvão Tezza (2012), nos conduz a olhar a literatura, por meio dos diferentes sentidos e funções que a arte literária assume no decorrer do tempo histórico e em distintas culturas. Não se isentando dos conflitos e contradições de uma sociedade técnica, em que Macabéa é vista apenas como um parafuso dispensável.



MOMENTO – “PÍLULA DE CULTURA”!

EXPOSIÇÃO – CONSTELAÇÃO CLARICE



EXPOSIÇÃO EM COMEMORAÇÃO AO CENTENÁRIO DE CLARICE LISPECTOR
INSTITUTO MOREIRA SALLES / RIO DE JANEIRO – RJ
CURADORIA: EUCANAÃ FERRAZ E VERÔNICA STIGGER
FONTE: [HTTPS://IMS.COM.BR/EXPOSICAO/CONSTELACAO-CLARICE_IMS-RIO/](https://ims.com.br/exposicao/constelacao-clarice_ims-rio/)



CAPÍTULO 01

Este capítulo tem por objetivo discutir a relação entre geografia e literatura, mostrando alguns aspectos de investigação para o que chamamos de geografia literária. Essa geografia apresenta características que envolvem os personagens das obras literárias com os seus lugares de vivência/convivência.

INICIANDO A PROSA GEOGRÁFICA...

1.1 Por uma Geografia Literária

Na Biblioteca Municipal, eu lia de tudo: Graciliano Ramos me influenciou muito, com Infância, Memórias do Cárcere, Vidas Secas e S. Bernardo. Evidentemente, a obra regional que mais me impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência à Os Sertões, além de suas perspicazes observações sobre a solidão do homem nordestino nos seringais da Amazônia. E percorria alguns livros que naquele tempo considerava-se imoral a gente ver, como A Carne, de Júlio Ribeiro. Embora fossem leituras diversas, também via essas obras com olho de geógrafo (...). Eu via a Geografia através dos romances (AB'SABER, 2007, p. 47).

Geografia literária pode ser entendida como uma abordagem dos conteúdos/temas geográficos possíveis de serem apreendidos por meio das espacialidades dos personagens nas obras literárias. Na geografia literária percebemos o modo como a literatura, naquilo que a leitura e o acesso ao livro podem proporcionar ao leitor, sendo capaz de transportá-lo para outros lugares. Essa geografia se revela no próprio ato da leitura, que transcende a palavra e revela a realidade do mundo vivido.

Assim, a relação/conexão existente entre geografia e literatura pode se dá de diversas formas, por entender que toda obra literária tem um espaço por onde a história a ser narrada/contada se desenvolve. O espaço da obra literária pode ter correspondência com o espaço real, assim como pode ser apenas fictício, construído, imaginado etc, que passa a ter sentidos para os personagens.

Esse espaço é o que motiva o geógrafo a investigar os aspectos geográficos, tomando para si a palavra escrita, revelando a correspondência (ou não) com a realidade, e que servirá para abstrações de uma geografia (humanista) que não tem o compromisso de descrever detalhadamente as paisagens, portanto aquela geografia descritiva de outrora, e sim, em captar os elementos que não estão em evidência, mas que são sentidos e percebidos por quem vive as experiências nos lugares e que passam a ser percebidos e até vividos por quem lê a obra, afinal, a leitura tem o poder de nos levar aos lugares das obras, uma verdadeira imersão pelas palavras do(a) autor(a). Ou como nas palavras de Dardel (2011, p. 03), em que “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida”.

Ou seja, é possível fazer geografia para além dos aspectos materiais/físicos, em conformidade com as percepções que temos dos lugares que vivemos. É nesse aspecto que o romance de Clarice, “A Hora da Estrela”, se insere, pois, o objetivo é analisar as percepções ao espaço vivido (lugar) que Macabéa está submetida e as relações que ela estabelece nesses lugares.

A figura 04 ilustra de forma didática essa relação, mostrando que a geografia literária atua na interseção entre ambas as áreas de conhecimento. É importante salientar essa informação, porque embora possa parecer óbvia, ainda pode causar algum tipo de equívoco.

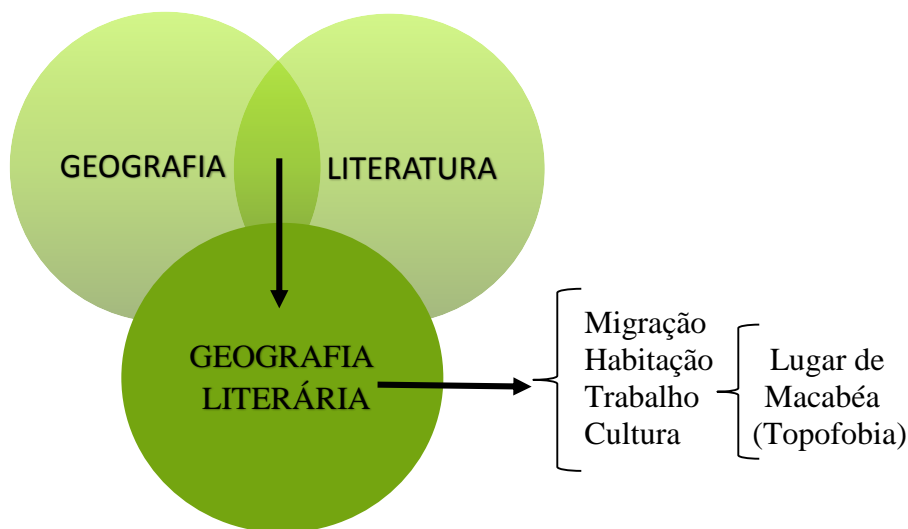


Figura 04: Interseção – Geografia e Literatura: Geografia Literária

Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).

Como falam Pidner; Antonino; Silva (2014), a literatura é uma rica fonte de expressões espaciais, por ser pensada e articulada ao espaço, à geografia dos lugares em que estão inseridos os personagens das obras literárias.

Recuperando à epígrafe do início deste trabalho, retirada de Monteiro (1988) e indo em direção ao ensaio de Cavalcante (2020, p. 193), vale refletirmos na função primordial de nossa ciência: a de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Assim, “a geografia literária deve considerar não somente o quanto a literatura amplia o nosso conhecimento sobre o espaço geográfico, mas também o quanto esse espaço é ressignificado por e para aqueles que acreditam na potência da palavra em transformar vidas”. Para Marandola Jr.; Oliveira (2009, p. 487),

Geografia e Literatura são duas formas de conhecimento milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte. Há, no entanto, caminhos que continuam ligando estas duas formas de ver o mundo, tornando-as permeáveis. Cada uma, à sua maneira, funda novos mundos, a partir da relação criativa da razão-emoção-imaginação. O resultado são espacialidades e geograficidades que colocam o espaço e a geografia como elementos inalienáveis e fundamentais de toda narrativa e não apenas como palcos da trama literária. Este entendimento abre possibilidades de leitura da Literatura, assim como amplia o sentido do geográfico num mundo dinâmico e pluralista.

Segundo Collot (2012) essa relação surge na França, no início do século XX, vinculada às pesquisas que relacionavam às obras literárias com os lugares dos autores, tendo sido o geógrafo André Ferré o primeiro que esboçou os primeiros contornos do que seria uma geografia literária. Assim,

Vê-se uma significativa convergência entre as duas disciplinas: os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita (COLLOT, 2012, p. 19).

Conforme destaca Brosseau (2007), para Ferré, os fatores humanos e sociais dos contextos em que as obras eram produzidas, seriam de grande importância para essa geografia literária por ele defendida, sendo considerado assim, um dos precursores de uma geografia mais próxima das pessoas, mais sensível aos aspectos humanos.

Importante nesse contexto, destacar o trabalho do geógrafo Pierre Monbeig em 1940, por abrir caminho para muitas das discussões que viriam a ser postas, em que com um “olhar mais atento e sensível sobre o espaço, reconheceu que o trabalho do geógrafo poderia ser complementado pela sensibilidade e percepção advinda da arte” (SILVA; SUZUKI, 2016, p. 08).

No Brasil, o livro *Geografia Literária*, do poeta, jornalista e professor de Geografia, Mauro Mota, nos mostra a literatura como possibilidade de investigação do geógrafo, sendo uma “[...] bibliografia de consulta no estudo de muitos fatos geográficos” (MOTA, 1961, p. 95). Além disso, essa obra serviu para estimular outras pesquisas nessa direção, se tornando uma fonte de referência importante, ao mostrar as relações entre geografia e literatura nos aspectos físicos e humanos dos mais variados.

De acordo ainda com Brosseau (2007) e Cavalcante (2016), a geografia literária ganha amplitude a partir dos anos de 1970, quando a Geografia Humanista começa a entender as diversas questões que surgem dessa relação, e o espaço passa a ser compreendido como uma construção social da ação humana e da produção dos fenômenos culturais dos mais variados, tendo ainda na geograficidade, o entendimento dos lugares onde ocorrem os fenômenos.

A geograficidade é esta cumplicidade constante entre a Terra e o homem que se realiza na existência humana. Ela se desenrola, portanto em um espaço material, uma matéria da qual não podemos em hipótese alguma nos descartar, que está sempre ligada a nós, que nos acolhe ou nos ameaça. Esta experiência é antropocêntrica, pois a matéria tem valor de utensílio, relacionando-se com um ponto de vista que torna um lugar habitável, cultivável ou navegável (HOLZER, 1992, p. 85).

E nos anos 2002 a obra “O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas” do geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro se torna referência obrigatória para aqueles que desejam estudar a relação entre geografia e literatura, uma vez que esse livro traz personagens inseridos nos mapas das tramas onde os enredos se desenvolvem, principalmente nos aspectos físicos da paisagem.

Comparativamente, se pegarmos o título do livro de Monteiro, poderíamos dizer que, nesta pesquisa, o MAPA pode representar o Centro da cidade do Rio de Janeiro, onde a narrativa de Clarice se desenvolve de forma mais intensa. Contudo, podemos dizer também, que representa todos os movimentos feitos por Macabéa, ou seja, a própria trajetória da personagem dentro da trama literária. Enquanto que a TRAMA são as lugaridades de Macabéa.

Monteiro (2002) apresenta uma síntese cronológica dos estudos relacionando geografia e literatura no Brasil, subdividindo-os em dois grupos. O primeiro com ênfase na relação da “experiência do lugar”, ou seja, “o espaço romanesco”, tendo seus representantes como Aluísio Azevedo (1857-1913), Graciliano Ramos (1892-1953) e Guimarães Rosa (1908-1967). O segundo amplia a concepção para algo além do espaço na “criação

romanesca”, indo em direção a uma abordagem dos contextos da trama literária e dos personagens, o que se verifica em autores como Machado de Assis (1839-1908), Graça Aranha (1868-1931) e Lima Barreto (1881-1922).

A título de curiosidade, a Revista Superinteressante, publicou em 2017, uma matéria falando sobre a importância da literatura brasileira como forma de reconhecimento da identidade de um povo, e aqui no caso do Brasil, sabemos que existem as diversas peculiaridades regionais. Essas peculiaridades estão representadas por meio de escritores e escritoras que fizeram dos seus livros, verdadeiros resgates históricos que funcionam como legados para a valorização da cultura local, servindo inclusive como forma de resistência para o não apagamento da história/memória.

Pensando nisso, a revista selecionou 26 autores e autoras representativos de cada Estado brasileiro (exceto Rondônia), mais o Distrito Federal. A seleção, segundo escrito por Pâmela Carbonari (2007), se baseou em número de prêmios recebidos, participações em Academia de Letras de suas respectivas federações, cobrança das obras nos vestibulares locais, número de traduções para línguas estrangeiras e, é claro, se o(a) autor(a) é reconhecido(a) por sintetizar a identidade de cada Estado — não sendo determinante seu local de nascimento.

Dessa seleção, surge o *Mapa Literário: o escritor mais importante de cada Estado*, conforme figura 05 a seguir.



Figura 05: Mapa Literário: o escritor mais importante de cada Estado⁴
 Fonte: Redação - Revista Superinteressante, (2017).

Assim, pela importância da literatura, que encontramos uma variedade enorme de

⁴ Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/>. É possível consultar também as obras de cada escritor(a) - Por Pâmela Carbonari - Acesso em: 24 jun. 2022.

trabalhos nessa direção, e a título de exemplificação, citamos a revista da ANPEGE de 2020⁵ (volume 16 e número 31), que publicou uma seção temática, intitulada de Geografia e Literatura. Nessa seção temática da revista, os textos mostram algumas possibilidades dessa relação em diversas metodologias, contextos e análises de estudos geográficos, corroborando a importância dessa integração entre os saberes. Percebam que não falamos aqui em interdisciplinaridade, pois acreditamos que isso pressupõe uma outra forma de análise, diferente daquilo que a pesquisa aqui se propõe. Logo, acreditamos na possibilidade de - integração, conexão, relação entre tais áreas, evitando assim falar em interdisciplinaridade, porque no mais não vamos esboçar uma crítica literária, uma vez que o foco aqui é geográfico. Assim,

A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras mais relevantes elementos de interpretação histórica e geográfica do país em formação. Apropriada pela crítica literária, a ideia de “formação” ganha eficácia explicativa em duas direções aparentemente opostas, mas na realidade complementares: a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois, cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais (ARAÚJO, 2002-2003, p. 46).

É interessante perceber a riqueza da literatura brasileira, em abordar diversos temas e que podem ser analisados pelo geógrafo. O próprio geógrafo AB’SABER (2007) nos afirma, ao dizer que via geografia por meio dos romances literários regionalistas, em que se evidenciavam os aspectos naturais do espaço brasileiro, a linguagem característica dos grupos retratados, os dilemas e conflitos do povo, como se pode ler nas obras de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Jorge Amado etc.

Assim, neste pequeno, mas grandioso livro de AB’SABER - *O que é ser geógrafo* (2007), somos conduzidos ao encontro de uma Geografia vista como ciência dinâmica, e, não como ciência voltada para a “memorização” de nomes de rios, capitais e conceitos prontos e acabados, propondo então uma geografia que se aproxima da arte, da poesia, da história, da ecologia, da antropologia, um saber geográfico de fato interdisciplinar. De acordo com Claval (2007, p. 55),

O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970.

Nesse sentido, compartilho um artigo publicado por mim em parceria do meu orientador da graduação, que foi fruto da minha pesquisa de monografia, intitulado de – *Interdisciplinaridade no ensino de Geografia: discutindo o conceito de lugar por meio do romance “O Cortiço”⁶* e que caminha nessa relação da geografia com a literatura. O artigo em questão teve por objetivo desvendar os lugares do romance de Aluísio Azevedo. Assim, reforçamos a temática da Geografia Literária, mostrando o quanto a literatura nos possibilita

⁵ Fonte: Revista ANPEGE. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/issue/view/462>. Acesso em: 03 jan. 2022.

⁶ Fonte: Revista *Communitas*. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3311>. Acesso em: 05 mai. 2022.

investigações geográficas, motivo pelo qual destaco esse artigo como forma de consulta. Não faremos uma discussão sobre ele, pois entendemos que isso não cabe nesse contexto da pesquisa, mas fica aqui o registro.

Podemos dizer que a literatura é uma expressão artística carregada de intenções, podendo levar o leitor para diversos caminhos do passado e do presente e até apontar para o futuro. Podemos dizer que a literatura nos permite vivenciar espaços/paisagens/lugares que nunca estivemos antes de forma presencial, mas por meio do imaginário somos levados a trilhar os caminhos criados pelo autor/poeta, a partir das suas experiências (MARINHO, 2016, p. 273).

Dessa forma, a literatura pode, por sua natureza, denunciar, criticar, informar, entreter etc, sendo um testemunho de fatos históricos e geográficos de um determinado momento espaço-temporal. Aos geógrafos abre-se um leque de possibilidades que aproximam geografia e literatura. Uma dessas possibilidades é a interpretação de obras literárias pela abordagem da Geografia Humanista, que propõe um olhar fenomenológico permeado de sensibilidades, vivências e experiências geográficas dos personagens.

A literatura de Clarice Lispector se enquadra num seleto grupo de escritores e romancistas que estava à frente de seu tempo, muito por sua escrita diferenciada. Clarice valorizava em seus romances, os aspectos psicológicos e do cotidiano, assim como consta de sua biografia (MOSEER, 2017). Silveira; Oliveira (2020, p. 255), falam que,

A literatura mantém uma marca de variabilidade e flexibilidade que permite o surgimento de diversos estilos e tendências literárias, que acompanharam as mudanças culturais de cada época. Depois da semana de Arte Moderna, em 1922, surge uma geração de poetas e romancistas que abriram caminhos para uma nova escrita com mais liberdade formal e engajada em descortinar os problemas e misérias da sociedade brasileira de então. Mestres na arte de problematizar as contradições políticas e sociais do país, percebidas, sobretudo, nas regiões à margem do progresso, foram Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros.

Clarice quando escreve “A Hora da Estrela”, sua obra prima, romance carregado de críticas sociais (nem tão explícitas), consegue de forma muito peculiar, fazer crítica à própria literatura, ao criar um narrador-escritor (Rodrigo S.M.) que supostamente escreveria o romance, já que segundo Moser (2017), mulher só sabia escrever de forma poética, segundo o que diziam os críticos à época. E essa ponderação é necessária porque não devemos achar que a literatura deve cumprir obrigatoriamente uma função social, pelo contrário, ela precisa ser antes de tudo, apenas literatura, embora a obra de Clarice conjugue literatura atrelada à crítica social (MOSEER, 2017).

Segundo Brait (1990, p. 64), Rodrigo S.M., é um personagem-narrador, que “funciona como a lente privilegiada através da qual o leitor recebe e visualiza as personagens e os fenômenos”.

Dessa forma, a fenomenologia funciona no contexto da geografia literária para mostrar que o ser humano vê o mundo e seus fenômenos (tudo aquilo que é perceptível) de acordo com a sua cultura, formação educacional, estado emocional, entre outros fatores (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010). A Geografia apoiando-se na fenomenologia busca então uma forma peculiar de interpretar e entender os fenômenos humanos, aqui pelas lugaridades que conformam a Macabéa sentimentos de medo, de repulsa.

A abordagem humanista permite a leitura e a interpretação de obras literárias que se tornam para o geógrafo, elementos de investigação, ao revelarem aspectos da condição humana: os estilos de vida, as características socioculturais, as relações interpessoais, os diferentes meios físicos de determinada área retratada espacialmente, assim como por situar

indivíduos de determinado lugar com sua cultura (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010).

Nesse sentido, o romance “A Hora da Estrela” por meio da vida de Macabéa, se apresenta como uma rica experiência geográfica, por proporcionar ao geógrafo um olhar atento e sensível para a vida da personagem e dos lugares pelos quais ela transita/se move na narrativa.

A Hora da Estrela pode ser caracterizado como um romance psicológico (visto que a narrativa é construída por meio de poucas ações e muitos questionamentos existenciais) e social em virtude da consciência que o narrador tem de Macabéa. Nesse romance, ressalta-se a angústia de viver, das experiências psíquicas da personagem, dos questionamentos do narrador acerca de Macabéa. Clarice joga luz sobre essas questões, tendo um olhar crítico, principalmente para a figura feminina, que não deixa de ser um corpo em uma margem social: Macabéa (COSTA, 2011).

De acordo com Nunes (1995, p. 160), os romances de Clarice, incluindo *A Hora da Estrela*, “permitem desvendar, por uma sorte de efeito retroativo, certas articulações da obra inteira de que fazem parte, dentro do singular processo criador da ficcionista, centrado na experiência interior, na sondagem dos estados da consciência individual [...]”.

Vale destacar que não queremos sobrepor a geografia pela literatura ou vice-versa. A intenção é buscar na literatura os elementos, os aspectos necessários para se entender a sociedade e os conflitos que dela partem. Assim, “não se trata, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas retirar desta (Literatura) novos aspectos de “interpretação”, de reconhecê-la como um meio de enriquecimento” (MONTEIRO, 2002, p.15).

Logo, a fim de se fazer uma análise geográfica do referido romance, o conceito de lugar nos ajudará a refletir a trajetória de Macabéa, do sertão de Alagoas ao Rio de Janeiro. Romance que se passa na década de 70 do século passado, nos desafiando assim por uma leitura, indo além da estética literária empregada nele, até porque não queremos colocar Clarice dentro de uma “caixinha”, rotulando-a como escritora modernista, pois Clarice foi além, contrariando até mesmo os modernistas à época em que escreveu o romance em questão (MOSEER, 2017).

É no lugar que nossas experiências acontecem, nossas relações interpessoais se estabelecem, onde criamos vínculos de identidade, de pertencimento ou de aversão, de medo. O lugar está diretamente ligado com a subjetividade, com os valores, com a experiência pessoal (TUAN, 1985; AMORIM FILHO, 1999).

A respeito de Clarice Lispector, vale resgatar o que fala Priscila Marchiori Dal Gallo, no epílogo do seu artigo, intitulado – “O Geografar de Clarice”,

A geografia de Clarice dá-se pela palavra viva que se arraiga no núcleo duro da substância, no habitat íntimo das coisas. A palavra de Clarice é grossa, densa, palavra que se possa pegar com a mão. A geografia de Clarice se engrossa como caldo elementar porque grafa as intensidades, grafa o ser, grafa a substância primária de tudo que é. A geografia de Clarice é ato: geografar o existir em sua plenitude, um ato que privilegia o silêncio, a solidão, o sem nome e, sobretudo, uma inteligência profunda, uma razão intuitiva. O geografar é acordar-se do mundo para as intensidades do real, é derramar-se nos instantes, é deixar de ser artifício e grafar-se na matéria viva, nua e pulsante. A geografia de Clarice é a lucidez da loucura em abandonar a si, expandir-se em profundidade no recôndito da realidade puríssima: ser na plenitude do ser (DAL GALLO, 2020, p. 224).

Dal Gallo (2020), coloca de forma muito poética, a potência de Clarice enquanto escritora e até geógrafa, não por formação, mas pela sensibilidade de captar a realidade, o

mais íntimo dos personagens, como evidenciado na construção da personagem Macabéa. Personagem que tem um mistério profundo, uma vida marcada por dores, uma psicologia que Clarice tenta desvendar, porque no fundo, Macabéa e Clarice são quase que a mesma pessoa⁷, por isso dizemos que se trata de um romance psicológico e com um fluxo de consciência que deixa qualquer leitor inquieto do início ao fim da narrativa. E Dal Gallo continua,

O geógrafo de Clarice é como ponta de lança, é o desejo de perfurar as continências e chegar aos fluxos, ao plasma. De se lançar nas amplidões do nada para a força do que existe possa tomá-la de volta. O clímax da vida é o instante do encontro com o eterno, com tudo aquilo que nunca começou e nunca terminou, com a realidade puríssima sem princípio nem fim (DAL GALLO, 2020, p. 220). [...] O geógrafo clariciano é o de ruptura, sobretudo da mulher, das cascas e invólucros em busca do rico material pulsante que o mundo esconde. Clarice deseja a vida, na sua forma mais vicejante, mais exposta, brutalmente derramada; troca as personagens pelo imediatismo do ser, os contornos do mundo pela desconformidade da realidade pura. Clarice se alimenta delicadamente do cotidiano, rompe cada acontecimento, cada encontro buscando seu núcleo pulsante (DAL GALLO, 2020, p. 210).

Resgatamos aqui esses trechos do artigo de Dal Gallo (2020) a fim de mostrar que essa relação - entre geografia e literatura - está viva, sendo “objeto” de estudo de muitos geógrafos e ganhado novas análises interpretativas. Mas tal relação não está pronta e acabada, isso porque é necessário que o geógrafo seja capaz de articular conceitos, ideias e que reconheça bem os elementos dispostos na literatura.

Não se pode pensar em literatura fora de seu contexto histórico-geográfico e cultural, uma vez que a arte literária é um diálogo entre texto e leitor, sendo tácita ou não. A relação entre texto e leitor não é uma relação passiva, pois o texto – (a obra literária) - é carregado da visão de mundo do próprio autor, em última instância, sua cultura. Silva (2008, p. 03) fala sobre isso ao dizer que,

Em cada escritor estão enquadrados sentimentos e afetividades próprios. Em cada um, tal composição acarretará numa fórmula única, exclusiva, onde se somam infância, vida familiar, o convívio com amigos e daí as leituras, a visão sobre a ciência, religião, amor, política e a concepção que se tem sobre o mundo em suas múltiplas escalas, ou seja, sua própria representação de mundo.

O leitor ao ter contato com a obra, concordando ou não com ela, infere os elementos para se entender o mundo. Segundo Silva; Carreto (2020, p. 233),

Abre-se a temática do amor ao lugar, às fronteiras invisíveis dos bairros, a *imagerie* da paisagem e um grande espectro de temas que tangeriam diretamente a cidade, a vida urbana e a percepção do espaço como importantes para estabelecer outra leitura, mais humana, do alargado mundo urbano. Desse modo, as imagens e as emoções, bem como, a fenomenologia ontológica do espaço vivido continuam válidas nos percursos estabelecidos entre a geografia e a literatura.

⁷ Essa afirmação de que Macabéa e Clarice são quase que a mesma pessoa, parte das minhas leituras e do meu olhar para o romance, não sendo, portanto, uma verdade absoluta. O(a) escritor(a) tem esse poder de nos confundir e nos enredar nas suas tramas, e Clarice faz isso muito bem comigo. Me deixei levar por esse poder, e como estou aberto a fenomenologia, não posso desconsiderar o que percebo dessa leitura e do mundo de Macabéa. Eu concordei e aceitei ser enganado por ela – por Clarice, e até por Macabéa! Por que não?

A geografia busca na literatura os rastros do tempo, e por meio dos sentidos, apreende uma consciência espacial dos personagens, das suas sensibilidades, do lugar, esse de vital importância para a manifestação das emoções das mais diversas. Conforme Silva (2014, p. 04), a relação da geografia com a literatura se dá por meio de alguns aspectos citadinos, onde o texto literário é lido como cidade-texto,

A relação da cidade com a literatura tem sido considerada sob muitos aspectos. A cidade surge como tema, personagem, palco e cenário. É produto do discurso, objeto sobre o qual se projetam desejos e ambições, como ficção, que tanto é considerado fruto da experiência no espaço vivido ou da própria imaginação. De modo mais frequente, a geografia tem se interessado pelas cidades ficcionais e romanescas em busca de uma fonte documental ou de um relato de experiência sobre o espaço vivido, ou ainda como uma representação/interpretação do espaço, vertente mais explorada na leitura dos espaços urbanos.

Ao reformularem a noção do conceito de lugar, os geógrafos da linha humanista preocupam-se com outras questões, para além da perspectiva material do espaço: a noção subjetiva das experiências espaciais nos/dos lugares. Assim, reiterando que, as discussões sobre as emoções, os afetos, as percepções, as questões sensoriais e existenciais são incorporadas no debate da Geografia Humanista, como uma crítica à tradição positivista da ciência geográfica, que não valorizava as experiências espaciais e que, portanto, não poderiam ser analisadas nos modelos do racionalismo científico (SILVA, 2018).

Dessa forma, as questões subjetivas passam a ganhar destaque nas discussões científicas de geógrafos humanistas, e a literatura empregada não como “muleta”, mas como auxiliadora da realidade geográfica, por dizer muito sobre o autor e o contexto do qual a obra se insere. Assim, concordamos com Segismundo e fazemos da interrogação dele a nossa própria (1949, p. 328): “E não constituirá a literatura, a melhor auxiliar da geografia, sua iniciação lógica, desde a infância à maturidade”?

E agora cabe uma pergunta, afinal, que geografia literária é essa que defendemos aqui? Para responder essa pergunta, retomamos Silva; Carreto (2020, p. 223),

O espaço, as imagens e o sensível são a nossa chave interpretativa, aquela que abre a investigação e nos guia pelos cômodos, traz a intimidade dos armários e gavetas, coloca-nos diante da verticalidade primordial do porão ao sótão e convida-nos também a sair da casa e atingir a imensidão do espaço, as forças sensitivas da paisagem, o ar e o vento, a água doce do riacho cantante. O trajeto coloca-nos na condição de habitantes no espaço poético da obra de Gaston Bachelard.

E concordamos com Guimarães (2018, p. 72), pois,

A Literatura contribui para os estudos geográficos trazendo uma vivificação do cotidiano, de modo a apreendermos imagens expressivas, experienciando a paisagem através de mundividências compartilhadas. Como expressão artística, permite adentrarmos em seu universo textual e imagético das supra-realidades, a nos enredar por meio da imaginação, da fantasia.

Uma geografia literária é aquela que concebe o espaço literário, sendo construído pelos personagens e igualmente sendo transformado por eles. Que o imaginário da escrita não cabe dentro de mapas conhecidos, senão dentro da própria imaginação que emerge da fenomenologia. Collot (2012, p. 23, grifo nosso), diz que “uma geografia verdadeiramente

literária deveria integrar a dimensão subjetiva e imaginária, difícil de cartografar, a não ser se apoiar num mapa mental”. O que significa dizer que, na Geografia Humanista, não se tem a pretensão de esboçar mapas convencionais, porque o que se quer “cartografar” não cabe dentro de modelos pré-estabelecidos. Essa corrente geográfica visa analisar os aspectos referentes às espacialidades e às geograficidades. Dardel (2011, p. 07), fala que,

O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se descobre a “face da Terra”; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar.

Para Cavalcante (2020, p. 194), “[...] a geografia literária é um conceito que compreende uma pluralidade de relações entre geografia e literatura naquilo que essas podem revelar das espacialidades e das geograficidades presentes na obra literária”.

Dessa forma, analisar a trajetória de Macabéa é traçar uma geografia feita pela personagem ao se movimentar pelos lugares, é reconhecer a marca topofóbica que a acompanha durante a narrativa. Nessa questão, Fonseca (2011, p. 05) diz que,

Diante da concepção inerte da protagonista Macabéa, propõe-se discutir sua relação de *ente* (des)subjetivado com o espaço no qual ela foi lançada (Rio de Janeiro). Ou seja, Macabéa se submete às intempéries de um espaço *estranho* a que estava acostumada a vivenciar (Nordeste). No novo universo no qual ela foi lançada, revidou contra si mesma, contra suas manifestações subjetivas e seus devaneios.

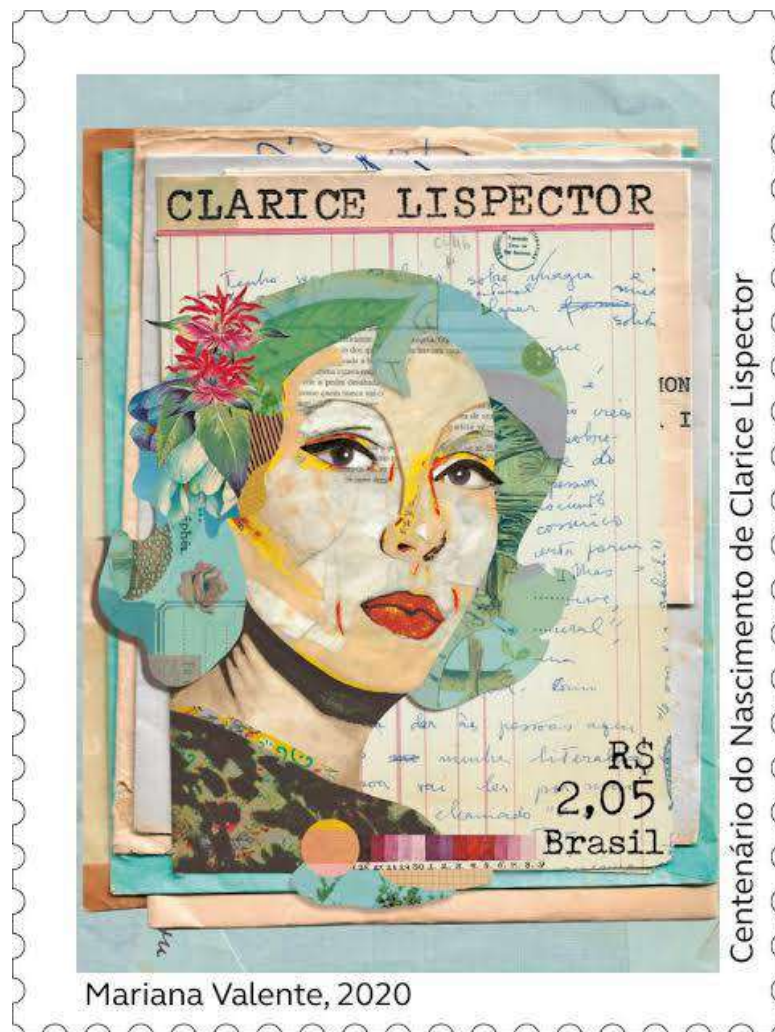
Em suma, busca-se uma compreensão tal qual que seja possível, a elaboração de uma análise (crítica) de um romance, que embora não tenha compromisso com a realidade, serve de subsídio para o entendimento de um dado momento histórico. Com o descortinar do conceito de lugar, joga-se luz nas temáticas desenvolvidas por Clarice Lispector, analisadas com o olhar da Geografia para a elucidação dos fatos e fenômenos narrados por ela. Sempre em busca de uma geografia literária.

No próximo capítulo, discutiremos acerca do conceito de lugar (lugaridades), conceito teórico desta pesquisa, que em seu cerne carrega elementos para se discutir as geograficidades dos sujeitos, pois a noção de sujeito que entendemos nesta pesquisa se fundamenta na estrutura do ser-no-mundo, indo em direção às ideias de Carvalho (2022, p. 05), em que “[...] sujeito se dá, ou melhor, se faz ser, na relação eu-mundo mediada pelos objetos e pelo Outro em seus propósitos e projetos particulares (propósitos e projetos particulares de tal ou qual sujeito)”. Aqui, por Macabéa.



MOMENTO – “PÍLULA DE CULTURA”!

SELO – CLARICE LISPECTOR



**SELO COMEMORATIVOS AO CENTENÁRIO DE CLARICE LISPECTOR
PRODUZIDO POR SUA NETA – MARIANA VALENTE A PEDIDO DOS CORREIOS**

FONTE: [HTTPS://SHOPPING.CORREIOS.COM.BR/WBM/STORE/CLARICE](https://shopping.correios.com.br/wbm/store/clarice)



CAPÍTULO 02

Este capítulo tem o objetivo de realizar considerações a respeito do lugar (lugaridades), suscitando algumas reflexões e desdobramentos desse conceito, como o de topofobia, buscando também na geograficidade de Dardel, o entendimento das experiências geográficas, ou seja, as experiências vividas, características subjetivas de quem vive os lugares e experiencia sensações, como declara a Geografia Humanista. Assim, com esses conceitos bem definidos, busca-se analisar o romance de Clarice, que será apresentado no próximo capítulo.

GEOGRAFIA HUMANISTA

2.1 Por uma experiência geográfica: Geograficidade

Se a geografia como realidade terrestre é o “lugar” da história, uma persistência que ultrapassa o acontecimento, as geografias como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas onde elas eram a imagem admitida da Terra. A história da geografia que nós esboçamos aqui não se confunde nem com uma história da descoberta da Terra, nem com o estudo do desenvolvimento da ciência geográfica. O que nos importa, antes de tudo, é o despertar de uma consciência geográfica, através das diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a fisionomia da Terra (DARDEL, 2011, p. 47).

A experiência geográfica pode ser entendida como a experiência vivida nos lugares, os valores estabelecidos por quem experiencia as sensações de viver em determinado lugar. Assim, essa experiência geográfica vai ao encontro de uma geograficidade, conceito fenomenológico concebido por Eric Dardel (2011), que se tornou fundamental porque se traduz na essência da relação homem-Terra. Nessa direção,

Pode-se afirmar que a geografia tem seu papel enquanto uma ciência das essências. [...] A ciência formal do espaço, no entanto, seria a geometria, e a sua essência seria a espacialidade. A ciência regional do espaço seria a geografia, e a sua essência seria o que Dardel denominou de geograficidade (HOLZER, 2011, p. 151).

Em linhas gerais, Dardel (2011) declara que o fundamento de nossa própria existência como seres humanos é uma existência fundamentalmente terrestre e que a Geografia como ciência preocupada com essa relação, se dedica justamente a esse elo, ou seja, entre o homem (ser terrestre) com a natureza física do planeta. Porém, natureza física para Dardel não é aquela em que há separação da cultura e natureza, essa dicotomia entre físico e humano que existe na própria Geografia.

Dardel (2011) funda uma outra maneira de compreender a Geografia, justamente por não trabalhar nessa dicotomia, e sim mostrar a cumplicidade que existe entre ambas, o que reverbera em toda a maneira como ele concebe essa ciência.

Assim, o autor declara que a geografia é feita *a priori*, pela sensibilidade, pelas emoções, o encanto ou o horror que o homem sente pelos lugares - a sua realidade vivida. Em outras palavras, “a realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os

lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença ou repulsa” (DARDEL, 2011, p. 34, grifo nosso).

Dessa forma, a geografia precisa antes do conhecimento científico, ser primeiro sentida, experienciada e apreendida por todos os sentidos. Dardel discorre sobre as atribuições de significados que conferimos aos espaços em que habitamos, nos revelando um espaço para além de uma mera abstração. Logo, o espaço geográfico pressupõe uma existência situada: nós só existimos atrelados a alguma localização - feita de caminhos e percursos.

Tais caminhos não são feitos de maneira intencional. Eles se formam à medida que são percorridos. Por onde segue um indivíduo uma única vez provavelmente ainda não se formará caminho algum. Mas quando o indivíduo se move num terreno que ainda não está aberto, ele chega lá, via de regra, de um ponto de saída frequentemente repetido, sua casa ou sua aldeia, e torna a um objetivo tipicamente recorrente, uma outra aldeia ou o local de seu trabalho. E por onde percorre, de certa forma inconsciente, o caminho mais cômodo, por ali é seguido por outros, que lhe corrigem eventuais imperfeições, e assim criam o caminho oportuno. Surgem logo linhas de ligação preferidas que, sendo pisoteadas, ganham vantagem sobre o restante do terreno (BOLLNOW, 2019, p. 107).

Esses caminhos são os do cotidiano, os movimentos de deslocamento, dos mais simples aos mais complexos, assim como dos mais curtos aos mais distantes, mas que representam sentido e valor para aqueles que nele vivem e percorrem. E Dardel (2011) explora isso muito bem, ao passo de valorizar as percepções do homem pelos lugares de vivência, o que ele considera enquanto realidade geográfica (ou experiência geográfica).

Nessa discussão, vale mencionar, ainda que rapidamente, a tese de Dias (2019, p. 156), em que a mesma defende a ideia de lugar geopsíquico. Para a autora (2019), “a Terra vivida é significada por alguém, o que inclui as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas. O lugar geopsíquico é constituído e vivido na dobra topológica entre o mundo interno e o mundo externo, com as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas”.

Dardel fala que,

A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (DARDEL, 2011, p. 33).

Aqui nesta pesquisa, pelo romance em questão, temos Macabéa, que vive os lugares, mas tem por eles uma relação de medo, pois dentre outros motivos, a presença da personagem causa incômodos naqueles a quem ela se relaciona, embora a personagem não tenha consciência total disso. Logo, Macabéa percebe que falta algo para que sua vida seja feliz (embora ela negue, em virtude da sua alienação social, que é a base crítica que conduz a narrativa), para que ela se sinta de fato pertencente no lugar, que em tese imaginou-se que pudesse ser um lugar de novas oportunidades – O Rio de Janeiro.

Lugar, no entanto, condiz com uma particularidade. No sentido trivial de mera localização, toda e qualquer parte é um lugar, porém, em um nível mais complexo, lugar se refere às configurações diferenciadas do seu entorno, pois são focos a reunir coisas, atividades e significados (SERPA, 2011 *apud* CARVALHO, 2022, p. 03). Assim, lugar é um centro no qual feixes de

relações e objetos estão reunidos sob a forma do encontro, da simultaneidade, que se concretiza e se particulariza, justamente, no(s) lugar(es) – seriam os lugares o núcleo que dinamiza, inclusive, a geograficidade, ou seja, o modo de relacionamento do homem com a Terra encrustado em seus diferentes lugares (CARVALHO, 2022, p. 03).

Assim, pensando no corpo de Macabéa enquanto base para a existência na Terra, e refletindo sobre seus conflitos internos, recorreremos a Holzer (2011, p. 152), quando ele diz que, “[...] o corpo representa a transição do “eu” para o “mundo”, ele está do lado do sujeito e, ao mesmo tempo, envolvido no mundo. Ele coloca o homem como existência”.

Segundo Dardel (2011, p. 34), “antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não podemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana”. Inferimos assim, que Macabéa nasceu no sertão, mas continuou vivendo em meio “à aridez” de uma cidade (Rio) que lhe causava assombros, porque no fundo, independentemente de onde Macabéa estivesse, seus conflitos a seguiriam. Para Macabéa, o Rio se tornou uma extensão do sertão nordestino, em meio a muitas dificuldades existenciais, de identidade, de pertencimento, e até mesmo de comunicação. As experiências geográficas de Macabéa são, no entanto, experiências topofóbicas e indo em direção a Dardel, podemos dizer que,

Em nossa relação primordial com o mundo, tal como se manifesta nesse gesto banal, ao nos abandonarmos assim “as virtudes protetoras do lugar”, firmamos nosso pacto secreto com a Terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, “repouse”. É desse “lugar”, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo (DARDEL, 2011, p. 40-41).

As experiências conformam os lugares daqueles que a vivenciam, despertando sentimentos bons ou ruins por exemplo. E é nesse aspecto que Dardel defende a geografia, aquela feita antes mesmo de atribuímos conceitos e categorias já prontas.

As realidades geográficas representam um símbolo da alma que não tem nada a ver com um saber, mas que a ciência retoma posteriormente como um projeto novo. O que o homem encontra, assim na Terra, é uma “feição”, um certo acolhimento. É porque ele exprime sua decepção quando ela não lhe apresenta mais que a pura objetividade de um existente bruto (DARDEL, 2011, p. 44).

Portanto, é necessário o entendimento de que a geograficidade vai buscar nos elementos mais subjetivos do homem, os aspectos que dão forma a geografia. Para o autor (2011), a Geografia não é uma ciência fechada, pelo contrário, ela está sempre em acabamento. Há na Terra diversas possibilidades, e cada um tem de lutar para firmar seus pés, conquistar seu futuro e viver feliz nos lugares.

É necessário, portanto, compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal qual os insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino (DARDEL, 2011, p. 89).

Nessa direção, a geografia que Dardel defende, é aquela que embora reconheça a

importância dos elementos científicos (e não poderia ser diferente), reconhece igualmente a necessidade de jogar luz nas questões em que o homem é protagonista, nos seus lugares de vivência, nas suas identidades. Para o autor, não há geografia senão pela presença do homem na Terra.

A geografia, por sua posição, não pode se furtar de ser solicitada entre o conhecimento e a existência. Descartando-se da ciência ela se perderia na confusão e na loquacidade. Entregando-se sem reservas à ciência ela se exporia ao que Jaspers chama de “uma nova visão mítica”, esquecendo-se de que uma atitude científica objetiva visa a uma compreensão total do mundo que não pode deixar de ser também moral, estética, espiritual (DARDEL, 2011, p. 97).

Podemos falar em concordância com Relph, que a noção dardeliana de geograficidade “[...] encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuirmos conceitos a essas experiências” (RELPH, 1979, p. 18). A geograficidade nesse contexto da pesquisa se faz importante, porque através dela, é possível analisar e discutir os lugares pelos quais Macabéa transita, que não são lugares quaisquer, e sim lugares de vivência da personagem, embora ela tenha por eles um sentimento de medo, o que entendemos se tratar de uma topofobia. Essa topofobia marca a trajetória de Macabéa no contexto do romance de Clarice Lispector, o que fica evidenciado durante toda a narrativa, afinal, a nordestina tem medo da vida, do desconhecido e da cidade carioca.

A geografia literária nesse contexto possibilita compreender uma pluralidade de questões entre geografia e literatura por meio das lugaridades, ou seja, a forma como os “objetos” estão dispostos dentro do espaço da narrativa de Clarice, sua lógica e processo de formação – (fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias), como também pelas geograficidades (os laços de cumplicidade que os homens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente – simbolismos, imaginário, sentidos, identidades, afetividades, valores) (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009).

Desse modo, quando nos referimos à Geografia enquanto ciência essencial (ciência da vida dos homens sobre a Terra), não seria a espacialidade o nosso objeto de estudo, mas a geograficidade. E retomando essa definição de geograficidade por Dardel, temos,

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 01-02).

No artigo de Pires (2020, p. 184), temos uma interpretação para essa definição acima, que aqui é aceita e seguida, em que diz,

Este trecho de “O Homem e a Terra”, logo em seu segundo parágrafo, já demarca o âmbito da proposta de Dardel, centrando-a mais em uma perspectiva filosófica e existencialista do que se reconheceria como sendo concernente à ciência geográfica, especialmente a da época. A relação homem-terra apontada aqui não diz respeito imediato aquilo que se entende por produção, localização e distribuição dos objetos, transformação material da natureza através do trabalho, mas sim ao aspecto afetivo e subjetivo que

atravessa a existência humana em sua condição terrestre. O uso dos termos “vontade”, “inquietação” e “amor” deslocam a geografia do planejamento em direção à ontologia, pois falam daquilo que constitui a potência de agir dos indivíduos antes de falar daquilo que se produzirá.

Assim, temos na geograficidade, o entendimento de que esse conceito busca captar o cotidiano do homem que habita sobre a Terra, ou seja “[...] acerca da geograficidade do cotidiano, pois nessa afirmação habita o alicerce que sustenta o conjunto da arguição, envolvendo o cotidiano enquanto categoria geográfica” (ANDREIS, 2019, p. 3).

Logo, a noção dardeliana de geograficidade expressa a relação do homem na Terra, por meio de territorialidades, paisagens e dos lugares que podem ser percebidos pela literatura, como nas demais manifestações artísticas, buscando assim as experiências geográficas de mundo, como ocorre em *Macabéa*.

Tuan (1983, p. 180), em seu livro “Espaço e Lugar” já sinalizava a perspectiva da experiência pela literatura - “a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passaria despercebidas [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”. Tuan (1983) na mesma obra fala que a literatura está presente na geografia quando oferece os aspectos do espaço social, quando evidencia as percepções ambientais e os valores culturais dos grupos sociais e, quando equilibra o subjetivo e o objetivo dos personagens envolvidos na trama literária. Segundo Marandola Jr.; Silva (2004) *apud* Marandola Jr.; Oliveira (2009, p. 497),

O texto de uma obra é uma comunicação individual e coletiva. É uma trama contínua entre o real e o fictício. É como tecer os fios entre o sujeito e o objeto, podendo ser escrito, falado, iconográfico ou imagético. Daí o texto poder ser considerado como um entrelaçar as linhas reais e fictícias. Aqui entra a geograficidade na escala individual constituindo-se pelos sentimentos, afetividade, escolhas e mundo fenomenológico. Enquanto na escala coletiva compreendendo as imagens, imaginário, cultura, território, discurso. Todas estas dimensões estão reunidas no texto.

Portanto, tendo essas ideias dardeliana em mente, busca-se no próximo tópico, discutir a respeito do lugar e seus desdobramentos, como a topofobia (aversão aos lugares). E no próximo capítulo, esboçar a análise do romance de Clarice. O desafio é analisar nas lugaridades de *Macabéa* a topobofia que preenche seu mundo, sua geografia encarnada (figura 06), como afirma Marandola Jr. (2018, p. 244),

[...] o corpo, destituído de sua condição objetal, se torna ser-no-mundo, como ente geográfico. Não de forma metafórica, mas como amálgama e dobra do próprio corpo que é a Terra (como emergência do mundo); o olhar também se converte em geográfico à medida que ele é corporificado e encarnado, ou seja, ele deixa de ser um sentido de captação para se tornar uma ação ambivalente de reunião.



Figura 06: Geograficidade encarnada em Macabéa

Fonte: Organizado por Rafael A Freitas, (2022).

Estou aqui por não ter nada
A fazer no mundo
Sobrei e não há lugar pra mim
Na terra dos homens

Estou aqui porque sou ser
Desesperado, estou cansada
Não suporto mais, a rotina de me ser
E se não fosse a sempre novidade
Que é criar, eu me morreria
Simbolicamente, todos os dias

Essa história acontece
Em estado de emergência
E de calamidade pública
Essa história é um silêncio
Essa história é uma pergunta

Trata-se de uma história
Inacabada, sem resposta

Espero que alguém me dê
Porque há o direito ao grito

Então eu grito

Música: Estou Aqui⁸

Composição: Chico César / Interpretação: Laila Garin

Conforme fala Pádua (2003, p. 154), “[...] o lugar nos fornece conforto, amizade,

⁸ Fonte: Música – “Estou aqui”, integrante do álbum – *A Hora da Estrela ou O canto de Macabéa*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oqlg-xSavGQ>. Acesso em: 01 set. 2022.

carinho, segurança. O nosso lar é o lugar de maior lugaridade! No lar nos permitimos ser vulneráveis: o ato de dormir, morrer um pouco, é um dos indícios do quanto nos sentimos seguros no lar”. Mas, e quando o lugar encarna outras sensações e sentimentos diferentes destes?

Nessa perspectiva, Macabéa assume com seu corpo, uma geografia encarnada, ou seja, uma geografia que tem na própria existência humana, a condição basilar para o fazer geográfico. Assim, Macabéa faz geografia pelo seu corpo/mente por lugares topofóbicos que vão sendo construídos pela trajetória da personagem no romance em questão. E é por isso, que concordamos com De Paula (2020, p. 248), a ideia de que “nossa relação (inalienável) com o mundo nos possibilita uma geograficidade ontológica com os lugares”, aqui pelo romance, na figura de Macabéa.

2.2 Lugar: conceito, reflexões e desdobramentos

Estar no mundo, viver no planeta Terra, nascer neste país, morar nesta cidade, estudar nesta escola implicam sentir-se em casa, familiarizado com o nosso “lugar”, incrustado no nosso “espaço”. É estar “orientado no espaço e sentir-se à vontade em um lugar”. É experienciar a alegria de acordar e de dormir em uma cama confortável, comer uma refeição quentinha, mesa, sonhar acordado e fantasiar dormindo (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

O lugar, mesmo antes de ser um conceito, já estava presente na Geografia, porque era um termo do discurso geográfico, assim como território, região e paisagem. Porém, o lugar ganha o *status* de conceito a partir do momento que ele passa a significar não qualquer lugar ou um lugar concreto, mas um lugar marcado por uma experiência, por uma subjetividade, por um significado qualquer diferente do espaço (geográfico) em termos gerais (HOLZER, 1999).

O conceito de lugar chega na Geografia por volta da década de 1970, impulsionado por Edward Relph e o Yi-Fu Tuan. Ambos passam a lecionar na mesma universidade (Universidade de Toronto), no Canadá. Grosso modo, podemos dizer que esse encontro impulsionou, a partir de muitas conversas e leituras, em se pensar em uma geografia fenomenológica assim como proposto por Dardel (2011), como método para se trabalhar com questões pertinentes da Geografia Humanista (HOLZER, 2003).

Serpa (2021, p. 16) explica que,

A década de 1970 foi marcada pela busca das relações entre a fenomenologia e a Geografia. Para Relph, o caminho era uma descrição rigorosa do mundo-vivido da experiência humana, buscando reconhecer as essências das estruturas perceptivas através da intencionalidade.

Além de Relph e Tuan, outro nome despontava como importante para o estudo do lugar, a geógrafa, também humanista, Anne Buttimer. Ela escreveu no final da década de 1970, um artigo intitulado – *Home, reach, and the sense of place*, que em português chama – “Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar”. Nele, a autora fala do lugar marcado por experiências, remetendo a afetos e sentimentos. Logo, mostrando uma perspectiva contrária a uma concepção universal de espaço, em que o lugar seria exatamente o contrário disso. Assim, a autora nos coloca que os lugares deveriam ser pensados sob a perspectiva do “lar”, ou seja, lugar de refúgio e segurança, que é responsável pela sensação de pertencimento. E também no entendimento do “horizonte de alcance orientado para fora daquele lar”.

Para qualquer indivíduo, o lar e o horizonte de alcance do pensamento e imaginação podem ser bastante distintos do lar e dos horizontes de alcance de suas filiações sociais. E é claro que eles podem se distinguir também da real localização física ou do lar e dos horizontes de alcance físicos (BUTTIMER, 2015, p. 08).

Dessa forma, Buttimer por meio desse artigo estabelece como se constitui a identidade dos lugares, que pode ser compreendida tanto pela fenomenologia quanto pela dialética. Serpa (2021, p. 59) diz que “deve-se compreender e reafirmar que dialética e fenomenologia não se excluem nem na reflexão teórica nem no trabalho de campo em Geografia”.

Abrindo mais uma vez um parêntese, é bom esclarecer que o interessante nesse aspecto é perceber que fenomenologia e dialética podem compor uma determinada investigação científica e geográfica, sem que elas se excluam mutuamente. Enquanto que a fenomenologia vai investigar os aspectos subjetivos daqueles que vivem os lugares e como os fenômenos se manifestam nesses mesmos lugares, a dialética vai funcionar como confronto de ideias teóricas e empíricas (DARDEL, 2011).

Assim, a interpretação inicial desse conceito estava relacionada à própria etimologia da palavra, pois lugar advém do latim *locális*, de *locus*, que designa espaço ocupado, localidade ou posição (TUAN, 1983). Na Geografia, o sentido de lugar passou a estar diretamente ligado à interpretação dada pelas diferentes correntes teóricas. É preciso considerar que esse conceito advém de momentos históricos e de bases filosóficas distintas, correspondentes aos modos dos homens se relacionarem entre si e com o meio em que viviam.

Na Geografia Tradicional, por exemplo, o conceito de lugar era considerado banal, pois lugar designava apenas a sua localização. Lugar significava um ponto no espaço, enquanto um ponto fixo – regido por coordenadas. Dessa forma,

Um primeiro aspecto a ser considerado, muito corrente por sinal no discurso geográfico, relaciona-se à falta de rigor conceitual que proporciona o tratamento do lugar como um substantivo comum, uma simples palavra, sinônimo de local. Na linguagem do senso comum isto talvez possa parecer livre de causar qualquer tipo de confusão no entendimento do que se quer apontar. Todavia, no campo das ciências sociais, é importante que lembremos as diferenças fundamentais que se podem estabelecer entre o lugar e o local (BARTOLY, 2011, p. 67).

Para Tuan, enquanto que as atenções dos geógrafos, de modo geral, estavam voltadas para a organização espacial, os geógrafos humanistas se preocupavam com os espaços e os lugares dos homens (1983; 1991). Para esta discussão, recorremos a Gomes (1996, p. 320),

A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis, nem observar regularidades generalizadoras. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente. A objetividade não provém de regras estritas de observação, mas do uso possível das diversas interpretações na compreensão do comportamento social dos atores no espaço.

Assim, como colocado por Gomes (1996), enquanto que as ciências ditas racionalistas buscavam a objetividade para entender determinados eventos, os geógrafos humanistas

jogavam luz no conceito de espaço vivido (lugar) que passou a ganhar destaque para o entendimento de diversas questões sociais que se pulverizavam no Brasil (e fora do Brasil) a partir dos anos de 1970.

Para Buttimer (1985, p. 174) *apud* Mello (2005, p. 35),

[...] o espaço ultrapassa sua condição, ao ser alçado ao patamar de lugar ou lar. Trata-se de um universo vivido nos quais as coisas e as pessoas são valorizadas. Descrever o espaço “meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana” (Buttimer, 1985, p. 174), até porque desta maneira não seria possível captar a beleza, a fragrância e o ritmo dos lugares.

Mas, afinal, o que é o lugar do ponto de vista da Geografia humanista? É difícil definir lugar, pois ele parece ser muito óbvio, ele tem assim uma força do senso comum que parece que é um conceito que não precisa de definição, uma vez que ele se autoexplicaria, sendo que o conceito de lugaridade é o próprio do lugar, sendo apenas uma escolha linguística do geógrafo em usar um ou outro termo, mas ambos são a mesma coisa.

Tim Cresswell (2013) define lugar nos questionando da seguinte forma: Vamos imaginar um quarto de criança; a cidade em que uma pessoa nasceu; uma grande cidade como Nova Iorque e a Terra. O que faz desses espaços, lugares que não sejam qualquer quarto; uma cidade qualquer; uma megacidade sem nome, anônima ou um mero planeta inabitado que faz parte do sistema solar? A resposta é por meio do significado que a pessoa dá a esses espaços, logo, o lugar é um espaço cheio de significados. Ou como nas palavras de Tuan (1983, p. 383), “em que ele propõe uma nova forma de se abordar o conceito de lugar na Geografia: como lugar simbólico, conjunto complexo e único, enraizado no passado e que aponta para o futuro”, uma vez que o lugar guarda trajetórias e memórias, além é claro dos próprios sentidos que nos levam de volta aos lugares, mesmo que estejamos longe fisicamente, por meio do cheiro, o som, a percepção pelo toque, o sabor, assim como pelas marcas que são captadas pelo olhar.

O lugar não é apenas aquele em que estamos no momento presente, tem muitos outros lugares, inclusive lugares que não existem mais, como os lugares da infância, da escola da “Tia Maria”, das ruas etc. E quanto mais velho ficamos, mais lugares pelos quais percorremos continuarão existindo para nós tanto em termos individuais quanto coletivos, ainda que ligados unicamente pela memória. A memória funciona como um mosaico, em que se formam os lugares, resultado das nossas experiências que são construídas ao longo do tempo.

O mundo é construído a partir de muitas lentes, e nenhum lugar existe somente para um sujeito, já que estamos falando também e principalmente de solidariedade, da força do coletivo. Porque quando não nos identificamos no lugar, pelos valores daqueles que ocupam aquele espaço, não quer dizer que não possamos nos identificar posteriormente com aquele lugar, mas construiremos essa relação de uma maneira diferente, com novos valores, novos olhares, novos significados (HOLZER, 2003).

O lugar apresenta características múltiplas, embora quando nos referimos a ele, elencamos as nossas vivências, os sentidos que construímos a partir das experiências diretas e indiretas no espaço, o que evocaria, então, as experiências exclusivas. A partir disso, se evocarmos as experiências próprias para pensar e falar do lugar, podemos dizer que ele apresenta características múltiplas, mas identitárias únicas. Ou seja, embora saibamos que outras experiências existem e que, de igual forma, evocam o lugar, são os pontos de contato de tais experiências que conformam os lugares e, assim, participam da identidade do mesmo (HOLZER, 2003).

Vale mencionar também que, o lugar pode não ser lento, e sim extremamente dinâmico, com a presença de diversas pessoas convivendo, interagindo e consumindo no

mesmo lugar. A riqueza dos lugares vem da diversidade e não da exclusividade, e é essa diversidade que faz do lugar, um lugar de encontros, de trocas (MELLO, 2005).

E como podemos delimitar um lugar? Não é tão simples, basta pensarmos que o lugar é aquele onde é compartilhado por um grupo de indivíduos, mostrando assim para quem está de fora, que aquele indivíduo está fora do lugar. Logo, o que é lugar para uma pessoa, pode ser território para quem está de fora dele. Ou ainda, pode ser inclusive território, mesmo para quem está dentro, para quem o tem como lugar, indo em direção a um lugar-território (SERPA, 2021).

Nessa discussão, Serpa (2021, p. 62) questiona – “Em que situação somos e nos manifestamos como lugar? Ou em que situações somos e nos manifestamos como território? Ou melhor: que experiências primeiras fundamentam o ser no mundo como lugar ou território?”

Então, mais que associar *a priori* os conceitos de lugar e território a qualidades específicas (lugar = vivido; território = poder), acredita-se que as relações que se estabelecem entre os agentes / sujeitos / grupos / indivíduos / classes são marcadas pelo predomínio (instável) da igualdade e da diferença e que a dialética entre diferença e igualdade é o que vai estabelecer lugar e território como modos geográficos de existência (SERPA, 2021, p. 63).

Ainda que essa relação não seja o foco desta pesquisa, vale ponderar que lugar e território, como fala Serpa, apresentam o par dialético – igualdade e diferença. Assim, a igualdade nos coloca no lugar, enquanto que a diferença nos impõe o território.

Essas relações podem se manifestar de maneira centrípeta (para dentro) e/ou centrífuga (para fora) quando se trata de intersubjetividade e modos de existência frente ao diferente e/ou igual (a mim). A forma como agentes / sujeitos / grupos / indivíduos / classes vão reagir ao outro é, enfim, o que “ser lugar” ou “ser território” manifestam enquanto essência nas mais diversas escalas espaço-temporais. Quando nos voltamos intencionalmente para fora e entre diferentes é possível perceber a constituição de momentos e princípios existenciais dialeticamente relacionados, mas distintos enquanto manifestações do ser-no-mundo (SERPA, 2021, p. 63).

Isso mostra o quanto o conceito de lugar é extremamente complexo, e mais, pois o que é lugar em determinado momento para uma pessoa, pode passar a ser um *não-lugar* ou um *deslugar* tempos depois, conforme sugere Relph (1976), a depender das relações e vivências estabelecidas nesse espaço - lugar. Podemos dizer ainda que os lugares guardam características que estão em constante transformação a depender de quem vivencia e como vivencia os lugares. Como coloca Relph (1976) *apud* Mello (2008, p. 172),

Consideremos os não lugares ou “deslugares” como conceituado pelo geógrafo Edward Relph, na obra “Place and Placelessness” (1976), referente às criações humanas clonadas, monótonas em sua forma e até mesmo a enfadonha e uniforme porção oferecida pela natureza nos desertos ou nos polos climáticos [...]. É o espaço sem valor afetivo e simbólico, visto como transitório e banal.

O geógrafo Edward Relph quando escreveu no ano de 1976 o livro, em português - “Lugar e não-lugar”, mostrava uma preocupação quanto à possibilidade do lugar se transformar em um *deslugar*. Relph (1976) percebeu que com a modernização da vida, os lugares tendiam a ficar homogeneizados, em que o mundo se homogeneizava e os lugares se

descharacterizariam. Assim, nos deslocaríamos pelos espaços em atos cotidianos completamente sem raízes, anódinos, sem o menor sentido do particular, do lugar. Mas, felizmente, pela força cultural, os lugares continuam vivos e pulsantes.

O lugar se desdobra então em outros, como topofilia e topofobia. Assim, segundo a etimologia desses termos, que advêm do grego, significam: “tópos = lugar, filia se origina de “filos” = amigo, e do verbo “filein” = amar, gostar, beijar”, então é compreendido como Amor à Terra. Fóbos = medo”.

No livro “A Poética do Espaço”, Bachelard (1993) fala pela primeira vez em topofilia. O autor (1993) cita esse conceito quando se propõe a fazer uma “*topoanálise*”, definindo-a como “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (1993, p. 202). Em outras palavras, a topofilia é o pertencimento do indivíduo ao seu lugar vivido, o que fica marcado por afeto, carinho, memória e os laços identitários positivos que unem sujeito-lugar.

Carvalho (2022, p. 05) fala sobre essa relação entre sujeito-lugar e faz um alerta muito pertinente, ao dizer que “não devemos pensar o eu (sujeito) meramente como uma organização mental, uma representação de si mesmo. O indivíduo organiza-se no espaço e no tempo a partir de sua corporeidade e nota-se então que o ser humano, em sua essência, é corpóreo”.

Merleau-Ponty (2006) diz que a consciência do corpo se revela através do mundo e vice-versa. Holzer (2014, p. 290) fala que o corpo é o elemento fundante do sujeito como ser-no-mundo, é justamente através do corpo que se instaura a nossa espacialidade, é ele quem nos lança no espaço: “o ‘meu’ corpo representa a transição de ‘mim’ para o meu mundo, que é o lugar que me apropriou do mundo”.

O lugar não é só o que tem coisas positivas, atributos positivos, de conforto, de aconchego. Aliás, a topofilia é um conceito que ganha força tempos depois de Bachelard, mas dessa vez por Tuan (1980), em seu livro “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, quando o mesmo dá impulso e se desdobra em discutir e analisar as diversas facetas desse conceito.

Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três elementos básicos: percepção, experiência e valores. O autor fala ainda sobre a diferença entre espaço e lugar, onde espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que ele passe a receber um valor de significação, enquanto que o lugar deve ser compreendido pela experiência. Na concepção de Tuan (1983, p. 387),

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

Mello ressalta a diferença entre espaço e lugar, com uma reflexão muito pertinente ao contexto desta pesquisa, quando faz a seguinte comparação:

Os paradoxos ocorrem igualmente com relação ao espaço e ao lugar. Senão vejamos: os paraísos naturais conservam sua aura diante da luz solar. Esta, como se sabe, fomenta vida e abundância. Em contraponto, a escuridão noturna prestigia morte, e mesmo que o homem tenha procurado vencer os horrores da noite alumando o meio ambiente com clarões produzidos por substâncias gordurosas e combustíveis, afora lamparinas e velas, e tentado

copiar a luz natural, recorrendo a fontes tecnologicamente avançadas, como a energia elétrica, o gás neon e o mercúrio, ainda assim, em meio à noite artificialmente iluminada, persistem os receios com relação aos universos noturnos. Entretanto, convém registrar, as noites enluaradas exercem um grande fascínio, ainda que a maioria das pessoas prefira não se aventurar nas praias, montanhas ou nos bosques junto aos mistérios da noite (MELLO, 2011, p. 11).

De forma bem simples, podemos estabelecer a seguinte relação entre espaço e lugar:

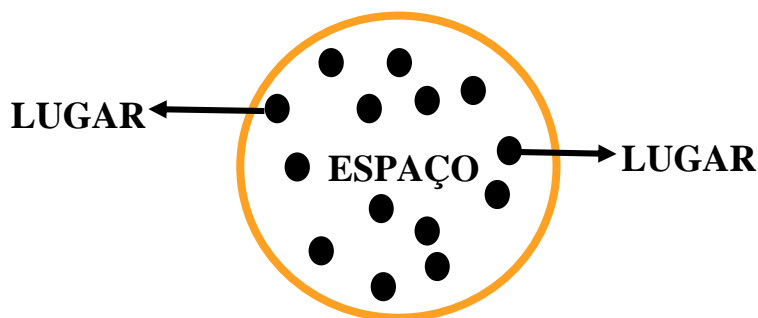


Figura 07: Relação - espaço e lugar

Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).

Assim, o lugar pode ser aconchegante para um e pode não ser para o outro. É importante não idealizarmos a ideia de lugar, porque o lugar não é o espaço do ideal, da harmonia, do aprazível. Dessa perspectiva, surge outro conceito, o de topofobia (aversão aos lugares), bem discutido por Relph (1979) e Amorim Filho (1999), sendo esse conceito contrário ao de topofilia, resignificando-o a partir de outros sentimentos, como que numa crítica à Bachelard (1993), pois esse autor tratava dos lugares felizes, como se todos assim o fossem. Mas é importante que se diga que não há uma definição única acerca da topofobia por parte dos geógrafos, e que os trabalhos nessa direção buscam menos definir esse conceito e mais trabalhar a ideia que ela (topofobia) transmite. Para Relph (1979),

[...] topofilia provê apenas uma descrição parcial da geograficidade semiconsciente, porque muitos de nossos encontros com os nossos mundos-vividos estão longe de serem agradáveis. Por causa do costume, das circunstâncias, ou do próprio ambiente, as experiências de paisagem e de lugar podem ser topofóbicas. Literalmente, isso significará que estamos com receio ou medo delas, e rejeitados por elas, mas exatamente como o significado de topofilia foi ampliado, parece ser permissível estender a definição de topofobia para incluir todas as experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão.

Para Guimarães (2002, p. 139),

A afeição ou o desprezo, condizentes a alguns lugares que se relacionam diretamente às ambiências experienciadas, visto que as expressões topofílicas integram o sentido do todo verdadeiramente, mesmo envolvendo faces, pontos referentes à topofobia. Esta manifestação torna-se meridiana para nosso estudo e reflexão, podendo ser observada nas formas de interpretação do lugar ao longo de todo o processo civilizatório.

Assim, tanto Relph (1979) quanto Guimarães (2002) falam de topofobia de forma muito próxima, se aproximando também de Amorim Filho (1999, p. 147). Para o autor (1999, grifo nosso), “[...] os valores topofílicos são muito mais numerosos ou mais fáceis de serem identificados do que os topofóbicos, pois estes partem do medo que o outro muitas vezes tem de expressar tais sentimentos”.

Em resumo, o lugar topofílico nos conduz a uma ideia em que valores de pertencimento, identidade, conforto, segurança, afeto etc, estão intimamente ligados ao caráter desses lugares. Em outras palavras, podemos dizer que são características positivas que unem sujeito pelo seu corpo ao lugar. Pertencer a um dado lugar é fazer parte dele, da cultura ali expressa e dos valores que são compartilhados por todos ou por grande parte dos que habitam determinado lugar (GUIMARÃES, 2002).

Trazendo essa discussão para o romance, entendemos que os lugares podem causar reações nada positivas, se tornando lugares dotados de medo e desconforto. Sentimentos e emoções que Macabéa nutre no romance, como fica explícito já no início da obra de Clarice – “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (LISPECTOR, 2020, p. 13). Assim, fica claro em Macabéa um sentimento de vazio, de solidão, de invisibilidade. Essa invisibilidade gera na personagem traumas que a acompanham ainda no sertão, porque na verdade Macabéa sempre se viu sem lugar no mundo, “desprovida inclusive da própria existência”, sem identidade.

Para a formação da identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a aura que a envolve é essencial. Experiência, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de lugar. As brincadeiras no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em endereços diversos, despertam um profundo sentimento de bairrofilia, sensação esta de apego, pertencimento, filiação e bem-estar (MELLO, 2011, p. 10).

Assim, o medo é o grande sentimento de Macabéa, sobretudo o da não aceitação. E esse medo conforma os lugares pelos quais ela vive, tornando-se então lugares topofóbicos.

O conceito de topofobia também pode servir para o entendimento do sentido de topocídio (AMORIM FILHO, 1999), ou seja, “a morte de lugares”, mas aqui não entraremos nessa discussão, porque o que defendemos nesta pesquisa não é a morte dos lugares em virtude da topofobia, pelo contrário, os lugares continuarão existindo, o que muda de fato é a percepção de quem experiencia os lugares.

Dessa forma, tendo por base a topofobia, pode-se compreender o comportamento da personagem Macabéa frente às situações colocadas por Clarice Lispector. Macabéa tem medo do que vive, como também do que desconhece na/da cidade carioca. Assim, a topofobia nesse contexto do romance se apresenta de algumas maneiras, sendo pela percepção da personagem que se coloca como um “indivíduo menor”, seja pela sociedade, o que fica marcado pelo próprio olhar do narrador, que coloca Macabéa numa situação de preconceito regional, por ser mulher e nordestina.

Com isso, a potência está em não limitar o lugar como ponto fixo, cujas percepções não são sentidas e experienciadas por todos da mesma forma, com as mesmas emoções. Evidentemente que o lugar é compartilhado coletivamente, com pessoas que são mais ou menos do mesmo grupo cultural e isso traz uma sensação de segurança, conforto e de identidade. Mas, não devemos nunca limitar certos paradigmas pelo viés do senso comum. Por isso,

[...] no seio da Geografia Humanística, o conceito de identidade se associa ao lugar, este que é considerado a base da existência humana, através da

experiência e relação direta e profunda com o mundo repleto de significados. Afinal, a corrente humanística é flexível e se dimensiona a partir de como seus componentes preferem moldá-la. O espaço vivido relaciona-se com a dimensão da experiência humana dos lugares, ou seja, o modo como o sujeito percebe o objeto (BUTTIMER, 1982, p. 170).

Tuan (1985) diz que o lugar cotidiano é aquele em que os indivíduos a partir das suas experiências subjetivas e na relação com o outro, conseguem estabelecer laços de identidade, pertencimento, atribuindo a esses lugares sentidos simbólicos significativos, por onde é possível entendermos seus valores e comportamentos. Ainda para o autor (1985), o lugar é considerado como resultado concreto de um processo histórico, podendo representar tanto uma dimensão real e física quanto uma construção simbólica, que associa sentidos e ideias. É, enfim, um espaço de valores, de alienação, da distância existencial, do comportamento, do mundo vivido. Para Bollnow,

[...] para que o homem possa viver num local fixo sobre a terra, não é suficiente estabelecer-se de maneira fugidia em qualquer lugar. É necessário, inicialmente, um esforço especial. O homem deve se fixar no solo nesse ponto e, de certo modo, ali se agarrar, para que resista ao assalto do mundo [...] (BOLLNOW, 2019, p. 137).

Dardel (2011), fala que o indivíduo está em um determinado ponto, enquanto ser no mundo, e intencionalmente quando esse indivíduo se volta para o mundo, ele se volta para o seu lugar, a partir de distâncias e direções – o que está próximo e o que está distante. A vida do lugar não é a vida local, é a vida que se preenche porque ele é definido pelo exterior, pelo mundo, pelas pessoas.

O lugar só existe se existir pessoas ocupando esse espaço, transformando-o e sendo por ele transformado. Dessa forma, “[...] a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1985, p.143).

Logo, percebemos que as características do conceito de lugar são diversas, porque o lugar só é lugar pela vida (corpos) que ocupa esse espaço. E não tem como pensar em indivíduos iguais em todos os aspectos. Assim, a fenomenologia está intimamente ligada e dialoga muito bem com as questões humanistas dentro da geografia, porque tem no lugar (espaço vivido) o conceito que norteia as investigações subjetivas entre homem (corpo) no espaço (lugar) (QUEIROZ FILHO, 2020).

O lugar é carregado de subjetivismos, e o corpo que ocupa o lugar é igualmente subjetivo, ou seja, único e dotado de histórias e experiências das mais diversas. Como escreveram Brito; Serpa (2020, p. 35), “assim chegamos a um corpo-lugar que se desloca e se relaciona, ao mesmo tempo em que se constrói, a partir das experiências vividas”. Logo, pensar em lugar é pensar na corporeidade que se materializa e faz do lugar um lugar único.

Portanto, lugar e corpo se atravessam, complementando-se mutuamente. Pois, “habitar é uma aproximação, um encontro de intensidade em que sujeito e ambiente se conectam. Eminentemente relacional, vir a habitar um lugar implica em colocar uma parte de si nesse lugar”, conforme coloca Souza Júnior; Almeida (2020, p. 100). E,

Habitar, no entanto, significa sentir-se em casa num determinado local, com enraizamento, pertinência. Por essa razão é tão válido que recentemente, na evolução do movimento intelectual do presente e em especial em sua discussão com o existencialismo, o conceito do habitar tenha alcançado o primeiro plano. Esse fato, captado por diversos autores, aparece de modo

talvez até inconsciente em seu uso linguístico e, com isso, muitas vezes, ganha um significado adicional, não mais limitado ao habitar uma casa. Contudo, bem por esse motivo, o conceito também parece apropriado para descrever uma modificação geral e profunda no sentimento espacial, que surge da discussão com o existencialismo. O homem aprende novamente a habitar seu mundo (QUEIROZ FILHO, 2020, p. 135).

Portanto, o lugar deixa de ter o sentido mais estrito de localização, de espaço banal, e hoje, a partir de um aporte fenomenológico - e de aproximação entre a ciência e a cultura em suas diversas manifestações - o lugar é definido como um fenômeno complexo, transescalar, encarnado em nossa corporeidade e em nossas experiências cotidianas na Terra, no espaço geográfico - esse que nos sustenta (MARANDOLA JR; HOLZER; OLIVEIRA, 2014).

O lugar nessa perspectiva implica no habitat, não no sentido da casa, mas em ser e estar no mundo, firmar os pés na terra e viver as experiências (boas e/ou ruins) que os lugares nos proporcionam. Recorrendo a Bollnow, destacamos que,

Habitar significa, portanto: ter uma locação fixa no espaço, pertencer a ela e nela estar enraizado. Entretanto, para que o homem possa ali permanecer de modo a se sentir protegido, o “lugar” da habitação não pode ser concebido como um simples ponto, como inicialmente falamos de um centro natural do espaço vivenciado, ao qual todos os caminhos seriam referidos. Para poder viver ali sossegadamente, essa locação deve ser expandida de certo modo. Lá o homem deve poder se mover num certo território. O habitar requer um determinado espaço de moradia. Eu falo, nesse sentido, de uma habitação referindo-me ao âmbito espacial do habitar. Não afirmo com isso mais nada sobre o tipo dessa habitação (BOLLNOW, 2019, p. 138).

Tuan (1991, p. 89) ao ser questionado sobre o que é geografia, fala que “geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas”. Pádua (2003, p. 153) traz em sua tese um esclarecimento de grande valia para a Geografia Humanista, ao dizer,

Por que Tuan se tornou um geógrafo? Foram duas as suas maiores motivações: a primeira é um medo extremo de se sentir perdido. Sabemos que a orientação (espacial, social, econômica) é uma necessidade de todo ser humano. Ela traz conforto e segurança. Mas Tuan considera que o seu medo da desorientação geográfica beira à fobia. A segunda e principal motivação é o interesse na natureza humana, na existência e, por conseguinte, no autoconhecimento.

Assim, quando nos debruçamos sobre a romance – “A Hora da Estrela”, vemos que Macabéa é uma personagem sem lugar do ponto de vista do pertencimento, uma moça que tenta sobreviver e se adaptar em meio a uma cultura diferente da sua, possuindo uma vida simples, pobre e dotada de um “vazio existencial”, ou seja, falta-lhe um “lar”, ainda que habite em uma pensão. Como Sartre (1956, p. 269) afirmou “não me é possível não ter um lugar”. Em Macabéa o que falta é segurança de estar nesse lar. Carvalho (2022, p. 12) diz que,

[...] o modo de habitar não está referendado, assim, simplesmente por se situar em dado lugar, mas entram em cena outras matrizes – posição na estrutura social, os diversos modos de capital, faixa etária e elementos de ordem cultural – que balizam um modo de ser-no-mundo do(a) homem/mulher.

E é essa personagem que nos interessa, servindo como exemplo de uma figura

feminina, que embora fictícia, encontra no mundo real realidades semelhantes. Rodrigo S.M. observa Macabéa entre tantas pessoas, andando pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro e algo o chama a atenção: Macabéa precisava ser conhecida e sua história contada. Para Ferreira; Costa (2021, p. 01),

Ver. Observar. Sentir. Se permitir. Ser observado. Ser tomado. Atravessado. Imaginar. Ressoar e Repercutir. A trajetória de uma imagem poética, não necessariamente nesta respectiva ordem, penetra na sonoridade do ser e invade, sem permissividade, as brechas do não retorno. Não somos mais os mesmos após vermos aquilo que nos olha. Essa relação mútua do olhar, não restrito ao ocularcêntrico, mas um olhar atado ao corpo e do corpo, nos golpeia e nos confronta para um lugar de memória, imaginação e afetos.

Apoiando-se nessa citação, teria sido essa a experiência fenomenológica que atravessou Rodrigo S.M. ao ver Macabéa pela primeira vez? Quais sensações, percepções e concepções vieram à consciência dele neste momento? No entanto, é importante dizer que Macabéa “nasce da cabeça de Rodrigo”, de sua imaginação! Imaginação que é um dos pressupostos básicos da geografia literária.

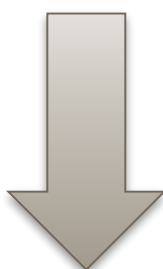
Assim, essas considerações acerca do lugar se fazem necessárias nesse momento, numa tentativa de se desenhar, ainda que resumidamente, o percurso desse conceito, facilitando assim a análise do romance, que será apresentada no próximo capítulo.

A figura 08 ilustra o lugar (conceito) e alguns elementos constituintes que o ajudam a entendê-lo. Elementos que estão presentes (uns mais e outros menos) na narrativa de Clarice e que estão no processo de análise do romance. E a figura 09 os termos (os elementos da figura 08) utilizados por autores em suas obras.



Figura 08: Lugar e seus elementos constituintes

Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).



Assim: O **lugar** (lugaridade), é marcado por **símbolos** - materiais e imateriais dos mais variados, dispostos no espaço, percebidos pelo **cotidiano** de um **corpo** em **movimento**, que possui uma trajetória de **experiências**, de **afetos** e de **relações interpessoais**. Esse **lugar-vivido** conforma a **corporeidade**, a **subjetividade**, a **identidade**, o **pertencimento** e a **cultura** de quem o vivencia, e juntos são responsáveis pela **história** do sujeito, infelizmente nem sempre marcadas por **memórias** afetivas, às vezes, marcadas pelo **medo**, pela **aversão**, em um **sentido topofóbico**. Topofobia que parte de Macabéa e preenche suas lugaridades neste mundo.



LUGAR	TUAN, 1980; HOLZER, 1996
SÍMBOLOS	MELLO, 2011
COTIDIANO	TUAN, 1983
CORPO	CARVALHO, 2022
MOVIMENTO	DARDEL, 2011
EXPERIÊNCIAS	TUAN, 1985
AFETOS	TUAN, 1980
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	AMORIM FILHO, 1999
LUGAR - VIVIDO	TUAN, 1980
CORPOREIDADE	QUEIROZ FILHO, 2020
SUBJETIVIDADE	TUAN, 1985
IDENTIDADE	TUAN, 1980
PERTENCIMENTO	TUAN, 1980
CULTURA	TUAN, 1980; HOLZER, 2003
HISTÓRIA	RELPH, 1979; SERPA, 2021
MEMÓRIAS	MARANDOLA JR., 2018
MEDO	GUIMARÃES, 2002
AVERSÃO	RELPH, 1976
SENTIDO TOPOFÓBICO	RELPH, 1979

Figura 09: Termos (elementos) usados por autores em suas obras

Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).

Os lugares, por sua vez, encarnam distintas relações sociais (o que inclui a relação da sociedade com o espaço) e este conjunto (espaço-sociedade), com seus valores culturais, morais, seus componentes técnicos e simbólicos, é o que propicia o movimento reverso – a incidência do lugar sobre o ser enquanto se diferenciam os modos de habitar deste ou daquele lugar (CARVALHO, 2022, p. 10).

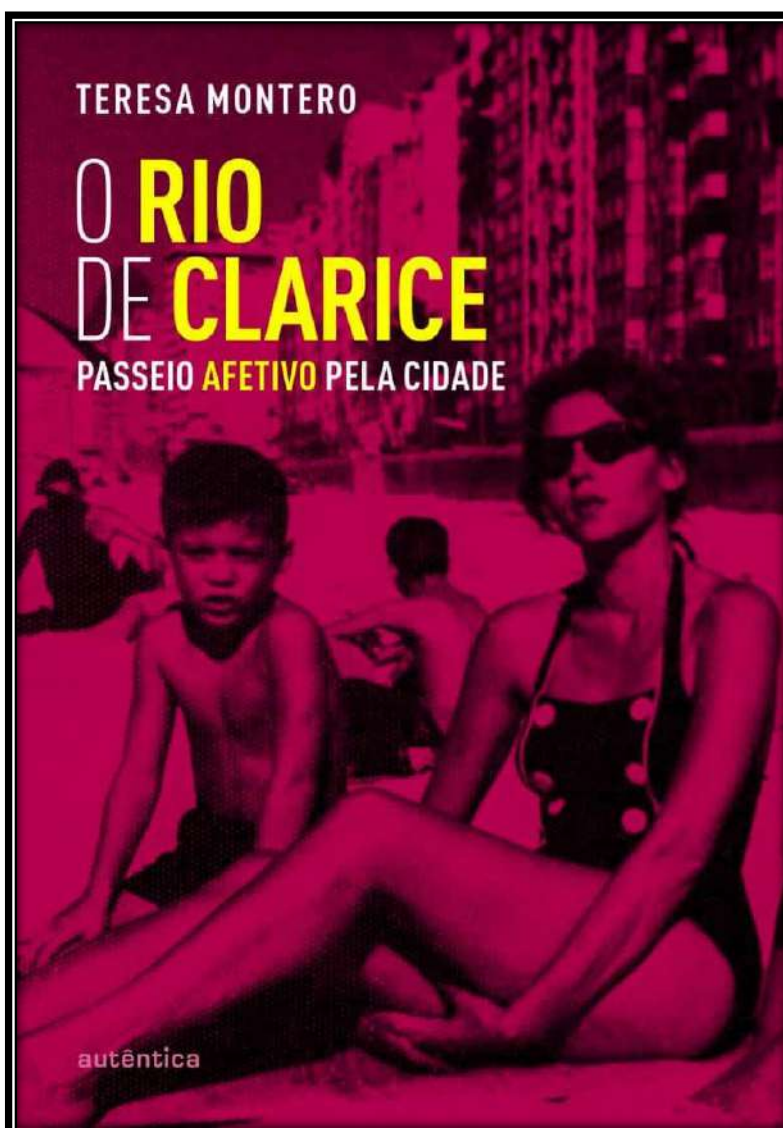
Não tem como falar de lugar sem que tais elementos não estejam presentes, uma vez que o lugar assume uma dimensão do íntimo, e no romance de Clarice, eles (elementos) estão moldando a trajetória de Macabéa. Esses elementos dão forma ao que podemos chamar de vivência pelos/nos lugares – ao mundo vivido, ideia da fenomenologia que buscamos para compreender o ser-no-mundo (Macabéa). Nesse contexto, a geograficidade também é importante nessa compreensão, por isso o esforço de começar este capítulo com a obra de Dardel (2011), na tentativa de entender e compreender o mundo de Macabéa. Preocupação da vertente cultural e humanista da Geografia, em busca dos anseios, percepções, sentimentos e experiências vividas das pessoas por meio dos lugares.

O desafio aqui nesta pesquisa foi lançado!



MOMENTO – “PÍLULA DE CULTURA”!

O RIO DE CLARICE **PASSEIO AFETIVO PELA CIDADE**



PUBLICADO PELA EDITORA AUTÊNTICA, ESSE LIVRO É UM DOS MARCOS
COMEMORATIVOS DO CENTENÁRIO DE CLARICE LISPECTOR.

ESCRITO POR: TERESA MONTERO

FONTE: [HTTPS://GRUPOAUTENTICA.COM.BR/AUTENTICA/LIVROS/O-RIO-DE-CLARICE/1657](https://GRUPOAUTENTICA.COM.BR/AUTENTICA/LIVROS/O-RIO-DE-CLARICE/1657)



CAPÍTULO 03

O terceiro e último capítulo, tem por objetivo apresentar a análise geográfica do romance – “A Hora da Estrela”. Análise que será realizada tendo o lugar como conceito fundante para o entendimento das experiências geográficas vividas por Macabéa. Experiências nada agradáveis, e sim marcadas por um alto grau topofóbico, que acompanha a personagem do início ao fim da narrativa de Clarice Lispector. Dessa forma, apresentaremos as lugaridades presentes na trajetória de Macabéa por meio de três tópicos que se seguem. Juntos, eles formam o todo orgânico da análise.

GEOGRAFIA DE UM NOME, SEM SOBRENOME:



3.1 A culpa é minha

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida (LISPECTOR, 2020, p. 11).

Primeiramente, quem foi Clarice Lispector? Clarice Lispector (*Chaya Pinkhasivna Lispector*) nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no ano de 1920. Com menos de 2 anos veio para o Brasil com seus pais, desembarcando em Maceió (AL), onde se naturalizou. Morou em Alagoas, mas viveu por um bom tempo em Recife, onde passou a infância e parte da adolescência. Em 1935, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, momento em que Clarice cursou Direito na Faculdade Nacional, trabalhou como professora e com traduções, e mais tarde como jornalista e escritora. Casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, pai de seus dois filhos. Como escritora, escreveu dentre outras obras, “A Hora da Estrela”, seu último romance, considerado por muitos críticos como sua obra prima, tendo sido publicado alguns meses antes de sua morte, em 1977, provocada por um câncer no ovário (MOSER, 2017).

Ainda que sucintamente, se faz necessária essa contextualização sobre Clarice, porque percebemos pela leitura de *A Hora da Estrela*, que a trajetória de Macabéa tem muito da própria Clarice, sua vivência pelo Nordeste e quiçá os desafios pelos quais teve de enfrentar, sendo mulher, estrangeira (embora tivesse se naturalizado tempos depois) e escritora. Além do preconceito que recebia dos literatos à época, conforme consta no livro – *Clarice, uma biografia*, de Benjamin Moser (2017) e traduzido por Geraldo José Couto.

Importante dizer que, embora não tenhamos a pretensão de colocar Clarice dentro de uma “caixinha de vanguarda literária”, didaticamente “A Hora da Estrela” se insere na 3ª (terceira) geração modernista de 1945. Essa informação é importante, mas a riqueza das obras de Clarice é tão grande, que acaba sendo limitante dizer que ela foi “apenas uma escritora modernista”, porque dentre outros motivos, possuía uma linguagem tão própria, que causava estranhamento até naqueles que se colocavam como modernistas à época (COUTINHO, 1986).

Assim, concordamos com Fonseca (2011, p. 08) quando diz que, “a genialidade da autora faz com que em poucas páginas (*A Hora da Estrela*) o leitor mergulhe em um oceano

de significações. [...] É um escrito que trata de psicologia individual, dissolução do sujeito contemporâneo, sociedade excludente, fenomenologia e espaço vivido”.

É por ter sido uma escritora tão genial, e tão à frente de seu tempo, que suas obras se tornaram legados para a literatura brasileira, e para os geógrafos, um rico material de análise. Então, a partir de agora, vamos nos debruçar sobre a obra e conhecer quem foi Macabéa, e como que os lugares se tornaram topofóbicos para ela.

Para tanto, usaremos as ideias propostas pela Análise Textual Discursiva, nos apoiando principalmente na etapa denominada de Desmontagem dos Textos. Essa por sua vez surge por meio dos fragmentos de textos do romance. Esses fragmentos serão interpretados fenomenologicamente, tendo o lugar como conceito de discussão e análise.

Assim, em “A Hora da Estrela” temos Macabéa, nordestina de 19 anos, do sertão de Alagoas. O romance já nas suas primeiras linhas nos diz que “tudo no mundo começou com um sim” (LISPECTOR, 2020, p. 09). A vida de Macabéa é um convite ao fracasso existencial que tem no Cosmos um sim e um amém. Se estrela é um astro que possui luz própria, caberia então chamar Macabéa de estrela? Parafraseando Olavo Bilac - (Ora, direis)!

A figura 10 faz parte dos manuscritos originais da própria Clarice, com as duas primeiras frases que abrem o romance, disponibilizados na edição comemorativa que marca o centenário da escritora e ao mesmo tempo os 40 anos de seu falecimento.

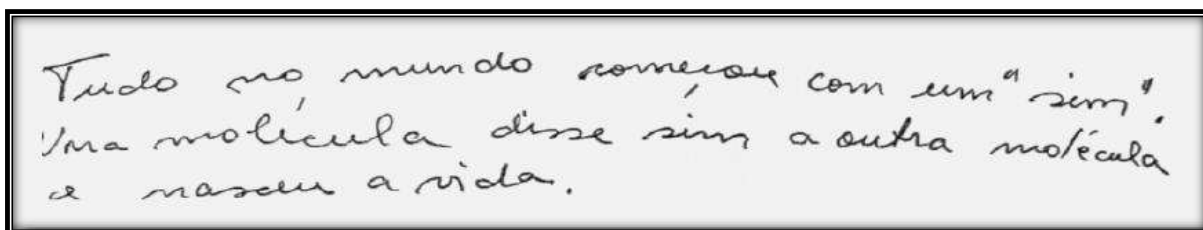


Figura 10: Manuscritos de Clarice Lispector – “A Hora da Estrela”

Fonte: Lispector, (2017).

Macabéa é uma personagem incompreendida muitas vezes por tudo e por todos, inclusive por ela própria, com exceção de Clarice que a conhece muito bem. Clarice é a única que consegue compreendê-la, pois a vida de Macabéa tem muito da autora, e a própria trajetória de Clarice demonstra isso, como já pontuado. Essa incompreensão parte de uma personagem que apresenta dificuldades “de se encaixar” nos lugares e suas relações interpessoais sofrem ruídos a todo instante, já que a personagem tem dificuldade de verbalizar o que sente. Quantos aos leitores, muitos sentem compaixão, outros sentem raiva da personagem, mas isso seria uma outra discussão.

Conforme nos fala Merleau-Ponty (2006, p. 18), o mundo fenomenológico é o sentido “que transparece na interseção de minhas experiências, e na interseção de minhas experiências com aquelas do outro”.

Clarice nos questiona sobre a felicidade ao compartilhar com seus leitores que - “Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (LISPECTOR, 2020, p. 10). Essa passagem do romance já seria um prenúncio da narrativa, embora não possamos dizer que Macabéa compartilhasse dessa ideia de felicidade.

No romance, Rodrigo S.M. é um narrador-personagem que sabe toda história de Macabéa, conhece sua psicologia e o destino de sua vida, de sua trajetória, marcada por estranhamento, pelo medo do desconhecido. Portanto, Rodrigo S.M. está tanto em 1ª (primeira) quanto em 3ª (terceira) pessoa, pois ao mesmo tempo em que ele narra à história, ele também se coloca como um personagem.

Esse romance pode ser entendido como uma resposta de Clarice Lispector para

aquelas pessoas que tanto a criticavam (aos críticos literários) por ela não escrever dando ênfase ao social. Podemos dizer que esse romance é uma metaficção, ou seja, uma ficção que tem consciência de sua própria ficção, afinal, a autora cria um narrador que detalha o projeto criativo de sua obra. E a crítica de Clarice parte desse narrador, que na verdade é mais do que isso, “é como se ele próprio quem escrevesse a história”, ao mostrar para o leitor o processo criativo da própria escrita do romance, das próprias escolhas literárias que “ele faz” (MOSER, 2017).

Assim, Clarice mostra de forma bem irônica que mulheres podiam escrever romances, sem que eles fossem excessivamente românticos, sendo Rodrigo S.M. quase que seu pseudônimo. Por outro lado, Rodrigo S.M. é homem e narra a história de uma mulher, ou melhor, ele fala por ela, fala por Macabéa, sem nem ao menos conhecê-la. Rodrigo S.M. é de classe média, intelectual e que nunca viveu as dificuldades enfrentadas pela personagem principal. Outra crítica de Clarice: para aqueles escritores que retratavam a pobreza e o sofrimento do povo brasileiro sem nem ao menos ter vivido por provações e dificuldades (MOSER, 2017).

Vale ressaltar que Clarice ao criar esse narrador, dando-lhe um caráter também de autor, quis satirizar, pois o machismo presente também na classe dos literatos, dizia que mulheres só escreviam de forma melódica e sentimental, definitivamente tudo que não encontramos em “A Hora da Estrela”. Lispector (2020, p. 12), diz que “[...] até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”. E continua,

[...] para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina (LISPECTOR, 2020, p. 17).

Clarice assume a forma de Rodrigo S.M. a quem mencionaremos a partir de agora, e deixa claro que a história a ser contada é tão triste, que ele precisa se colocar em um lugar de agruras, tentando se aproximar da personagem de quem ele vai falar.

Nessa direção, resgatamos o pensamento de Buttimer (2015, p. 9), quando ela diz que “para discutir lugar, temos que congelar um processo, que é dinâmico, em um momento imaginário, com o objetivo de fazer uma imagem estática”. E é essa imagem que Rodrigo S.M. tenta captar, quando se coloca no lugar de vivência que poderia representar o lugar de Macabéa, pois é necessário viver em determinado lugar para poder se falar sobre ele. Ou melhor, não se pode falar sobre um lugar qualquer que seja, sem conhecê-lo, e aqui, não se poderia retratar o lugar de Macabéa sem ter vivido nele, e experienciado as sensações do lugar vivido pela personagem. Inconscientemente foi isso que Clarice fez ao descrever os primeiros passos de Rodrigo S.M. ao “encontro” de Macabéa.

Assim, a personagem “nasce” e se revela aos leitores, quando Rodrigo S.M. conhece Macabéa ao vê-la andando pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, e nesse momento percebe que sua história deveria ser narrada. “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 2020, p. 10).

No livro – “O lugar do olhar”, o geógrafo, Paulo César da Costa Gomes, utiliza um exemplo bem curioso para mostrar a visibilidade daquilo que se esconde, e assim diz,

Alguém durante um velório utiliza óculos escuros, escondendo seus olhos. Para quê? Que efeitos isso pode ter? Que leituras podem ser feitas desse objeto usado nestas circunstâncias e naquele lugar? O que está fundamentalmente em jogo nessas ocasiões é o fato de que esse objeto torna

“visível” aquilo que ele pretensamente deseja esconder. Nesse caso, ele pretende esconder a explícita emoção das lágrimas. Entretanto, ele pode também estar escondendo a ausência dessa emoção, pela falta delas (GOMES, 2013, p. 28-29).

Trazendo esse exemplo dos óculos escuros para o romance de Clarice, podemos dizer que essa obra são os óculos, e Clarice quando se mostra cruel ao retratar Macabéa, na verdade, ela está chamando a atenção dos seus leitores para aquilo que ela viria a escrever. Clarice “não quer ter sentimentos de piedade para com a personagem”, mas será que ela esperava que nós tivéssemos? Na verdade, Clarice sabia que “ter pena” só afastaria Macabéa da sua realidade, e que sua história por mais triste que fosse, precisaria ser contada.

Macabéa representa outras nordestinas (embora não necessariamente nordestinas), mas de mulheres sofridas que saem de suas cidades natais em busca de uma vida melhor, proporcionada por oportunidade de trabalho e renda, que as permitissem usufruir do básico a que todo ser humano precisa para viver. E o Rio de Janeiro representava essa cidade de oportunidade, muito pelo contexto da industrialização, e que dialoga com a década de 1970, momento em que a obra foi escrita. Além disso, podemos mencionar também, que essa representação da cidade carioca, como cidade da qualidade de vida, vem pelo fato do Rio ter sido a capital federal até a construção de Brasília e pelos estereótipos positivos propagados pela mídia. O Rio de Janeiro nesse contexto, pode ser lido como lugar para muitas pessoas a partir de representações positivas, enraizadas no imaginário de quem buscava nessa cidade outras oportunidades.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 2020, p. 12).

Macabéa fica órfã desde muito cedo, com apenas dois anos de idade, e nesse momento passa a morar com a tia. Porém, recebe uma educação rígida, sendo que a tia não era afeita a carinhos e ainda gostava de castigá-la com frequência, dando-lhe cascudos na cabeça. É uma narrativa que a autora não deseja escrever, mas Macabéa clama por ajuda. E Clarice se questiona - “Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem?” (Lispector, 2020, p.18). E ela própria responde,

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias (LISPECTOR, 2020, p. 18).

Essa passagem deixa em evidência a necessidade de Clarice de escrever e colocar para fora a Macabéa que estava dentro dela, pedindo socorro. Podemos imaginar que ao escrever esse romance, Clarice já sabendo que estava doente, com a saúde frágil, quis fazer de Macabéa uma personificação da dor que ela como escritora estava sentindo naquele momento.

Macabéa tem uma vida marcada por medos dos mais diversos, “trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha” (LISPECTOR, 2020, p. 19). Vale ponderar que quando falamos em medo, falamos da primeira característica que associa o lugar como sendo topofóbico. Assim, como defendemos a ideia de que Macabéa tem uma trajetória marcada pela topofobia, o medo acaba sendo o primeiro elo que une a personagem ao lugar de vivência

dela. Logo, pela citação exposta, poderíamos numa primeira leitura, dizer que Macabéa sentia vergonha e não medo de se ver nua, mas, depreendemos que essa vergonha nasce do medo, do medo do desconhecido, visto que a personagem “não tinha consciência da sua existência, nem do seu corpo”. E tudo que pudesse ser desconhecido, causava medo na personagem.

Vemos pela leitura do romance que é perfeitamente possível dizer que Clarice (por meio de Rodrigo S.M.) e Macabéa se entrecruzam/encontram a todo momento na narrativa, como fica explícito em,

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. Também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contato com ninguém. Voltarei algum dia à minha vida anterior? Duvido muito (LISPECTOR, 2020, p. 20).

Clarice traz para a narrativa o refrigerante *Coca-Cola*, bebida preferida de Macabéa, e que pode ser entendido como um dos melhores exemplos da globalização à época (década de 1970) e que perdura até os dias de hoje.

Assim, nesse contexto, quando olhamos para a globalização, fica evidente o quanto o lugar é importante, pois é a partir dele que percebemos primeiro as contradições dos espaços e todas as transformações impostas a eles. Diferente do que é apregoado, a globalização atinge os lugares de maneiras diferentes, acentuando ainda mais as disparidades socioeconômicas, sobretudo em áreas pobres do planeta (SANTOS, 2000).

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar – pois já não aguento mais a pressão dos fatos – o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente (LISPECTOR, 2020, p. 20).

A experiência geográfica da personagem já começa a ser revelada desde o início do romance, pois o lugar de Macabéa é marcado por um forte sentimento topofóbico e que a perseguirá durante toda sua trajetória de vida. “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” (LISPECTOR, 2020, p. 20).

Pensando no corpo que se move pelos lugares - o corpo de Macabéa - em uma cidade, como a do Rio, concordamos com Merleau-Ponty, que “o espaço corporal e o espaço exterior constituem uma unidade dialética, um sistema prático, e que é evidentemente na ação que a espacialidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-la melhor” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 149). Essa dialética constitui o conflito de um corpo em movimento que permite a compreensão de como esse corpo habita um espaço (e também um tempo), “porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas”, como colocado por Merleau-Ponty (2006, p. 149).

A topofobia, característica de lugares dotados de medo, desconforto e de desprazer,

acompanha inclusive a autora durante o processo de escrita do romance - “Devo acrescentar um algo que importa muito para a apreensão da narrativa: é que esta é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta” (LISPECTOR, 2020, p. 21). Será que essa dor desapareceria caso Clarice resolvesse não escrever mais sobre Macabéa? Não esquecendo que esse romance é escrito no momento em que Clarice já tinha consciência de sua saúde frágil em virtude de um câncer.

Sobre topofobia, Amorim Filho diz que, “[...] há muito se causam danos aos lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza [...]” (1999, p. 144). Mas entendemos que a topofobia pode ser manifestada para além dos danos causados aos espaços físicos e que são percebidos pelos homens, porque, no fundo, o sentimento topofóbico pode ser desenvolvido de forma tão íntima que extrapola essa ideia. Nessa direção Carvalho (2022, p. 10, grifo nosso) fala que,

[...] todos nós sabemos que um lugar não é só definido conforme suas qualidades ambientais, que o “fator humano” é igualmente basilar em sua conformação. Uma cidade pode ter a melhor infraestrutura urbana, com os melhores equipamentos públicos e serviços especializados, e deixar a desejar se as pessoas (moradores e transeuntes) não se sentirem confortáveis, seguros. Da mesma forma, é a construção social humana que baliza a existência de um lugar e propicia sua transformação.

Em outras palavras ainda, a topofobia não está diretamente ligada às formas físicas da Terra que porventura sejam “danificadas”, mas ao medo intrínseco que parte do sujeito, ainda que ele esteja num lugar belo aos olhos daqueles que igualmente ocupam o mesmo lugar.

Os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. Ao percorrermos os espaços nos deparamos com labirintos e na desenvoltura da travessia dos lugares amplos ressonam o alarido e o corre-corre das pessoas, o rufar dos tambores e o toque mágico dos sinos. Dos espaços sufocados pela escuridão, escapamos para a extrema luminosidade dos lugares, conduzidos pela arte, revestida de abnegação, labor e prazer, oferecidos e consagrados pelos indivíduos e grupos sociais (MELLO, 2011, p. 08).

Macabéa é adjetivada sempre de maneira negativa, com atributos negativos, mostrando assim que o lugar da personagem (seu espaço vivido) é uma extensão de sua própria vida, marcada por um vazio de sentidos e significados. Macabéa era incompetente. “Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 2020, p. 21). Para Serpa,

Uma Geografia dos espaços vividos reconhece e busca revelar o papel de intermediação do cotidiano e das representações espaciais, nas relações sociedade-espaço, o cotidiano visto aqui como um conjunto de momentos e eventos espaço-temporais [...] (2021, p. 85).

O lugar de Macabéa assume em voz ativa uma aspereza, pois Rodrigo S.M. não deseja suavizar a narrativa. E esclarece, “[...] nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 21-22).

Essa descrição de Macabéa, com cara de tola e que pedia tapa é de uma brutalidade

tamanha com uma mulher, que só queria era ter uma oportunidade de ser feliz na cidade carioca. Aliás, “ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé” (LISPECTOR, 2020, p. 23). Embora a fé para Macabéa fosse algo mecânico, já que ela não acreditava em religião. Aliás, é curioso que muitas vezes a fé é um dos traços marcantes da população pobre, que se agarra na fé para ter esperança, acreditando em dias melhores.

Rodrigo S.M. queria que Macabéa se revoltasse contra tudo e contra todos que a oprimiam, demarcando assim seu lugar no mundo, mas Macabéa “não tinha identidade”, sofria calada. E Rodrigo sem pena esclarece, “[...] meu cão... tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente” (LISPECTOR, 2020, p. 23).

Macabéa embora tenha sido criada por sua tia beata, nunca entendeu bem a função da religião e nem para que servia. Ela simplesmente não pensava sobre isso e achava mais fácil nem perguntar nada, visto que certamente não entenderia a resposta, como quase tudo na vida:

Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara? Talvez a pergunta vazia fosse apenas para que um dia alguém não viesse a dizer que ela nem ao menos havia perguntado. Por falta de quem lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta? (LISPECTOR, 2020, p. 23).

Podemos dizer que a fé não era uma marca de sua vida, pois “ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (LISPECTOR, 2020, p. 23-24).

A trajetória da personagem congrega de um lado, o medo por não se sentir aceita e pertencente a sociedade carioca, e por outro, a inexistência de “uma vida pulsante”. Macabéa apenas vivia, sem maiores expectativas e sendo displicente consigo própria.

Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio (LISPECTOR, 2020, p. 24).

Macabéa se apresenta aos leitores, nos despertando ora compaixão, ora um sentimento de quem não se conforma com a passividade dessa nordestina. “A sertaneja é antes de tudo uma mulher valente”! Isso talvez não se aplicasse a Macabéa, contrariando assim o estereótipo que permeia o imaginário popular. Sobre essa condição da mulher, Joseli Maria Silva denuncia que,

A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais desses grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas “adequadas” como objetos de estudos do campo da Geografia. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da Geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o

questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades. A conquista da hegemonia do saber geográfico branco, masculino e heterossexual se dá pelas relações de poder que se praticam sobre o conjunto social (SILVA, 2009, p. 26).

O sertão nordestino é lugar de pessoas fortes, que não se deixam abater pelas intempéries da vida, pela seca que as castigam historicamente, muito bem retratado por Raquel de Queiroz no romance “O Quinze” (FREITAS; PADILHA, 2020). Mas Macabéa parecia ter nascido determinada ao avesso que se espera de uma sertaneja. Essa ideia na verdade é falaciosa, porque o nordestino tem sim direito à dor, ao sofrimento.

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? (LISPECTOR, 2020, p. 24).

Podemos imaginar que o lugar de nascimento, marcado pela seca, pela aridez, como o sertão nordestino, tenha influenciado a personagem a buscar novos lugares, diferentes desses vividos por ela.

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo (LISPECTOR, 2020, p. 24-25).

Pior do que perder os pais e não possuir um lugar sequer de memória que possa ter deles (e com eles), é ser criada por uma tia agressiva. Aliás, agressividade que se perdurou durante toda a sua vida. A tia beata,

Batia, mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem (LISPECTOR, 2020, p. 25).

Macabéa ao sofrer tanta violência, cria no seu imaginário uma normalidade que legitima a violência que sofria, como se ela própria fosse culpada. Macabéa não tinha vocação para nada nesta vida, “pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação” (LISPECTOR, 2020, p. 25).

Macabéa sentia uma dor, talvez uma das poucas: “[...] o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida” (LISPECTOR, 2020, p. 25). Rodrigo S.M. confia aos leitores do romance que,

Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes (LISPECTOR, 2020, p. 25).

Macabéa teria vivido, ensaiando sua morte? Será que a morte dela viria como resposta

a vida sofrida que teve? Rodrigo nos conduz por uma narrativa em que o lugar da personagem é marcado a todo instante pela naturalização do que é ruim.

Macabéa conforma seu lugar, aceitando as coisas como são, como se tudo já tivesse predeterminado. Como se ela nada pudesse fazer, apenas aceitar e em silêncio. Serpa (2021, p. 16) coloca, remetendo-se a Dardel, quando o mesmo afirma que “o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seus interesses”. E,

Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contato com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas (LISPECTOR, 2020, p. 25-26).

Com a morte da tia, Macabéa se viu sozinha no mundo, perdida por completa, e viu no Rio de Janeiro uma possibilidade para uma vida melhor, embora não tivesse tanta consciência do que seria “uma vida melhor”. Macabéa, “nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 2020, p. 26).

Agora órfã e sem a tia, sua única conexão com o Nordeste. Será que a cidade do Rio proporcionaria momentos de alegria? Será que no Rio ela encontraria um lugar que pudesse se identificar e pertencer? Será que ela encontraria seu lugar nesse mundo tão injusto e cruel?

Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo, mas ela me foge por entre os dedos (LISPECTOR, 2020, p. 26).

Como que num momento de arroubo, Macabéa teve o ímpeto de declarar que “apesar da morte da tia, tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer” (LISPECTOR, 2020, p. 26). Assim, este primeiro tópico da análise foi uma forma de encaminhar as discussões acerca das lugaridades na trajetória de Macabéa. Esse lugar de estranhamento que conduz a personagem, mas também é conduzido por ela. Clarice (ou simplesmente Rodrigo S.M.), não poupa Macabéa do sofrimento de ser e estar no mundo.

Eu não inventei essa moça. Ela forçou de dentro de mim a sua exigência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo (LISPECTOR, 2020, p. 26).

Logo, o lugar passa a nos interessar, principalmente quando olhamos para a personagem, com sua origem simples e sofrida, seus vícios, desejos e sua total falta de habilidade com a vida. Macabéa conforma um cotidiano repleto de medos, dúvidas e até mesmo preconceitos recebidos da criação que tivera da tia beata. Macabéa teve uma vida sem poesia, e se fosse música, seria em tom desafinado. Quais desafios ela viria a encarar numa cidade, como a do Rio de Janeiro? Quais sentimentos seriam despertados na nordestina? Encontraria um amor? Encontraria seu lugar nesse mundo? Brilharia como estrela de cinema? Clarice deixa claro ao dizer - a culpa é minha! Eu a inventei...

Resumindo o que foi discutido até aqui, apresentamos agora uma síntese com as ideias que nos guiaram nesse primeiro momento do capítulo. Nessa síntese (teórica-metodológica),

temos o sertão como símbolo que ajuda a compor a topofobia que marca a trajetória de Macabéa nos primeiros momentos da narrativa, conforme figura 11.

Primeira parte da análise do romance - A culpa é minha
Etapa da Análise Textual Discursiva (ATD) utilizada:
Desmontagem e fragmentação do texto
Páginas – 01 a 26 do romance (conforme referência utilizada)

Topofobia – Neste tópico, a topofobia foi apresentada, ganhando seus primeiros contornos por meio do sertão alagoano, lugar de nascimento de Macabéa. O sertão com suas adversidades, impondo a fuga de seus moradores, que buscavam outras cidades (principalmente as do Sudeste) que pudessem oferecer melhores condições de vida. O sertão como lugar, representa para Macabéa, um passado “sem história”, sem bola, nem boneca. A nordestina ficou órfã desde muito cedo, e era agredida pela tia, que incutia na sua cabeça ideias preconceituosas. Para chegar a esse resultado (captação de um novo emergente), estabelecemos ligação entre a literatura (o romance em questão) com a geografia (lugar/topofobia), por meio dos autores referenciados neste tópico. E algumas palavras/expressões e ideias usadas por Clarice/Rodrigo S.M. nessa primeira parte, que nos remete à construção da topofobia na/pela personagem.



CONSTRUÇÃO DO LUGAR (TOPOFÓBICO) DE MACABÉA

Figura 11: Síntese – A culpa é minha

Fonte: Elaborado/Organizado por Rafael A Freitas, (2022).

Agora, vale a pena dar uma pausa na leitura! Embora o romance de Clarice seja pequeno (em número de páginas), apresenta um mundo de possibilidades ao leitor, e toda vez que releio o romance, depreendo situações e elementos não percebidos pela leitura anterior. Por isso, cabe não fazer uma leitura num único suspiro, e sim, “degustar” as páginas do romance em dosagem certa, na medida.

Volto depois de uma xícara de café!

3.2 .Quanto ao futuro.

As sem-razões do amor

*Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.
Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.
Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.
Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.*

Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 48).

Abrimos este tópico com o poema de Drummond, em que o poeta nos fala sobre o amor, sentimento esse que não se explica, que não pode ser mensurável. O sentimento de empatia que Clarice tem com Macabéa pode ser percebido por essa ótica, como consta em: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo” (LISPECTOR, 2020, p. 19).

Esse romance deixa alguns rastros que denunciam o contexto social e urbano do Brasil dos anos de 1970, em que a obra foi produzida. Assim, o fator migração merece destaque no romance, pois diz respeito ao momento de grande industrialização brasileira, em que muitos nordestinos se deslocavam principalmente para as cidades do Sudeste em busca de melhores oportunidades de trabalho e renda (ANTUNES, 2002).

Esse movimento migratório é chamado de êxodo rural, e as cidades do Sudeste, especificamente São Paulo e Rio de Janeiro por estarem passando por um forte processo de investimento econômico, eram as cidades mais atrativas para esse público (oriundo do meio rural), que buscava novas oportunidades. Portanto, essa saída das áreas rurais para as áreas urbanas das cidades do Nordeste para o Sudeste acontece muito em virtude da concentração de terras que eram compradas por latifundiários, os que detinham o capital, deixando a

relação de compra desigual, comprometendo a vida daqueles que dependiam da terra como forma de trabalho e principalmente para a subsistência (ANTUNES, 2002).

Aliás, naquele momento, em torno dos anos 70, quando Clarice escreveu esse romance, o mundo passava por grandes transformações em várias áreas, uma delas na demografia. No Brasil, a população que até então estava concentrada nas áreas rurais, passa a migrar, a exemplo da personagem do romance, para os centros urbanos, diminuindo assim a diferença entre população rural e urbana (IBGE, 2021).

Macabéa realiza esse deslocamento, muito em virtude também da necessidade de ter uma vida diferente, com novas possibilidades, ela que agora era datilógrafa. O Rio então seria um lugar diferente do que até então ela tinha vivido, o que “possibilitaria novas experiências, dessa vez topofílicas” – na então cidade maravilhosa!

Dessa forma, o que temos feito até aqui nessa análise, é pensar fenomenologicamente, a fim de captarmos os aspectos geográficos do romance, e ainda, extrapolar, visto que algumas informações, como já colocado, não estão de maneira explícita na obra, mas que cabem dentro de uma interpretação para o entendimento do lugar da personagem.

Assim, Macabéa e a tia, “[...] – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (LISPECTOR, 2020, p. 26).

Outro aspecto importante que se depreende do romance diz respeito ao preconceito que nordestinos sofriam ao chegarem nas grandes cidades. Macabéa em muitos momentos da narrativa é percebida sob essa ótica de preconceito, de segregação, a começar pela sua própria moradia, sendo compartilhada com outras moças em um quarto de cortiço⁹, moradia típica daquela época, da classe pobre e operária do Rio de Janeiro. “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro” (LISPECTOR, 2020, p. 26).

Macabéa passa a morar em um quarto de cortiço, localizado na Rua do Acre - (Zona Portuária do Rio de Janeiro), local caracterizado pela concentração de migrantes, de pessoas de baixa renda, e lá, a nordestina passa a dividir o quarto, com mais quatro moças que lá moravam, a saber - Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria (apenas).

Rodrigo S.M. em tom de desprezo, compartilha o seu sentimento por esse lugar, quando diz que “Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço da vida imunda” (LISPECTOR, 2020, p. 27). Percebemos que a marca topofóbica é evidenciada a todo tempo na narrativa. Rua do Acre, lugar de medo, da violência, porque lá viviam operários, e prostitutas que ocupavam as ruas à noite em busca de seus sustentos. Claramente um olhar preconceituoso do narrador que nunca esteve lá.

Definitivamente não parece que Macabéa estivesse feliz na cidade carioca, tanto que até sentiu saudade do sertão. “Uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão. Onde caberia um galo a cocoricar naquelas paragens ressequidas de artigos por atacado de exportação e importação?” (LISPECTOR, 2020, p. 27).

⁹ De modo geral, os cortiços são pequenos quartos de cômodos, com pouca ou nenhuma luminosidade, por vezes úmidos e sem ventilação, onde os moradores compartilham do mesmo banheiro. Essa estrutura inóspita de moradia – (que também se aplica às favelas) mostra a precariedade em que viviam e vivem pessoas, lugar de segregação de quem não pode pagar por um lugar que ofereça condições habitacionais servidas de infraestrutura mínima, tais como: saneamento básico, água tratada, coleta de lixo urbano e etc (FREITAS, 2019, p. 26).

Macabéa continuava perdida, sem lugar, sem identidade, sem pertencimento, sem grandes expectativas na vida, “ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim” (LISPECTOR, 2020, p. 27).

Rodrigo S.M. descreve o lugar cotidiano de Macabéa, descrevendo-o como lugar de receios e sobressaltos, em que a vida brotava no chão, ela (Macabéa) era como capim, comum, sem importância ou simplesmente desprezível. E mais uma vez, sem dó nem piedade, a descrição do lugar se encontra com a descrição da própria personagem, numa perfeita harmonia desajustada, conforme excerto a seguir,

Dos verões sufocantes da abafada rua do Acre ela só sentia o suor, um suor que cheirava mal. Esse suor me parece de má origem. Não sei se estava tuberculosa, acho que não. No escuro da noite um homem assobiando e passos pesados, o uivo do vira-lata abandonado. Enquanto isso – as constelações silenciosas e o espaço que é tempo que nada tem a ver com ela e conosco. Pois assim se passavam os dias. O cantar de galo na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha. Havia de madrugada uma passarinhada buliçosa na rua do Acre: é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras (LISPECTOR, 2020, p. 27).

Macabéa morava próxima a Praça Mauá, no centro do Rio, e trabalhava como datilógrafa no bairro da Lapa (figura 12), também na região central da cidade. Vale dizer que nesse contexto histórico-geográfico, ter um curso de datilografia (o que “equivale” hoje à informática) era muito importante para quem quisesse um emprego formal, já que a máquina de escrever representava um símbolo de modernidade da escrita, e embora Macabéa fosse praticamente analfabeta e por isso a sua datilografia fosse tão ruim quanto seu português, ela começa a trabalhar então num escritório (MARTINS; BERTOL, 2018).



Figura 12: Rua do Lavradio (Lapa - RJ) – 1970

Na figura, a Rua do Lavradio, bairro da Lapa, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Nela, vemos movimentos de pessoas e uma arquitetura ainda com traços do império. Homens e crianças usando roupas e chapéus típicos daquele contexto.

Fonte: <https://ims.com.br/acervos/fotografia/>

Acesso em: 20 set. 2022.

Seu chefe Raimundo Silveira, reclama do seu trabalho, porque além de não datilografar da maneira correta, ainda engordurava todos os documentos, porque comia cachorro-quente e tomava *Coca-Cola* em cima deles (seus vícios). Outro vício era ouvir a rádio relógio nos momentos de “pílulas de cultura”. Esses momentos eram aqueles em que se falavam de determinados assuntos (aleatórios) de forma introdutória (de maneira bem rápida) e entre um minuto e outro da rádio relógio. No trabalho, conhece uma colega, Glória, uma carioca da gema, cheia de atributos que ela (Macabéa) inveja.

Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração, um ou outro delicioso embora um pouco doloroso cantar de galo. Era do nunca que vinha o galo. Vinha do infinito até a sua cama, dando-lhe gratidão. Sono superficial porque estava há quase um ano resfriada. Tinha acesso de tosse seca de madrugada: abafava-a com o travesseiro ralo (LISPECTOR, 2020, p. 27-28).

Se não bastasse ter que dividir um quarto com mais quatro “Marias”, Macabéa ainda tinha que abafar a tosse persistente que a acompanhava fazia quase um ano. Era o anúncio de que sua saúde não estava bem, mas na certa ela não tinha condições financeiras de procurar um médico. O jeito era aguentar a tosse e não incomodar as suas colegas de quarto. Com um sono superficial, deitada na cama, ela gostava de pensar coisas do tipo “o céu é para baixo ou para cima? Pensava a nordestina. Deitada, não sabia. Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 2020, p. 28). Assim, vemos pela referida passagem do romance, que Macabéa, além de sofrer com suas crises existenciais, sofria também no corpo a dor da fome¹⁰, o que denunciava mais uma das desigualdades de um país, como o Brasil.

Para Macabéa, que estava “tão acostumada com os perrengues da vida”, imaginar um gosto bom seria quase que um pecado, algo que ela deveria evitar. Mas, qual seria o gosto bom de um lugar? Já fica evidente nesse momento que os sentidos de Macabéa não eram dos melhores e que o desejo topofílico era quase que sua fuga diária.

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto (LISPECTOR, 2020, p. 28).

Rodrigo S.M. ainda diz que,

Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que

¹⁰ Por falar em fome, fica a dica do livro, de Josué de Castro - *Geografia da Fome*. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1946, logo após o mundo conhecer as desgraças da Segunda Guerra Mundial. Nele, o autor realiza uma análise da conjuntura da fome, investigando esse fenômeno nos quinze anos anteriores a sua primeira publicação. Castro retrata os reflexos da fome em um Brasil subdesenvolvido que apresentava à época uma economia tipicamente colonial na qual se destacava o café e outros minguados produtos primários para exportação, e, nesse sentido, afirmava que fome e subdesenvolvimento são, na realidade, a mesma coisa (CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983. 361p).

vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar (LISPECTOR, 2020, p. 28-29).

Ela que praticamente não teve infância, “às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão” (LISPECTOR, 2020, p. 29).

Esse pensamento de Macabéa guarda uma memória de frustração, um lugar que talvez ela quisesse esquecer. A criança precisa ser criança, brincar com criança e ter atividades condizentes com sua idade. Mas, Macabéa aprendera desde cedo a realizar tarefas que não cabiam naquele momento, “tarefas de gente grande”, deixando assim de viver um período da vida em que o lugar precisa ser doce e de aconchego, não de amargor e dor, assim vividos por ela, “[...] uma infância sem bola nem boneca” (LISPECTOR, 2020, p. 29). Rodrigo S.M. ainda nos diz,

Então costumava fingir que corria pelos corredores de boneca na mão atrás de uma bola e rindo muito. A gargalhada era aterrorizadora porque acontecia no passado e só a imaginação maléfica a trazia para o presente, saudade do que poderia ter sido e não foi. (Eu bem avisei que era literatura de cordel, embora eu me recuse a ter qualquer piedade) (LISPECTOR, 2020, p. 29).

Vemos que o presente é tão dolorido quanto o passado de Macabéa, e que ela sonhava com um futuro sem futuro, pois “[...] o luxo que se dava era tomar um gole de café frio antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar” (LISPECTOR, 2020, p. 29).

As experiências geográficas de Macabéa giravam em torno dos mesmos hábitos diários, suas relações interpessoais eram limitadas às colegas de quarto que não a compreendiam muito bem, e Glória, colega de trabalho, além do chefe, seu Raimundo Silveira. Assim, o lugar da personagem é aquele percorrido por ela, apropriável para a sua vida, sentido pelo seu corpo e grafado pelos seus passos. O lugar de Macabéa evidencia a topofobia, como se pode perceber, em que a personagem,

[...] era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela. Além desses medos, como se não bastassem, tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela – isso, a tia lhe ensinara. Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão. Mas vivia em tanta mesmice que de noite não se lembrava do que acontecera de manhã (LISPECTOR, 2020, p. 29-30).

Macabéa dizia que “[...] já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 2020, p. 30). Sua passividade diante da vida era tão grande que não se permitia a novos sabores, novas descobertas. O lugar da personagem é marcado por uma grande ausência de tudo do ponto de vista do prazer, e por presença de medos constantes. “Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada” (LISPECTOR, 2020, p. 30).

Ela por vezes se permitia sair do lugar comum, e perceber outros aspectos da cidade, embora o sentimento de vazio existencial a perseguisse. E perceber sua condição financeira era outro aspecto que conformava esse lugar, mais uma vez de medo. “Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de joias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro” (LISPECTOR, 2020, p. 31).

Macabéa encontrava no seu sofrimento combustível de vida, como se ela não pudesse ser feliz e a regra fosse sofrer. Talvez a intimidade com o sofrimento fosse mais cômoda, e o medo do desconhecido (a felicidade) a perturbava. Contudo, Macabéa sentia saudade, “tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz. Na verdade, por pior a infância é sempre encantada, que susto. Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo e – quem organizou a terra dos homens?” (LISPECTOR, 2020, p. 31).

Percebemos assim que o lugar de Macabéa também é feito do encontro do passado e do futuro no presente, e é desse encontro que os pensamentos de saudade expressam nela (PIDNER; ANTONINO; SILVA, 2014, grifo nosso). Isso nos leva a pensar que, por mais que a infância de Macabéa tenha sido de dificuldades, ela ainda assim guardava pequenos momentos de alegria. Macabéa em um dos domingos sentiu um inexplicável sentimento:

É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício (LISPECTOR, 2020, p. 31).

Aos domingos, dia em que era folga dela, era a ocasião perfeita para que Macabéa fosse até o cais do porto (figura 13), e lá, vendo navios chegando e partindo, despertava nela talvez o único momento da semana que sua mente se conectava com o passado de forma mais intensa. Era a lembrança de um momento recheado de cor, ela que naturalmente era sem cor, feito dias nublados. Essa lembrança nos invoca uma certa topofilia, ainda que momentânea, pois Macabéa daria um jeito de “torná-lo” topofóbico.



Figura 13: Porto do Rio (Praça Mauá) – 1970

Na figura, vemos o Porto do Rio na década de 70, com uma embarcação ao fundo, emitindo poluentes, numa paisagem de pouca movimentação de pessoas, com ruas estreitas, certo adensamento de construções no lado esquerdo e uma relativa arborização no centro.

Fonte: <https://diariodoporto.com.br/category/cultura-e-lazer/exposicao/>.

Acesso em: 20 set. 2022.

Seus luxos de vida eram bem modestos, assim como tudo que envolvesse sua vida, sua trajetória, “e tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlata as unhas das mãos” (LISPECTOR, 2020, p. 32). O que o lugar cinema representava para ela? Ela queria ser Marilyn Monroe, e brilhar no cinema, assim como sua atriz favorita. Um sonho quase inalcançável para Macabéa que tinha uma vida opaca.

Ela não tinha consciência de sua existência e “quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de *Coca-Cola*. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 2020, p. 32).

Nesse sentido, quando pensamos nessa ausência de consciência da personagem, como fala Rodrigo S.M., retomamos Merleau-Ponty (2004, p. 48), em que o mundo, o espaço e a cidade são construções humanas plenas de relações entre sujeitos, construções radicalmente intersubjetivas. Afinal, “só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros, e nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás, deve muito à nossa frequência do outro”.

Ela performava com obediência o simples papel de ser, de ser Macabéa, com dores e delícias. Se bem que nesse caso, ela representava apenas as dores de ser quem se é. A existência de Macabéa era como um símbolo de uma estrela apagada, um viver de menos, um viver ralo. Ela não se permitia às delícias...

E mais uma vez, Rodrigo S.M. não poupa Macabéa (nem aos leitores) e coloca que “a datilógrafa vivia numa espécie de atordoado ninho, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal” (LISPECTOR, 2020, p. 32). Mais uma vez somos levados pelo narrador a um lugar de assombros. O escárnio presente nesse trecho nos inquieta. E quanto Macabéa?

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios (LISPECTOR, 2020, p. 33).

A rádio relógio talvez fosse a única companhia de quem Macabéa pudesse contar, sendo sua testemunha de todas as madrugadas. Essa nordestina é muito simples, mas ao mesmo tempo carrega um mistério que nem Rodrigo S.M. consegue explicar. Macabéa “tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas” (LISPECTOR, 2020, p. 33).

Ela se deslocava pelos lugares, como que seu corpo tivesse a ponto de cair em pedaços, como se ela não suportasse o peso dele. E “quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhes faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de – de êxtase, digamos” (LISPECTOR, 2020, p. 33-34).

Os lugares percorridos por Macabéa, como as ruas do Centro do Rio são marcados no romance, indo em direção às afirmações de Mello, pois os lugares podem assumir valores transitórios e/ou eternos para aqueles que os vivenciam.

As rotas, a casa, o bairro, bem como os seus componentes mais diversos, como as pedras do caminho, integram o sentido e a alma dos lugares. Estes,

quando efêmeros podem igualmente se perpetuar no íntimo das pessoas. [...] Os lugares de nossas experiências podem ser transitórios e/ou eternos. A efemeridade dos lugares seria, em parte, advinda das metamorfoses operacionalizadas pelos homens no incessante monta-e-desmonta e na “destruição criativa” dos mais diversos recantos e, por outro lado, os nossos valores, ambiguidades e temores (MELLO, 2011, p. 10).

É disso de que fala Relph (2012, p. 31) ao afirmar que a experiência de lugar é a um só tempo “intensamente local” e “sem limites”, reconhecendo a emergência de novas experiências geográficas do ser-no-mundo. O ser, para Relph, é “sempre articulado por meio de lugares específicos”.

O lar, e na verdade todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas, no sentido de ser o foco de intensas experiências, é ao mesmo tempo sem limites. Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo (RELPH, 2012, p. 29).

Macabéa era como um “protótipo malsucedido”, e os lugares por onde passava não eram capazes de deixar nela marcas simbólicas positivas, visto que ela não conseguia experienciar esses lugares e estabelecer de fato conexões positivas com eles. O medo sem precedentes a paralisava, invariavelmente todos os dias. E Macabéa “parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela” (LISPECTOR, 2020, p. 34).

Contudo, Macabéa também era incompreendida. Era uma mulher que precisava ser lapidada, só que a vida não comporta testes e ensaios, e vive-se no instante mesmo de se viver. E ela talvez ainda não estivesse pronta para viver em uma cidade toda feita contra ela. Macabéa vivia num lugar em que a total falta de empatia dos outros causava-lhe tremenda segregação. Não esqueçamos que como nordestina, ela tinha que ser resiliente e forte, mas faltava-lhe força.

Mas tinha prazeres. Nas frígidas noites, ela, toda estremececente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava de jornais velhos do escritório. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada. Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua fonte primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si (LISPECTOR, 2020, p. 34).

Mas nem tudo estava perdido, pois Macabéa também tinha lá seus prazeres, por mais estranhos, e por mais que sua vida fosse uma música sem som, ela não se permitia ter pena de si. Isso não faria dela então uma mulher forte? Seria uma mudança de perspectiva? Será que o Rio estaria moldando seu comportamento e sua forma de enxergar o mundo?

Rodrigo S.M. nos diz que “estou procurando danadamente achar nessa existência pelos menos um topázio de esplendor” (LISPECTOR, 2020, p. 35). Ele sabia que não encontraria na sua existência uma pedra preciosa, seria baita pretensão. Então pensou que talvez um topázio, que nem tem tanto valor assim, mas nem isso achou. Macabéa era rocha

dura, sem valor agregado.

E seus preconceitos, herdados da tia também não a ajudava, “nunca havia jantado ou almoçado num restaurante. Era de pé mesmo no botequim da esquina. Tinha uma vaga ideia que mulher que entra em restaurante é francesa e desfrutável” (LISPECTOR, 2020, p. 35). No seu imaginário, Macabéa tinha no restaurante como lugar de promiscuidade, embora essa palavra nem de longe fizesse parte do seu vocabulário. Mais uma vez, não se permitia descobrir novos lugares e sensações, e como sempre fizera, boicotava tudo que pudesse representar uma experiência topofílica. Ela que na certa também não teria dinheiro para almoçar em um restaurante, cabendo-lhe apenas um botequim sujo de esquina mesmo. E,

[...] nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “*Humilhados e Ofendidos*”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 2020, p. 36).

Para Macabéa, lutar seria em vão, porque na certa ela perderia. Era mais fácil aceitar as coisas. Ela acreditava que como nordestina, teria que viver uma vida de dificuldades. Quanto a sua classe social, nem sonhava o que isso significaria, e que a humilhação era um dos traços de sua parca trajetória de vida.

A Praça Mauá talvez fosse o único lugar em que Macabéa por alguns instantes conseguisse se conectar com o seu passado e consigo própria. Pois ao olhar para os navios/cargueiros que chegavam e partiam do porto, ela era despertada por um saudosismo da infância e até do sertão alagoano.

Na praça Mauá onde tomava o ônibus fazia frio e nenhum agasalho havia contra o vento. Ah mas existiam os navios cargueiros que lhe davam saudades quem sabe de quê. Isso só às vezes. Na verdade, saía do escritório sombrio, defrontava o ar lá de fora, crepuscular, e constatava então que todos os dias à mesma hora fazia exatamente a mesma hora. Irremediavelmente era o grande relógio que funcionava no tempo (LISPECTOR, 2020, p. 36).

É esse o lugar da saudade (Praça Mauá), que retoma um passado feliz que não teve, de pais que não conheceu, de uma tia cruel, de uma infância com responsabilidades e sem boneca. O lugar da saudade é representado por símbolos, sendo que o “habitué” de um lugar se apropria, simbolicamente, dos logradouros, dos prédios e dos artefatos expostos pelo equipamento urbanístico (MELLO, 2011, p. 10), como verificamos pelo símbolo – navio/cargueiro, e os sentimentos evocados por eles.

É da Praça Mauá que esse sentimento florescia em Macabéa. Era na solidão dos domingos, vendo o movimento dos navios e sentindo o vento frio sobre o corpo desprotegido que tomava conta do cais, criando uma atmosfera saudosista do que poderia ter sido e não foi. E Rodrigo S.M. continua,

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se

tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio — um tédio até muito distinto (LISPECTOR, 2020, p. 37).

Agora, sozinha no quarto, o desejo estampado de Macabéa era ser livre, talvez não quisesse ter que morar com as “Marias”, mas sua condição financeira não permitia que morasse em outro lugar, bem mais agradável que o atual. Quantas nordestinas e nordestinos não estariam nesse exato momento em condições habitacionais iguais às de Macabéa? Embora não apenas de nordestinos, mas de milhões de brasileiros de diversas regiões que ocupam áreas impróprias para estabelecer moradia.

Nesse contexto de moradia e falando de cortiço, entendemos se tratar das reformas urbanísticas de Pereira Passos¹¹ ocorridas no início do século XX que não só não resolveram o “problema” dos cortiços, como criaram outros desafios, deixando a cidade (Rio de Janeiro) ainda mais desigual e segregada, e Macabéa era a representante disso, de uma cidade desigual (FREITAS; ARAÚJO, 2020).

Rodrigo S.M. (2020, p. 38) coloca que “nesta manhã de dia 7, o êxtase inesperado para o seu tamanho pequeno corpo. A luz aberta e rebrilhante das ruas atravessava a sua opacidade”. E mais adiante explica,

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam (LISPECTOR, 2020, p. 38).

Foi assim que Macabéa conheceu seu primeiro e único namorado, Olímpico de Jesus, durante uma chuva forte que molhou os dois. A chuva seria o símbolo do lugar de encontro, antecipando um relacionamento que não duraria muito.

No momento em que se conheceram, o primeiro estranhamento estava consolidado, uma vez que ele não entendeu o nome dela “[...] eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 39).

Macabéa, sem sobrenome, mais uma nordestina em uma cidade que acendia a tempos modernos, e que não a perdoaria por seu jeito simples e inacabado de ser. Enquanto seu namorado, “Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu ele porque tinha como sobrenome

¹¹ Na entrada do século XX, foi nomeado como prefeito do Distrito Federal, hoje a cidade do Rio de Janeiro – Francisco Franco Pereira Passos, pelo então Presidente da República, Rodrigues Alves. O mandato de Pereira Passos como era chamado, que tomou posse no dia 30 de dezembro de 1902 foi até o ano de 1906. Pereira Passos foi o responsável por colocar em prática as reformas urbanísticas na cidade, conhecidas como – (Política do Bota-abaxo e a Revolta da Vacina), sendo que ambas estão associadas ao mesmo objetivo: o de formar uma cidade higiênica (salubre). Para isso, foi exigida a vacinação dos moradores de cortiços e afins contra as principais epidemias instaladas na cidade, e a segunda, com o processo de demolição de enumeráveis moradias populares, mais especificamente as coletivas, como os cortiços, e que ficou conhecido como política do Bota-abaxo (BENCHIMOL, 1990).

apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher” (LISPECTOR, 2020, p. 39-40).

Olímpico de Jesus era exatamente o oposto de Macabéa, a não ser pelo fato de ambos serem nordestinos (identidade) e isso os unia pelo lugar de origem, pois de resto nada se assemelhava. Ele nasceu no sertão da Paraíba, e tinha uma resistência que aprendera com a terra braba e rachada pela seca. Trabalhava no Rio como metalúrgico, e diferente de Macabéa, tinha grandes ambições, embora nada nobres. No encontro em que tiveram, “Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo” (LISPECTOR, 2020, p. 40).

Macabéa teria encontrado o grande amor de sua vida? O certo é que começou a ter sensações que ela desconhecía, “[...] ficava faminta, mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo ventre e arrepia o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía” (LISPECTOR, 2020, p. 40).

Para Olímpico, a ligação que ele tinha com o Nordeste se manifestava de outras formas, com outros sentimentos. Rodrigo S.M. diz (2020, p. 41),

No Nordeste tinha juntado salários e salários para arrancar um canino perfeito e trocá-lo por um dente de ouro faiscante. Este dente lhe dava posição na vida. Aliás, matar tinha feito dele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de “cabra safado”.

Olímpico via na cidade do Rio de Janeiro a possibilidade de pertencer ao grupo dos políticos (deputado), o que fazia dele um homem de quem se interessava por discursos vazios, típicos dos “bons políticos” em períodos de campanha eleitoral. E em uma das poucas conversas que teve com Macabéa, sua atual quase ex-namorada, percebeu sua autoestima, ou melhor, a ausência dela - “Ela: – Desculpe, mas não acho que sou muito gente. Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus! Ela: – É que não me habituei” (LISPECTOR, 2020, p. 43). Diferente de Macabéa, Olímpico tinha uma autoconfiança que certamente a levaria aos palanques da vida, aos lugares da política. Percebemos essa tendência na seguinte passagem do romance, no diálogo entre os namorados. Rodrigo S.M. (2020, p. 44),

– Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações?

– Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida.

Foi a única vez em que falou de si própria para Olímpico de Jesus. Estava habituada a se esquecer de si mesma. Nunca quebrava seus hábitos, tinha medo de inventar.

Macabéa vivia, cumprindo seus rituais de forma “religiosa”. Todo dia o mesmo dia, fazendo as mesmas coisas, era assim a trajetória de Macabéa pelo Rio, esse que poderia transformar sua vida, dando-lhe graça e luz. Mas, a mudez, era essa que caracterizava o movimento de Macabéa pelos lugares. A nordestina ouvira uma música na rádio relógio chamada *Una Furtiva Lacrima* e,

[...] fora a única coisa belíssima na sua vida. Enxugando as próprias lágrimas tentou cantar o que ouvira. Mas a sua voz era crua e tão desafinada como ela mesma era. Quando ouviu começara a chorar. Era a primeira vez que chorava, não sabia que tinha tanta água nos olhos. Chorava, assoava o nariz sem saber mais por que chorava. Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era

‘assim’ (LISPECTOR, 2020, p. 45-46).

Na conversa entre os namorados, embora talvez fosse monólogo, outra característica marcante da personalidade de Macabéa é a florada, em que “ele falava coisas grandes, mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria” (LISPECTOR, 2020, p. 46). E mais,

- Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marilyn era toda cor-de-rosa?
- E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema (LISPECTOR, 2020, p. 48).

Quando enfim Macabéa resolve se expressar, seu namorado, com toda dureza típica de uma sociedade que ele já havia absorvido, expõe de maneira cruel aquilo que Macabéa não gostaria de ouvir. E mais uma vez, deixando claro que aquele não era o seu lugar - o lugar de Macabéa. Ele diz que ela jamais seria uma estrela, quicá de cinema. Podemos dizer, conforme colocado por Peçanha; Rangé (2008, p. 07), que faltava da parte de Olímpico uma escuta sensível e empática,

[...] o parceiro que está ouvindo precisa ter uma escuta empática. Denotar atenção ao que a outra pessoa está falando é o ponto inicial de um diálogo construtivo. Esse comportamento atento pode ser realizado através de verbalizações (ex.: hum-hum) ou mesmo de gestos corporais (ex.: balançar a cabeça, olhar nos olhos).

Contudo, Macabéa parecia aceitar as palavras do namorado, e “pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava. Mas, Olímpico não só pensava como usava palavreado fino. Nunca esqueceria que no primeiro encontro ele a chamara de ‘senhorinha’, ele fizera dela um alguém” (LISPECTOR, 2020, p. 48).

Os pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro exerceram no romance e exercem até hoje, funções muito específicas dentro do espaço carioca, se tornando lugares aprazíveis, e de experiências únicas (e encenadas) para o turista, e até para os moradores, como a própria Macabéa e Olímpico (FREITAS, 2022). Os namorados andando pelo Jardim Zoológico, no bairro de São Cristóvão, Zona Norte do Rio:

[...] ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos. Tinha medo e não os entendia: por que viviam? Mas quando viu a massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte que se movia em câmara lenta, teve tanto medo que se mijou toda (LISPECTOR, 2020, p. 49).

Seria cômico, se não fosse trágico. Macabéa sentiu medo do rinoceronte como quem sente medo do grande esplendor da vida. Assim era Macabéa, se movimentando pelos lugares à espreita do pior. Seus medos internos se materializavam até nos pobres animais enclausurados de um zoológico. O que para muitos poderia representar um lugar de alegria, de encontros, para Macabéa era sinônimo de pavor.

Assim, o namoro entre os dois se mantinha, embora sem futuro algum, e os diálogos carregados de incompreensões continuaram existindo. E pela primeira vez de fato, Macabéa se sentiu confortável em fazer a Olímpico, perguntas das quais nunca tivera respostas, e ele contrariado com uma delas, responde que “o Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais. [...] – É lugar ruim, só pra homem ir” (LISPECTOR, 2020, p. 50). Podemos entender que no contexto, “mangue” seria o nome dado aos prostíbulos.

Prostíbulo era (e é) o lugar dos encontros sexuais, majoritariamente de mulheres que

atendiam a desejos dos homens casados (clientes), que prezavam pela “moral e pelos bons costumes”. Os homens em geral podiam frequentar tais lugares sem serem julgados por isso, diferentemente das mulheres que mal podiam citar o nome “mangue”. E assim entendemos que mais uma vez Clarice traz para a narrativa, situações do cotidiano que marcam a sociedade machista e hipócrita brasileira.

Voltando a Olímpico de Jesus (sem nome do pai), era um homem forte e valente, embora sem escrúpulos. Olímpico aproveitava todas as oportunidades para enganar, roubar, e vivia pelo Centro do Rio de Janeiro, como podemos imaginar, com uma “peixeira na mão” de um lado, e um pandeiro, à moda carioca do outro, numa perfeita mistura do que podemos chamar de “sertanejo malandro”.

Assim, a fenomenologia, ao ocupar-se do corpo e do espaço em suas investigações filosóficas, como aponta Holzer (2013), nos conduz também para as investigações geográficas do espaço. Heidegger afirma que “só é possível habitar o que se constrói” (s.d., p. 1) e, claro, que nessa direção, o autor não se refere somente à materialidade das construções físicas, mas principalmente aquelas que se dão no campo simbólico das vivências. E em se tratando de vivências, Rodrigo S.M. afirma categoricamente que,

Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o quê” com “o quê”. Na verdade, ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos. Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia de obras onde era sua dormida. Ter matado e roubar faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra até lavada (LISPECTOR, 2020, p. 52).

Rodrigo S.M. reconhece “virtudes” em Olímpico, porque ao menos ele se mostra protagonista de sua própria vida, diferente de Macabéa. Quanto ao relacionamento entre eles,

Sua única bondade com Macabéa foi dizer-lhe que arranjaría para ela emprego na metalúrgica quando fosse despedida. Para ela a promessa fora um escândalo de alegria (explosão) porque na metalúrgica encontraria a sua única conexão atual com o mundo: o próprio Olímpico. Mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo. Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la (LISPECTOR, 2020, p. 52).

Pelo que já foi colocado até aqui, podemos depreender aspectos importantes para o entendimento das lugaridades de Macabéa. Para ela, perder o emprego como datilógrafa e passar a trabalhar na metalúrgica do namorado significaria estar em um lugar de afeto, pois lá estaria ele (Olímpico), e ela já não podia mais pensar em viver sem a presença dele. Contudo, Olímpico jamais demonstrou qualquer afeto por ela, afinal era um relacionamento abusivo e ele só sabia era ofendê-la, destacando sua aparência “fora dos padrões” e sua falta de conhecimentos sobre o mundo. Macabéa inocente acreditava que tinha que ser assim e pronto. Ela não questionava. Ainda sobre Macabéa e Olímpico,

Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais, tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. Não sabia que ela própria era uma suicida embora nunca lhe tivesse ocorrido se matar. É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga. Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários

murchos como um cogumelo cozido (LISPECTOR, 2020, p. 52-53).

Nessa altura, já podemos imaginar que o namoro, se é que dava para chamar assim, estava com as horas contadas. E eis que o lugar do encontro entre Olímpico e Glória se acendeu,

É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país (LISPECTOR, 2020, p. 53).

Nesse trecho, vemos a presença de um olhar permeado, mais uma vez, de preconceito. O olhar de estranhamento para todos aqueles que não faziam parte das regiões Sul e Sudeste do país. E mais uma vez, temos a descrição de Macabéa, e agora com rastros de “lugares fantasiosos”.

Esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida, engravidada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizoides nos quais apareciam gigantescos animais antediluvianos como se ela tivesse vivido em épocas as mais remotas desta terra sangrenta (LISPECTOR, 2020, p. 54).

Bem, após o encontro de Olímpico com Glória, o que estava óbvio se concretiza. Eles passam então a namorar. “Foi então (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa. Namoro talvez esquisito, mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça e que esta era Glória (LISPECTOR, 2020, p. 54).

O cais do porto, como já sinalizado, único lugar do Rio de Janeiro em que Macabéa ainda poderia reconhecer enquanto topofílico, passaria então a ser símbolo de um namoro frustrado, logo, ganhando contornos topofóbicos. Porque ao voltar ao cais, inevitavelmente lembraria das tardes em que os dois estiveram juntos. E mais uma vez a saudade do passado voltaria com força, um passado sem história, sem memórias e sem namoro.

E se não bastasse “perder o namorado”, Macabéa ainda teve que escutar dele que “– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 2020, p. 54). E, “na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. Surpreendido, Olímpico, sem entender, deu gargalhadas” (LISPECTOR, 2020, p. 55).

E a pergunta que fica é: .Quanto ao futuro. O que seria de Macabéa? Órfã, sem a tia, sem o namorado e prestes a perder o emprego. Sem falar da tosse de todas as noites, que tudo indicava se tratar de uma tuberculose. Doença que infelizmente vitimava muitas pessoas naquele contexto histórico.

Macabéa entendeu uma coisa: Glória era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió ouvira um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua: “a tua gordura é formosura!” A partir de então ambicionara ter carnes e foi quando fez o único pedido de sua vida. Pediu que a tia lhe comprasse óleo de fígado de bacalhau. (Já então tinha tendência para anúncios.) A tia perguntara-lhe: você pensa lá que é filha de família querendo luxo? (LISPECTOR, 2020, p. 55).

Não é que Rodrigo S.M. quisesse justificar a vida sofrida de Macabéa no presente, ao passo de termos compaixão dela, mas não dava para apagar o passado, e a pobre nordestina “comeu o pão que o diabo amassou”. Aliás, continua comendo, e calada...

Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. (Ela não sentiu desespero, etc. etc.). Também que é que ela podia fazer? Pois ela era crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo (LISPECTOR, 2020, p. 55).

Ao menos, Macabéa tinha a colega Glória “[...] Glória era agora a sua conexão com o mundo. Este mundo fora composto pela tia, Glória, o Seu Raimundo e Olímpico — e de muito longe as moças com as quais repartia o quarto” (LISPECTOR, 2020, p. 58). E assim, Macabéa moldava seu(s) lugar(es) de acordo com suas emoções, tornando-os topofóbicos, vivendo experiências desagradáveis e como já mencionado várias vezes, experiências de medo, como Tuan (2005) narra durante todo o livro – “Paisagens do Medo”, embora o autor não fale em nenhum momento de topofobia e nem conceitua o que seriam as “paisagens do medo”.

Não podemos deixar de dizer também, que para os nordestinos que moravam (e ainda moram) no Rio, como acontece no romance, poder passear, ou melhor, ter contato com suas raízes, era o momento de resgate da memória. Isso se dá pela “Feira dos Paraíbas” ou “Feira dos Nordestinos¹²” ao fazer um resgate de suas raízes e memórias por meio da culinária, das músicas e até de vestimentas típicas. Uma feira que se caracteriza por sua resistência, sendo um pedacinho do Nordeste na cidade maravilhosa, mas especificamente no bairro de São Cristóvão (VALVERDE, 2011).

E Olímpico, “ele, para impressionar Glória e cantar logo de galo, comprou pimenta-malagueta das brabas na feira dos nordestinos e para mostrar à nova namorada o durão que era mastigou em plena poupa a fruta do diabo” (LISPECTOR, 2020, p. 59).

Glória era de classe média e morava numa casa que até telefone tinha (outro símbolo de modernidade, e nem todos desfrutavam de tal tecnologia). Para Rodrigo S.M. (2020, p. 59-60),

Glória morava na rua General não sei o quê, muito contente de morar em rua de militar, sentia-se mais garantida. Em sua casa até telefone tinha. Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia para ela lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava (p. 59-60).

Macabéa nutria certa inveja de Glória. Glória era tudo que ela não era, e sabia que jamais viria a ser. Para Macabéa, não existia lugar para ela neste mundo.

No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa de nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate. Dias depois, recebendo o salário, teve a audácia de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o médico barato indicado por Glória [...] (LISPECTOR,

¹² A Feira dos Nordestinos representava uma iniciativa de resistência e de sobrevivência dos migrantes, que tentavam ultrapassar as dificuldades do desenraizamento a partir da produção de um espaço informal. A Feira teria se formado pelo uso do Campo de São Cristóvão, na Zona Norte da cidade, como ponto de chegada e de partida de migrantes nordestinos. O transporte irregular era realizado em caminhões (os “paus de arara”), que se caracterizavam em alternativas baratas ao transporte formal. Na medida em que as pessoas aguardavam a chegada de amigos e parentes, alguns decidiram montar suas barracas para vender produtos nordestinos, enquanto outros levavam instrumentos musicais (CHAVES, 1999 *apud* VALVERDE, 2011, p. 83).

2020, p. 60).

Como exposto pelo fragmento do romance, pela primeira vez, Macabéa pôde ir ao médico. E lá soube que estava doente. O Rio passaria a representar também o lugar da doença.

– Você está com começo de tuberculose pulmonar.

Ela não sabia se isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse:

– Muito obrigada, sim? (LISPECTOR, 2020, p. 61).

Contudo, Macabéa seguia a vida como se nada tivesse acontecido, simplesmente acreditava que a vida dela tinha que ser assim. E não se sabe ao certo o que pode ter causado a tal tuberculose. Talvez o frio que sentia ao sair do trabalho e passar pelo cais do porto, sem que tivesse um agasalho. Aliás, a vida dela não possuía agasalho. Tudo era muito despido e cru.

Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma [...] (LISPECTOR, 2020, p. 62).

Clarice, assim como Macabéa, também estava doente. Ela estava com câncer e escreveu o romance pouco antes de morrer. Não à toa, lemos que “estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte” (LISPECTOR, 2020, p. 63).

E mais uma vez, as duas se encontram, pois, “ambas esperavam à morte à sua maneira”. Uma calada, a outra verbalizando em palavras o grito de Macabéa. Um grito entalado na garganta...

A síntese que apresentamos agora deste tópico, assim como ilustrado no tópico anterior, tem o objetivo de reunir alguns elementos que remetem ao lugar (topofóbico) discutidos até este ponto do romance, conforme figura 14.

Segunda parte da análise do romance - .Quanto ao futuro.

Etapa da Análise Textual Discursiva (ATD) utilizada:

Desmontagem e fragmentação do texto

Páginas – 26 a 63 do romance (conforme referência utilizada)

Topofobia – Neste tópico, a topofobia foi apresentada, avançando de forma mais intensa pelo romance, visto que neste momento, Macabéa já está no Rio de Janeiro, sem a tia (que veio a falecer), e agora sozinha, passa a morar com mais 4 moças, num velho quarto de pensão (cortiço). Como datilógrafa, passa a trabalhar como tal, conhece Olímpico de Jesus (seu atual e ex-namorado) e desenvolve problemas de saúde. Assim, resgatamos algumas passagens deste segundo tópico que justificam a construção da topofobia, tendo a cidade do Rio como contexto.

Percebam que as passagens do romance, aqui recuperadas, trazem aspectos negativos que ressaltam qualidades de Macabéa e dos lugares pelos quais transita.

“O cais imundo dava-lhe saudade do futuro” - página 70	Lugar marcado pela desesperança
“Os gordos ratos da rua do Acre”- página 70	Lugar marcado pela intolerância
“Ela era subterrânea” – página 71	Lugar marcado pela indiferença
“Sono superficial porque estava há quase um ano resfriada” – página 72	Lugar marcado pela doença
“O remédio era mastigar papel e engolir” – página 72	Lugar marcado pela fome
“Ela era um acaso, um feto. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal” – página 75	Lugar marcado pelo desamor
“Nunca havia jantado ou almoçado num restaurante” – página 77	Lugar marcado pela segregação
“Ficava faminta, mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo ventre” – página 79	Lugar marcado pela dor
“Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de ‘o quê’ com ‘o quê’” – página 81	Lugar marcado pelo preconceito
“Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” – página 82	Lugar marcado pela agressão psicológica

LUGAR TOPOFÓBICO

Figura 14: Síntese - .Quanto ao futuro.
Fonte: Elaborado por Rafael A Freitas, (2022).

Assim, a topofobia, conforme foi discutido, parte de Macabéa, que ao se mover pelos lugares, não é capaz de despertar compaixão, sendo então violentada psicologicamente por atributos que tentam diminuí-la, subalternizá-la, inferiorizá-la etc.

Dessa forma, a ideia de geograficidade nesse contexto, pode ser entendida como a relação de Macabéa pelas lugaridades do romance. É essa geograficidade, segundo Dardel (2011), que é responsável por essa relação através das atividades básicas do cotidiano, como se locomover de um ponto a outro, como sair de casa ao trabalho, por exemplo.

O futuro de Macabéa como já deu para perceber pela narrativa, já demonstra indícios claros que seria marcado por um desfecho inusitado. Resta a Macabéa, sair discretamente pela porta dos fundos, como sugere um dos títulos propostos por Clarice, talvez em alusão ao lugar de Macabéa como “palco” de uma vida sem plateia ou pelo contrário, já que sair pela porta dos fundos pudesse significar a maneira de sair de cena sem chamar tanta atenção, o que seria meio contraditório em Macabéa. Antes de continuar a análise, porém, observo a xícara de café, encontra-se vazia.....já volto! E neste instante, ouço uma música que vem a minha cabeça e que diz:

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria¹³

¹³ Fonte: Parte da música – “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>

3.3 Saída discreta pela porta dos fundos

Versos Íntimos

*Vês! Ninguém assistiu ao teu formidável
Enterro da tua última quimera.
Somente a ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável.
Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que
apedreja.
Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
Augusto dos Anjos (1976, p. 45).*

Saída discreta pela porta dos fundos, título desta seção que já antecipa o final que Macabéa teria, mas vamos continuar...

Versos íntimos, poema escrito pelo poeta Augusto dos Anjos, expressa em tom sombrio, versos com forte pessimismo e decepção do poeta diante dos seus relacionamentos interpessoais frustrados, que aqui converge para o desfecho da jovem Macabéa.

Macabéa sem saber o que fazer diante do fim do namoro, com os pulmões comprometidos pela tuberculose e na iminência de perder o trabalho, é aconselhada por Glória a procurar uma cartomante, madama Carlota. Macabéa embora não acreditasse nisso, estava tão desesperada que “assim pela primeira vez na vida tomou um táxi e foi para Olaria. Desconfio que ousou tanto por desespero, embora não soubesse que estava desesperada, é que estava gasta até a última lona, a boca a se colar no chão” (LISPECTOR, 2020, p. 64). Logo,

Não foi difícil achar o endereço da madama Carlota e essa facilidade lhe pareceu bom sinal. O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim — ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante. Pensou vagamente enquanto tocava a campainha da porta: capim é tão fácil e simples. Tinha pensamentos gratuitos e soltos porque embora à toa possuía muita liberdade interior (LISPECTOR, 2020, p. 64-65).

E Rodrigo S.M. parecia não querer escrever o final desta narrativa, mas continuava, porque Macabéa precisava ter um fim e o grande encontro estava prestes a acontecer. A sala da madama seria o lugar das grandes revelações. Rodrigo S.M. diz “como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 65).

Assim, a consulta entre a madama e Macabéa acontece, e não parecia que Macabéa estivesse confortável com aquela situação. Enquanto a madama Carlota dizia,

- Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia

muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranhou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar (LISPECTOR, 2020, p. 66).

E continua,

Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava. Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher (LISPECTOR, 2020, p. 67).

Nessa passagem da narrativa, duas questões são suscitadas e não podemos invisibilizar aqui. A primeira é a questão da violência contra a mulher. Se Macabéa por um lado sofreu com a violência psicológica de Olímpico, a madama tinha sofrido com a violência física. Embora nenhuma das duas tivesse plena consciência disso, o fato é que essa situação revela o quanto a violência contra a mulher era normalizada, em uma sociedade extremamente machista e patriarcal, em que a mulher de vítima passava a ser a culpada. E mais uma vez falamos de medo, em suas várias faces, conforme denuncia os textos da geógrafa e feminista, Joseli Maria Silva (2009).

A outra questão diz respeito à sexualidade de madama Carlota, já que ela também se relacionava com mulheres, o que significa que Clarice também quis deixar em evidência mais uma temática que naquele contexto era ainda um tabu tanto para a sociedade quanto para a própria literatura (BOSI, 2015). Imagina esse tipo de discussão num romance literário dos anos de 1970? Aliás, vários temas sensíveis já eram denunciados por Quino em suas tirinhas com a personagem Mafalda, e aqui capturamos uma dessas tirinhas, em que a alienação da personagem Susanita se aproxima de Macabéa, guardadas as devidas proporções e contextos.



Figura 15: Tirinha Mafalda

Fonte: QUINO (Joaquín Salvador Lavado Tejón). *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 192.

Retomando o momento do encontro, Macabéa estava a separar as cartas que madama iria ler para ela. O que o futuro guardava então para Macabéa?

Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele uma lisura de matéria plástica. A

madama de repente arregalou os olhos.

– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim (LISPECTOR, 2020, p. 68).

Percebemos que Macabéa descobre o óbvio – que sempre teve uma vida sofrida. Porém, fica feliz por saber que coisas boas aconteceriam, uma vez que enfim a estrela dela brilharia, bem no estilo de Marilyn Monroe, de quem ela era fã. Mas ao sair da cartomante, a grande epifania do romance acontece.

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança. Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus — enquanto suportava uma trombeta vinda dos céus — Enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro [...] (LISPECTOR, 2020, p. 69).

Madama Carlota ainda disse a Macabéa, que “[...] sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela?” (LISPECTOR, 2020, p. 70). E assim, Macabéa grata se despede da madama:

Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava si própria (LISPECTOR, 2020, p. 71).

E mais uma vez, pela passagem citada, vemos a infância de Macabéa sendo relembrada, o que mostra traumas e dores do passado que vira e mexe eram retomados com força nos pensamentos da nordestina. Para Macabéa, por um instante, o lugar marcado por dores e medos se transformaria em festa e alegria, e ela já podia sentir essa sensação de prazer, graças à madama, que vira nas cartas um futuro esplendoroso. “Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz” (LISPECTOR, 2020, p. 71).

Assim,

Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada (LISPECTOR, 2020, p. 71).

Macabéa saiu da casa da cartomante, com plena certeza de que teria um futuro melhor. O Rio de Janeiro seria então um lugar repleto de alegrias, encontros, afetos, trocas, e enfim, ela chamaria o Rio de sua casa, seu lar. E certamente estava feliz por ter saído do sertão, porque aqui a vida seria diferente.

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino

(explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho (LISPECTOR, 2020, p. 72).

E foi assim, o grande clímax do romance. Macabéa estava tão feliz que não acreditava na sua morte. O lugar da dor, caída no chão, representava exatamente a vida que tivera, com a cara na sarjeta, em meio ao capim que era seu único companheiro naquele momento.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito (LISPECTOR, 2020, p. 72).

Caberia Macabéa reivindicar o grito? Nem isso, ela caiu no chão e nem teve forças de esboçar qualquer gemido que fosse, muda estava e muda ficou. Aguentou a dor como uma “boa sertaneja” que há muito havia aguentado as dores que a vida causara. Como canta Milton Nascimento – “De uma gente que ri quando deve chorar, e não vive, apenas aguenta”. Assim, Macabéa “ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 2020, p. 72-73).

Caída no chão, pensou:

Tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas. Fixava, só por fixar, o capim. Capim na grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à-toa na cidade inconquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta. Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda (LISPECTOR, 2020, p. 73).

Restava Macabéa sair discretamente pela porta dos fundos, afinal, sua vida tinha sido modesta e discreta, sem nenhum holofote. Mas, “algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência” (LISPECTOR, 2020, p. 73-74). E “enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma” (LISPECTOR, 2020, p. 74).

E ao morrer pode compreender que “seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher” (LISPECTOR, 2020, p. 76). E em seu último suspiro, disse, balbuciando:

Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro:

— Quanto ao futuro.

Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjoo de

estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas (LISPECTOR, 2020, p. 77).

Quanto ao futuro? Macabéa “no fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada” (LISPECTOR, 2020, p. 78).

Macabéa morrera desejando o homem estrangeiro, como disse a madama, estrangeiro que será louro, rico e apaixonado por ela, com olhos verdes, ou azuis, ou castanhos, ou pretos. O desejo, agora vivo, transformava Macabéa em mulher, a hora da morte, que é sua hora de estrela, é o momento de iluminação dessa consciência.

Viviane de Aquino Queiroz, em sua dissertação (mestrado em Literatura), intitulada de – “Clarice Lispector: itinerário, influência e a busca do Ser em *A Hora da Estrela*”, nos faz pensar sobre a história de Macabéa,

Retomando a história de Macabéa (enquanto viveu sua primitividade existencial, não conhecia o paradoxo de sua condição no mundo: ocupar e não ocupar lugar nenhum no mundo; não ser ninguém, mas ser mulher; amar e não se amada. A relação com Olímpico, fugaz, dá-lhe um vago sentimento de busca, que a leva à cartomante. Carlota instala em Macabéa o sentimento de morte em vida, mostrando-lhe a carência. Recém-chegada ao mundo dos que desejam, a personagem, ao atravessar a rua, ingressa no cenário da morte), podemos ver que somente no momento da agonia da morte é que ela vai desenvolver mecanismos de sobrevivência (QUEIROZ, 2007, p. 69).

Recorrendo ao historiador Luiz Antônio Simas, apaixonado pelo Rio de Janeiro e suas ruas, nos diz que,

Esqueçam a fábula da Cidade Maravilhosa. A história do Rio de Janeiro é a de uma cidade à beira do precipício que aprendeu a voar para driblar o abismo. Ela não pode ser esvaziada da pulsão de vida que escarra na cara do precário e zomba da morte ao celebrar o mundo. Por isso, o que de longe parece minhoca que rasteja, de perto pode ser um pássaro da rua (SIMAS, 2020, p. 48).

Finalizamos então a análise do romance com esse trecho, propondo uma reflexão. Seria Macabéa um pássaro da rua, esperando seu momento certo para driblar as dificuldades da vida? Será que a morte foi o melhor desfecho para a nordestina? Porque pela primeira vez na vida olharam para Macabéa, e lá rodeada de olhares, como quem espera a última cena, em que as cortinas se fecham e o público aplaude, brilhando enfim feito estrela de cinema. Como Clarice afirma: “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 2020, p. 73). O pior dos encontros são as despedidas, e assim nos despedimos de Macabéa, porque eles passarão, e Macabéa, *passarinha!* “Pois só quem ama pode ter ouvido, capaz de ouvir e de entender estrelas” (BILAC, 1997, p. 22).

Logo, entendemos então que o romance de Clarice nos possibilita inúmeras discussões acerca do lugar, ou seja, das vivências de Macabéa. Aqui, pontuamos o caráter topofóbico que molda e condiciona a personagem a um fim que pode ser considerado trágico para uns e para outros, representar a glória, o brilho de Macabéa.

Dessa forma, não temos a pretensão de esgotar o assunto, afinal, a fenomenologia nos permite outras formas de interpretação. Por isso, escolhemos também a Análise Textual Discursiva, em que “quebramos” o texto em partes menores e por meio dos tópicos deste capítulo, seguimos uma linha de raciocínio do próprio romance, investigando as experiências vividas de Macabéa e os significados dos lugares conformados por ela. Para Relph (1976, p.

02),

A estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e, portanto, permeia a todos os membros daquele grupo, pois estes foram todos socializados de acordo com o conjunto comum de experiências, signos e símbolos.

As lugaridades estiveram presentes a todo tempo na análise do romance, despertando nosso olhar geográfico. Assim, esta pesquisa se configura como o *corpus*, considerado pela ATD como o resultado final, mediante os objetivos expostos anteriormente.

Trazemos, mais uma vez, uma síntese, agora, do que foi discutido neste terceiro e último tópico. A figura 16, mostra algumas marcas da topofobia presentes neste momento da narrativa de Clarice, tendo assim a morte como símbolo máximo dessa trajetória.

Terceira parte da análise do romance – Saída discreta pela porta dos fundos
Etapa da Análise Textual Discursiva (ATD) utilizada:
Desmontagem e fragmentação do texto
Páginas – 64 a 78 do romance (conforme referência utilizada)

Topofobia – Neste tópico, a topofobia foi apresentada em seus momentos finais, tendo assim a morte de Macabéa como ápice de uma trajetória marcada pelo medo, conforme demonstra os fragmentos (alguns) em destaque:

“Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança” – página 87
“Macabéa não passava de uma caixinha de música meio desafinada” – página 89
“Querida vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas” – página 89

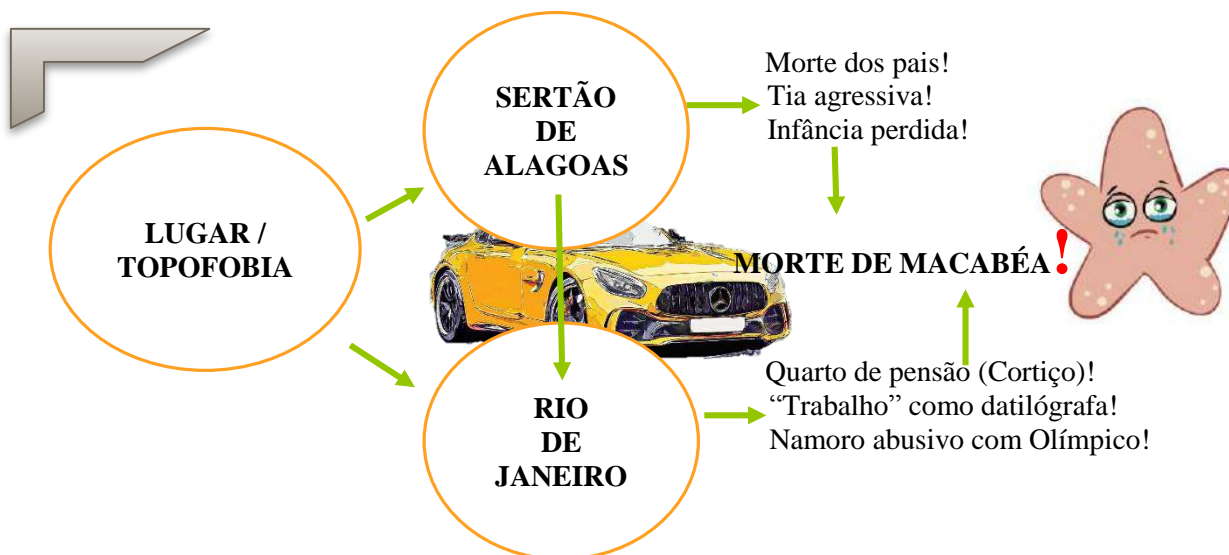


Figura 16: Síntese – Saída discreta pela porta dos fundos
Fonte: Elaborado/Organizado por Rafael A Freitas, (2022).

Enquanto que a figura 18 (por meio de um mapa mental), tenta resgatar alguns símbolos importantes que remetem ao romance, uma vez que eles estão intimamente relacionados aos lugares percorridos por Macabéa, assim como por situações vivenciadas pela personagem. Para Tuan (2018, p. 06),

A experiência constrói o lugar em diferentes escalas. A lareira e o lar são lugares. Vizinhança, cidade e metrópole são lugares; uma região específica é um lugar e assim é uma nação. É de conhecimento comum a aplicação da palavra “lugar” a fenômenos que diferem grandiosamente em tamanho e em características físicas.

Dessa forma, entendemos que esses símbolos são carregados de significados porque estão conformando os lugares de Macabéa. São por esses símbolos que os lugares pelos quais ela transitou ganha sentido, ainda que pela presença da topofobia.

Para Mello (2008), os lugares encontram-se repletos de símbolos (íntimos e coletivos) dos mais variados significados, revelando-se as porções do espaço que se tornam lugares com relevante significação diante do todo, pois o lugar, diferente do espaço, guarda os sentimentos, percepções e experiências vividas.

O esquema (figura 17) mostra a relação entre espaço e lugar, em que o espaço (geográfico) é o todo, e os lugares, cada particularidade encontrada nesse espaço, e que no contexto de Macabéa, revela o simbolismo de sua trajetória.

No capítulo 02, representamos esquematicamente essa relação de forma mais genérica, motivo que retornamos agora, com um esquema mais elaborado, na tentativa de contextualizar o que foi proposto pelo professor João Baptista Ferreira de Mello indo em direção à esta pesquisa.

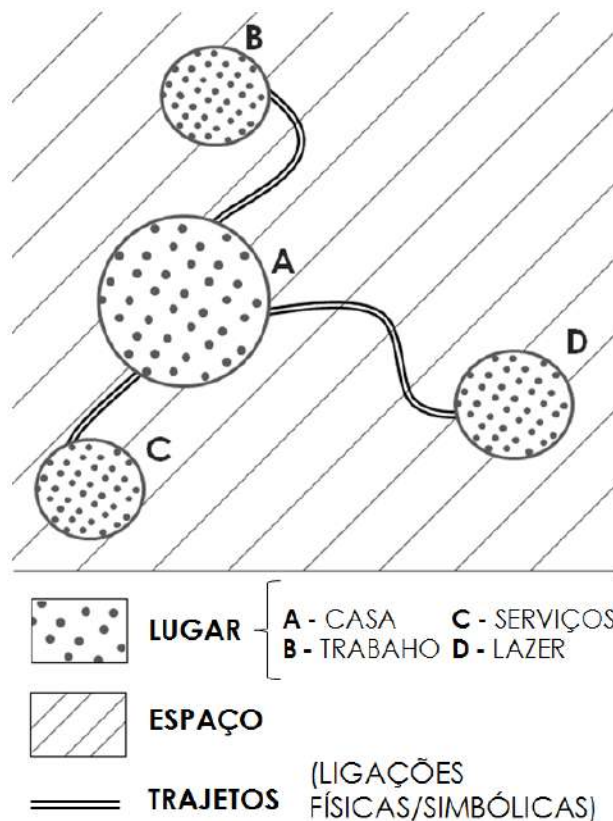


Figura 17: Relação - espaço e lugar na perspectiva humanista

Como consequência dos movimentos cotidianos ou esporádicos pela trajetória de Macabéa e que são dotados de simbolismo.

Fonte: Mello (1990)¹⁴ adaptado por Brum (2016).

¹⁴ MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*. v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

Assim, podemos dizer que: o lugar **A** conforme figura esquemática, representa o quarto de pensão onde Macabéa mora, a sua casa – o lugar **B**, o escritório onde trabalha como datilógrafa, o lugar **C** entendemos se tratar dos serviços utilizados por ela, ao se alimentar num botequim, ao se locomover por meio do ônibus, ao comprar cachorro-quente e *Coca-Cola*, por exemplo. Enquanto que o lugar **D** é voltado ao lazer, e no caso de Macabéa, podemos citar o cinema e o cais do porto, lugares dotados de certo valor simbólico topofílico, por isso colocados aqui como lazer. Percebam que o lugar A, sendo a “casa”, simboliza o lugar para onde Macabéa sempre volta, representando assim o ponto de ligação/contato com os outros lugares – B, C e D. Os pontos de contato são responsáveis pelas geografidades por meio dos trajetos, sendo reveladoras das essências do lugar (lugaridade).



Figura 18: Mapa mental: A trajetória de Macabéa

“A trajetória do medo”, em alusão ao percurso de Macabéa do sertão de Alagoas à cidade do Rio de Janeiro. E os símbolos (mosaico de símbolos) que marcam essa trajetória pelos lugares.

Fonte: Elaborado/Organizado por Rafael A Freitas, (2022).

Assim, por meio do recurso digressivo (de afastamento / divagar), Clarice Lispector busca dialogar a todo tempo com nós leitores, nos despertando uma criticidade, ao compartilhar conosco a culpa que ela sente por escrever sobre Macabéa e a responsabilidade que tem para com a justiça social e a alienação simbolizadas pela figura da nordestina. E resgatando o título desse capítulo, podemos dizer que Macabéa não tem sobrenome, pois ela encarna tantas outras mulheres (de ontem e de hoje), não cabendo assim ter um único sobrenome apenas.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2021), ocorrido em 2010, cerca de 1,5

milhão de nordestinos viviam no Rio de Janeiro, sendo a maior parte na própria capital. Aliás, é bom que se diga que o dia 08 de outubro é comemorado o Dia do Nordeste. Uma data simbólica, que busca homenagear e agradecer pelos esforços de um povo que ajudou a construir diversas cidades - com trabalho, suor e muita lágrima de saudade de sua terra natal.

Portanto, mais de 40 anos depois de sua publicação, ainda é possível encontrar outras “Macabéas” andando pelas ruas das cidades brasileiras. Mulheres invisíveis, sofridas e que buscam (sem saber se encontrarão) a hora em que suas “estrelas possam brilhar”.

De certo que a Macabéa de Clarice morreu, mas seu “legado” de dificuldades permanece, sendo encarnado em tantas outras mulheres, que precisam driblar as dificuldades da vida e encontrar seus lugares neste mundo tão cruel e desafiador, além do preconceito, que estamos distantes de eliminar da sociedade, preconceito esse que deveria pegar um pau-de-arara e ir para bem longe.

A obra de Clarice Lispector é tão emblemática que se materializa em outras formas artísticas, como no filme¹⁵ - “A Hora da Estrela”, lançado em 1985, de Suzana Amaral, com as interpretações de Marcélia Cartaxo e José Dumont, como Macabéa e Olímpico, respectivamente. Ainda, o musical que entrou em cartaz em 2020, poucos dias antes da pandemia, retornando agora em 2022, intitulado – “A Hora da Estrela ou (O canto de Macabéa)¹⁶”, em que a atriz e cantora Laila Garin interpreta a menina nordestina. E assim, compartilho com vocês a letra de uma das canções da trilha sonora do musical, que leva também a assinatura do cantor Chico César.

Eu vou me dar uma festa
Eu vou passar batom
Eu sei que a vida não presta
Mas viver é tão bom

Com a boca bem escarlate
Dessa tristeza não morro
Como um cachorro que late
A certeza de ser cachorro

Da lama nasce uma flor
Vai ser a minha vingança
Vermelho, cor do amor
Eu sou vermelho esperança

Vermelho pra onde eu for
Vermelho onde o sangue dança
E quem quiser me ver melhor
Não mate minha criança

Música: Vermelho Esperança¹⁷
Composição: Chico César / Interpretação: Laila Garin

¹⁵ Filme - *A Hora da Estrela*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yw9fLtpqGIs> . Acesso em: 01 ago. 2022.

¹⁶ Fonte: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/08/04/com-laila-garin-espetaculo-a-hora-da-estrela-ou-o-canto-da-macabea-entra-em-cartaz-em-uberlandia.ghtml> . Acesso em: 02 ago. 2022.

¹⁷ Fonte: Música – “Vermelho Esperança”, integrante do álbum – *A Hora da Estrela ou O canto de Macabéa*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wYhBRsEW_6A Acesso em: 20 set. 2022.



PARA (NÃO)CONCLUIR

Motivo

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.
Cecília Meireles (2001, p. 24).*

Motivo, título do poema de Cecília Meireles, que aqui ilustramos, poderia ter sido escrito para Macabéa. Nele, Cecília se mostra confusa com a vida, mas de uma coisa tem certeza - a morte seria certa. Analogamente, morte essa que assombra Macabéa, e um dia ela estaria muda...mais nada! E a escolha dos poemas que compõem esta pesquisa, e que abriram os tópicos do capítulo 03 não foram escolhidos ao acaso. Os poemas de Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos e Cecília Meireles se aproximam nas suas reflexões ao nos trazer inquietações sobre a vida, o amor e a morte. Inquietações que estiverem presentes na vida de Macabéa e que aqui recuperamos numa tentativa de entender os lugares percorridos por ela.

Uma das maiores dificuldades da ciência geográfica no campo da Geografia Humanista é pensar e traduzir a experiência das pessoas. Foi nesse desafio, que esboçamos uma análise a respeito dos lugares percorridos por Macabéa. Como coloca Brum (2016), o caminho se torna lugar quando representa momentos de trocas, diálogos, afetos e regidos por símbolos que tornam os caminhos – verdadeiros lugares vividos.

Nessa direção, esta pesquisa buscou apresentar em sua introdução o caminho teórico-metodológico escolhido, apontando para as relações existentes entre geografia e literatura – Geografia Literária. Assim, o capítulo 01 foi responsável pela discussão acerca dessa relação, para o entendimento da geograficidade por meio do romance de Clarice Lispector.

O capítulo 02 teceu uma discussão sobre a geograficidade, conceito esse preconizado por Dardel (2011), nos ajudando a pensar o lugar como experiência geográfica de Macabéa. Por sua vez, o conceito teórico fundante desta pesquisa - lugar, seus desdobramentos – topofilia e topofobia (esse segundo de forma mais abrangente), discutidos em seguida, fechou este capítulo, preparando o leitor para o próximo.

Já o capítulo 03, esboçamos uma análise geográfica do romance, em um tom por vezes intimista, tendo assim na metodologia proposta, subsídio que nos levou a interpretar o romance à luz do lugar (lugaridades) para o entendimento das experiências topofóbicas vividas por Macabéa.

Para que a interpretação geográfica do romance pudesse ser elaborada, recorremos aos grandes nomes da Geografia Humanista, especialmente Buttner, Dardel, Relph e Tuan. Além de autores contemporâneos, que igualmente são importantes nos debates envolvendo as questões humanas, tais como Amorim Filho, Cavalcante, Holzer, Marandola, Mello, Serpa, dentre outros.

Assim, no romance de Clarice Lispector, o lugar foi percebido, vivenciado e construído pela lente de uma personagem que não se via inserida (do ponto de vista do pertencimento) nos contextos de sua própria vida – seja na pensão onde mora, no escritório onde trabalha, nas ruas do Centro do Rio de Janeiro por onde percorre e etc. Macabéa se acha inferior (proveniente de sua baixa autoestima) a outras pessoas e acredita que não existe lugar para ela neste mundo. Assim, o sofrimento se torna comum para a personagem e que a acompanha desde o sertão de Alagoas até a cidade carioca.

Indo em direção às palavras de Priscila Marchiori Dal Gallo, “a palavra viva de Clarice grafa o despido, o estado livre da matéria viva pulsante” (DAL GALLO, 2020, p. 211, grifo nosso). Macabéa é uma figura feminina, posta de forma nua e crua por Clarice, personagem que encarna uma vida que não aceita ensaios e que se mostra desconectada do mundo. A vida de Macabéa é o que acontece enquanto ela espera brilhar feito Marilyn Monroe.

Relembrando o que o narrador nos diz, Macabéa desconhece o próprio sofrimento que tem, porque nunca viveu de forma diferente, contudo o sofrimento está presente na vida dela, e isso faz com que os lugares se tornem então topofóbicos para a personagem (LISPECTOR, 2020).

Essa topofobia é marcada durante a narrativa por algumas situações, desde as mais explícitas, quando a personagem mostra insegurança em explorar os lugares da cidade carioca, até aquelas mais sutis, quando não se permite às coisas boas da vida em virtude dos valores herdados da tia beata, mas independente disso, esses elementos estão lá, conformando um lugar dotado de medo e desconforto, até porque não podemos esquecer que a personagem é nordestina e isso diz muito dentro do contexto do romance.

Podemos dizer que existe uma ausência de pertencimento, de identidade, de relações interpessoais que a faça viver nos lugares de forma feliz, uma vez que ela apenas sobrevive, e sobrevive a si própria a cada dia.

As lugaridades topofóbicas vivenciadas/experienciadas pela personagem são fruto das suas percepções diante de uma sociedade, e no contexto do Rio, uma sociedade carioca que estava se modernizando em vários setores, e Macabéa cada vez mais sendo “sufocada” por essa modernidade. Cidade maravilhosa para muitos, mas para a nordestina se tornava o purgatório do qual ela não se permitia sair.

Entendemos então que as experiências vividas pela personagem nos lugares por onde percorre são modeladas pelas emoções, valores, atitudes e compostas de itinerários, trajetórias e por elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento topofóbico, como acontece com Macabéa. É interessante perceber que o lugar é formado por elementos que ajudam a contar as vivências e experiências, ou seja, elementos que ajudam a compor a experiência de ser e estar no mundo. De forma resumida, o lugar é marcado por atributos dos mais diversos e que estão disponíveis no mundo, mas nem todos terão as mesmas experiências, vivências e/ou percepções (RELPH, 1979).

No romance, esses elementos (símbolos) aparecem de forma marcante, como por exemplo, a máquina de escrever, que no contexto da obra é um símbolo de modernidade, que contrasta com a vida simples de Macabéa. Esse contraste também se verifica em algumas situações colocadas por Clarice, como pelo fato de Macabéa nunca ter entrado num restaurante, nunca ter recebido uma ligação. E até mesmo nas situações mais simples do cotidiano de Macabéa, em que essa antítese – (moderno X atrasado) é evidenciada.

E quando trazemos para os dias atuais, vemos que Macabéa embora tenha sido uma personagem criada lá em 1977, ainda hoje se faz presente em outras mulheres que são igualmente Macabéa. Mulheres que ainda precisam lutar por direitos dos mais diversos, principalmente quanto ao mercado de trabalho (IBGE, 2021), além de sofrerem com a sociedade machista e a tantas outras questões que ocorrem na atualidade. *A Hora da Estrela* é uma fotografia do Brasil atual, do migrante nordestino (independente do sexo) que vai em busca de melhores oportunidades em outras cidades e que ainda precisa conviver com certa xenofobia regional, por vezes bem velada, mas que permanece em vigor na mente e na atitude de algumas pessoas, infelizmente.

Assim, pelo exposto, é possível afirmar que o lugar se torna de vital importância para o entendimento de uma nordestina que se desloca em sua geograficidade, sem ter a mínima intimidade com os lugares, porque no fundo é o olhar, as percepções, as vivências e o preconceito do outro que atribuem medos e inquietações a esses espaços pelos quais Macabéa transita.

Mas afinal, qual é o lugar de Macabéa? Macabéa ocupa “apenas” fisicamente os lugares, porém a vida sofrida que teve ainda durante a infância, seus preconceitos internos e a falta de oportunidade são vivências geográficas muito bem marcadas no romance, que é corroborado pelo contexto social de uma cidade, como a do Rio de Janeiro, que recebia uma grande quantidade de nordestinos em virtude do êxodo rural da década de 1970, colocando uma massa de trabalhadores sem qualificação em subempregos e vivendo em moradias precárias (IBGE, 2021).

Conforme colocado por Mello (2011, p. 12), “cabe lembrar, no espetáculo da vida, a escuridão prevalece ao anoitecer. Mas, a aurora, a cada dia, triunfa sobre a obscuridade, abrindo clareiras para os lugares de extrema luminosidade”. Será que Macabéa precisava morrer para ter visibilidade? Será que sua morte seria poesia para uma vida tão embrutecida? Não há uma resposta certa e conclusiva, o certo mesmo é que a vida de Macabéa foi um eterno silêncio em meio às palavras que jamais foram ditas. Não houve grito!

De forma geral, é possível concluir que Macabéa não consegue decodificar o mundo e seus símbolos, sendo apenas um corpo lançado num espaço, cujo lugar é transformado por ela em uma presença topofóbica. Por outro lado, a ausência das representações poéticas (topofilia) se dissipam diante da sua atomização e Macabéa não soube voltar-se para sua condição intersubjetiva. Como afirma Merleau-Ponty (2006, p. 24), “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente, mas não o possuo, ele é inesgotável”.

Vale reiterar que, em se tratando de pesquisa fenomenológica, esta não é capaz de esgotar o assunto abordado, muito pelo contrário, é apenas o pontapé inicial, visto que outras pesquisas podem seguir caminhos diferentes, concordando ou não com esta, e desde que embasadas de forma científica, são válidas e pertinentes.

Assim, a leitura do romance pela perspectiva do lugar geográfico nos possibilitou descortinar as topofobias de Macabéa. Topofobias de um corpo em movimento, marcadas pelas geograficidades de ser no mundo – de **não** ser compreendida, de **não** ser amada, de **não** ser aceita. Ela queria ser apenas Macabéa, e mais nada!

Clarice abre seu romance nos dizendo que, “tudo no mundo começou com um **sim**” (LISPECTOR, 2020, p. 09). E termina a narrativa com apenas um “**sim**” (2020, p. 78). Isso nos permite pensar que existe um efeito cíclico, porque o fim da história mostra-se também um recomeço, visto que as “Macabéas” da vida real continuam na luta, recomeçando a cada dia!

Espero que a leitura desta dissertação tenha reverberado em você novas imaginações geográficas. Uma geografia feita de sensibilidade, de humanidade, de literatura!

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber – em depoimento a Cynara Menezes – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: AMORIM FILHO, Oswaldo B. (Org.). **Percepção Ambiental**: contexto teórico e aplicações ao tema urbano. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, p. 9-20, 1987.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia, topocídio em Minas Gerais. In: DEL'RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental**. A experiência brasileira. São Carlos: EdUFSCAR, 1999, pp.139-152.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n.21-22, p. 67-87, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANDREIS, Adriana Maria. A geograficidade do cotidiano como categoria científico-didática para ensinar e aprender na escola. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia, v. 1, p. 01-19, 2019.
- ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 98-105.
- ANJOS, Augusto dos. **Toda a Poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.
- ANTUNES, N.M.M. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 125-141. Acesso em: 22 nov. 2021.
- ARAUJO, Regina. Do sertão aos pampas: o território da literatura nacional no século XX. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, anos III e IV, ns. 4-5, p. 45-66, 2002-2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARTOLY, Flávio. Debates e Perspectivas do Lugar na Geografia. **GEOgraphia** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, 2011. Acesso em: 14 jul. 2021.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: Um Haussmann Tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.

- BILAC, Olavo. **Poesias**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. – Curitiba: Editora UFPR, 2019. 327p.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2015. 568 p.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Corpo-lugar e as “conchas do homem”: geografia e arte no cotidiano. In: Dozena, Alessandro (Org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77.
- BRUM, Jean Lucas da Silva. **Nos trens da Central**: o caminho enquanto lugar. 2016, 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, p. 165 – 193, 1982 (1976).
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**. v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- CANDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARVALHO, Caê Garcia. Geografia e ontologia: cumplicidade de ser entre sujeito e lugar, ser e espaço. **GEOGRAPHIA**, vol: 24, n. 52, 2022.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. (2020). Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, 16 (31), 191–201.
- CHRISTOFLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 11-36, 1982.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 3 ed. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária - [Tradução: Ida Alves]. **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.

COSTA, Manoel Messias Moraes da. **A Influência do Território na Formação da Identidade na Obra A Hora da Estrela de Clarice Lispector**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos de Andrade - UNIDRADE, Curitiba, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CRESSWELL, Tim. 2013 (2004). **Place: a short introduction**. Hoboken, Nova Jersey: John Wiley & Sons.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. O Geografar de Clarice Lispector. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (Org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 209-226.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Ferida de outono: Sobre literatura, corpo e presentificação da geograficidade. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 243–258, 2020. DOI: 10.5418/ra2020.v16i31.12541.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2019.

ENTRIKIN, John Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FERREIRA, Marcos; COSTA, Otávio. Arte-geografia: o lugar como poética da imagem em Serrinha luz e cores. **Geosp**, v. 25, n. 2, e-181680, ago. 2021. ISSN 2179-0892.

FONSECA, Ludmilla Carvalho. A topofobia em A Hora da Estrela. **Revista Água Viva**, [S.l.], v.1, n.2, 2011.

FREITAS, Rafael Alves de. (FREITAS, R. A.) **Geografia e Literatura: descortinando o conceito de lugar, por entre as janelas de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo – Rio de Janeiro**. 2019. 60 p. Monografia (Graduação em Geografia), UERJ, Rio de Janeiro, 2019.

FREITAS, Rafael Alves de; ARAÚJO, José Silvan Borborema. Interdisciplinaridade no Ensino de Geografia: discutindo o conceito de lugar por meio do romance – “O Cortiço”. **Revista Communitas**, v.4, n. 7, jan-jun, 2020.

FREITAS, Rafael Alves de; PADILHA, Marcela do Nascimento. Geografia e Literatura: um elo possível por meio da obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz. **Revista Geofronter**, Mato Grasso do Sul, V. 06, p. 1-18, out. 2020.

FREITAS, Rafael Alves de. As transformações na paisagem portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso**. 2014. 212 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, tofília e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, pp.117-141, jan./jun. 2002.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Paisagens de névoa e neblina: a imagem literária de paisagens do medo. **Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.1, p.71-93, jan./jun.2018.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. Disponível em http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,habitar,pensar.pdf.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. 2V. 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, jan. 1996.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998, 257 p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. O Lugar na Geografia Humanista. **Revista Território (UFRJ)**, v.4, n.7, p. 67-78, 1999. Acesso em: 05 jun. 2021.

HOLZER, Werther. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural Humanista. **GEOgraphia (UFF)**, v.5, n.10, p. 113-123, 2003. Acesso em: 10 jul. 2021.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-153.

HOLZER, Werther. Sobre territorialidades e lugaridades. **Cidade**. Grupo de Estudos Urbanos. V. 10, n. 17, 2013.

HOLZER, Werther. **Geografia Humanista - Trajetória 1950-1990**. Londrina: EdUEL, 2016.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

IBGE. **Séries Históricas e Estatísticas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/default.aspx>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

LACOSTE, Jean. **A filosofia do século XX**. São Paulo: Papirus, 1992.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érika Vanessa. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.37, v.2, p.27-55, ago./dez. 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Edição especial comemorativa de 40 anos da primeira publicação - Rio de Janeiro: Rocco, 2017, 224 p.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1ª ed - Rio de Janeiro: Rocco, 2020, 87 p.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 103-142, 1982.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n.2, p. 49-64, Inverno 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (org.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. 354p.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **GeoTextos**, vol. 14, n. 2, dezembro 2018. p. 237-254.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Orgs). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

MARTINS; Bruno Guimarães; BERTOL, Rachel. O que nos diz a máquina de escrever? Notas sobre a escrita de um Brasil moderno. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 09-27, dez. 2018/ mar. 2019.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade** – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. 2000, 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n°. 19-20, p. 33-40, Jan/Dez de 2005. Acesso em: 05 jun. 2021.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 167-174, 1993-2008. Acesso em: 28 jul. 2022.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA Geográfica**, ANO V, N°9, jan./jun. de 2011. pp.07-14.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac& Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Travessias da crise (tendências atuais na Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, n°50 – Número Especial – Tomo 02. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, p. 127-150, 1988.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242p.

MORAES, Roque.; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Rev. e Ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. – 264p. – (Coleção educação em ciências).

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia** / Benjamin Moser; tradução José Geraldo Couto — 1a- ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 197p.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 20 (2016), n.3, p. 43-50.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem** – Uma leitura de Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Livia de. Sentidos de lugar e de topofilia. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 91-93, 30 jun. 2013.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 2013. 203f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEÇANHA, Raphael Fischer; RANGÉ, Bernard Pimentel. Terapia cognitivo-comportamental com casais: uma revisão. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 2008, Volume 4, Número 1.

PIDNER, Flora Sousa; ANTONINO, Lucas Zenha; SILVA, Maria Auxiliadora da. Os lugares da memória de Carlos Drummond de Andrade: imagens poéticas de Belo Horizonte (MG). **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 60-72, 2014.

PIRES, Tom Adamenas e. Sete teses sobre a geograficidade. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 29, p. 178–216, 2020. DOI: 10.5418/ra2020.v16i29.10285.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corpografias da cena urbana**: poéticas do habitar marginal / Antônio Carlos Queiroz Filho (Organizador). 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAE e-Books, 2020.

QUEIROZ, Viviane de Aquino. **Clarice Lispector**: Itinerário, influência e a busca do Ser em “A Hora da Estrela”. 2007. 83 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

ROSA, Lais Francielle Costa da.; DORNELES, Aline Machado. Análise Textual Discursiva no estudo da palavra Experiência nas dissertações de mestrado em Educação em Ciências. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 4, n. 3, p. 348-368, 3 mar. 2021.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas*: contributos interdisciplinares à Ecologia Humana. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 39, p. 238-253, e60457, 1 fev. 2022.

SARTRE, Jean. Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1956. 776 p.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. 128 p.

SILVA, Adriana Carvalho. O romance como representação: o Rio de Janeiro de Lima Barreto. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 4, n. 1, jul. 2008. ISSN 1980-4490.

SILVA, Adriana Carvalho. O subúrbio carioca em Dom Casmurro: o diálogo entre Geografia e Literatura como metodologia de ensino de Geografia. In: Encontro de Práticas de Ensino de Geografia da Região Sul, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2014.

SILVA, Joseli Maria. (Org). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Márcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da; CARRETO, Carlos Fonseca Clamote. O Imaginário entre a Geografia e a Literatura. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** - v.9, n.1, p.219-236 (2020).

SILVEIRA, Julienne da Silva; OLIVEIRA, Viviane Cristina. A questão social na obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. **Revista Humanidades e Inovação**. v.07, nº 16, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Geopoéticas do lugar nas margens dos rios Paraopeba e Iguape: artes (contemporâneas) de habitar a terra. In: Dozena, Alessandro (Org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Geografia e Fenomenologia: uma discussão de teoria e método. **Acta Geográfica**, boa vista, v.11, n.27, set./dez. de 2017. p. 149-171.

SUZUKI, Júlio César; SILVA; Adriana Carvalho. **Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes** [livro eletrônico]. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA; Adriana Carvalho (Orgs). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 406 p.

TEZZA, Cristóvão. **O espírito da prosa: uma autobiografia literária**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

TUAN, Yi-Fu. A view of geography. **Geographical Review**, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP - Edusp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Transformações da Feira de São Cristóvão: recriando o lugar do migrante. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, vol. 10, núm. 21, jan-abr, 2011, pp. 81-90.

Apêndice ...e agora sou Mestre!

Os caminhos me conduziram até aqui, e hoje, dia 16 de dezembro de 2022, às 12:00, me tornei mestre em Geografia. Caminhos que ao longo do texto, ao falar sobre a vida de Macabéa, coloquei enquanto lugares em trânsito (de forma implícita) – caminhos percorridos pela personagem. Digo isso porque entendo que a passagem/trajeto é tão importante quanto o destino final. Eu sou o resultado do caminho por onde andei, mas também o resultado das marcas que deixei nele, e que igualmente estão em mim, afinal, a experiência do caminho se faz enquanto lugar - lugar em movimento.

Posso dizer que “sou um pouco Macabéa”, e ter analisado esse romance de Clarice Lispector em plena pandemia foi um grande desafio, porque Clarice nos angustia com sua escrita, mas ao mesmo tempo procurei colocar um olhar empático sobre Macabéa, e me aproximei tanto dela, que materializei a nordestina, muitas vezes ao longo da dissertação, colocando-a como Clarice, ou seja, como sendo uma pessoa só. Como escrito por Fernando Pessoa – “O poeta é um fingidor¹⁸”, e Clarice explora isso muito bem!

Sobre essa questão, Paulo Gurgel Valente, filho de Clarice, escreve – “Nada e tudo são pensados, intuitiva e sugestivamente envolvendo o leitor. Este aqui, pelo menos, absorve, relê, repensa, ri e volta frase por frase, em admiração constante” (LISPECTOR, 2020, p. 87).



Figura 19: Foto da banca examinadora / dia da defesa

Da esquerda para a direita: Eu (Rafael), Adriana, Tiago (na tela da TV), Cristiane e Edileuza.

Participação especial de um esqueleto (Humboldt) bem simpático!

Fonte: Rafael A Freitas, (2022).

E agora, qual o próximo passo? Sinceramente não sei, mas prometo que vou me jogar intensamente nesse mundo em busca de novos caminhos...

...conto como foi em uma próxima oportunidade, quem sabe na tese!

18 Fonte: PESSOA, Fernando. “Nota preliminar”. In: Obra poética. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 69.

Anexo - Uma carta da orientadora para o seu orientando

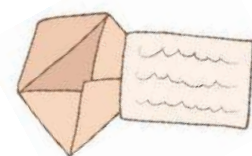
Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer que não sou tão poética e leve quanto o Rafael. Minha escrita aqui irá destoar muito do enredo/forma de escrita dele, que trouxe leveza, poesia, encantamento para um tema tão acadêmico/geográfico.

Rafael me conduziu por um caminho que jamais tinha ousado trilhar - unir Clarice, romance, poesia, geografia e um conceito que me desperta muito interesse: o Lugar. Pensar o lugar a partir do romance foi uma aventura acadêmica fantástica. Conheci o Rafael num momento bem difícil de nossas vidas, pois o mundo estava paralisado à espera de uma vacina que pudesse amenizar os efeitos da COVID-19. Durante esse período, numa tentativa de continuar “pulsando” enquanto Universidade, o nosso grupo de pesquisa lança o projeto de extensão “Geia para além de seus muros: construindo pontes com a sociedade”, um projeto que inicia timidamente com *lives* contando com a participação de integrantes do nosso grupo de pesquisa e ganha uma dimensão enorme com a participação de pesquisadores do Brasil e internacionais. Todos os dias Rafael estava lá, participando e debatendo, sendo que sua presença já era esperada. Até que um dia veio o pedido especial, ser sua orientadora no seu processo formativo do mestrado. Fiquei muito feliz e assustada. Feliz pela oportunidade e desafio que ele me conduzia e assustada porque é uma das temáticas que não são habituais dentro do que venho pesquisando na geografia (apesar de já ter orientado um trabalho relacionado à literatura, mas não com esse viés).

Bem, desafio aceito! Muita pesquisa, muito debate, aprendi muito com ele e com a temática que ele me propôs a refletir. No meio do processo, mudança de tema, porém um novo Rafael me aparece, agora mais maduro e seguro do que realmente vai pesquisar. Ajudar o Rafael nesse processo foi fantástico. Olhar para o Romance “A Hora da Estrela” e perceber as lugaridades tofóbicas da personagem e refletir sobre essa construção na trajetória que poderia ser de qualquer “Macabéa” que representa pessoas que migram, que sofrem, que sobrevivem diante de uma desigualdade social, econômica, ambiental e política foi uma aventura acadêmica fantástica (aventura com o rigor científico/acadêmico, mas conduzido a partir da poesia e do romance).

E então Rafael foi “desovado” com sua defesa brilhante, termo esse que traz o sentido mais lindo que minhas raízes me conduzem, no sentido de um pescador, símbolo do “Manezinho da Ilha de Santa Catarina”, meu lugar de nascimento. A desova de um peixe no oceano traz o sentido de ser conduzido para o oceano (para a vida), onde sua trajetória inicia, de uma forma brilhante em um universo aquático a ser explorado e vivenciado. Desovar é jogar para vida!!! É nascer academicamente falando. E isso ele conseguiu demonstrar em sua trajetória, por isso, nade nesse oceano, explore tudo que ele possa te proporcionar. E sempre volte ao lugar de origem para que possa se fortalecer e relembrar suas raízes. O GEIA e o *ClimaEnGeo* farão sempre parte de seus lugares no mundo. Tenha um nado lindo!!! Agora é hora de você brilhar, é a sua hora de ser a estrela, a estrela mais brilhante desse oceano que você pretende desbravar!

Cristiane Cardoso
Cristiane Cardoso





COORDENAÇÃO DO PPGGEO-UFRRJ

Prédio da Geociências, Sala 15-E
Departamento de Geografia
BR 465 – KM 7 (Antiga Estrada Rio-São Paulo)
Seropédica – RJ – Brasil
CEP: 23897-000


CONTATO

ppggeo.ufrj.secretaria@gmail.com

Telefone: (21) 2681-4980

CONTATO DO AUTOR

uerj.raf@gmail.com / rafgeo@ufrj.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9050-5939>

ID Lattes: [8930068948483741](https://lattes.cnpq.br/8930068948483741)

APOIO:

